



SAÚDE MENTAL

PB registra maior alta do país na venda de antidepressivos

Estado teve aumento de 17% na comercialização desses remédios em 2023, mais que a média nacional. **Página 5**



Foto: Roberto Cuedes

Homens são maioria na população de rua em JP

Mais de 84% das pessoas que vivem nessa situação, na capital, são do sexo masculino, segundo dados do Governo Federal; motivos incluem desemprego e vícios. **Página 6**

■ “Nesse conflito, avalie-se o que tive de aturar, no esquadismo da idade e da minha condição, ter de traduzir literal e fielmente o noticiário da agência dos Associados no ano em que Getúlio é levado ao suicídio!”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ “Não há nenhum demérito em se afirmar que o Quinteto da Paraíba ‘bebeu’ sua inspiração nas mesmas águas do Quinteto Armorial. Afinal, os dois grupos advêm de uma mesma fonte da imaginação culturalmente fértil de Ariano Suassuna”.

Francelino Soares

Página 27

Foto: Renato Nascimento/Divulgação



Personagens do icônico “Cidade de Deus” voltam em série baseada no filme

Dirigido por Aly Muritiba e com Fernando Meirelles como produtor, o seriado estreia hoje na HBO. A primeira temporada tem seis episódios, que serão lançados semanalmente.

Página 9



Ilustração: Bruno Chiozzi

Número de candidatos negros bate recorde na PB

De acordo com o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), 63,69% dos postulantes no estado se autodeclararam pretos ou pardos.

Página 13



Pensar

Alotriofagia, picadismo e síndrome de pica se referem a um mesmo comportamento alimentar que pode levar indivíduos a consumir, em grande volume, objetos que não são alimentos, sem valor nutricional. O assunto é o tema desta edição do suplemento.

Páginas 29 a 32

Editorial

Estado e segurança

O tema da segurança pública tornou-se um dos mais presentes no Brasil no que diz respeito às demandas populacionais. Os crescentes índices indicam que a violência se alastra por diversas localidades do país, desde as grandes cidades até municípios menores. Diante dessa realidade, fazem-se cada vez mais necessárias medidas e dispositivos voltados a prevenir e coibir os crimes, sobretudo aqueles que atingem diretamente a vida das pessoas.

Em meio a esse contexto, a responsabilidade dos governos como garantidores de bem-estar, portanto, mostra-se mais necessária. As pessoas, de modo geral, têm cobrado dos governantes cada vez mais políticas públicas direcionadas à segurança, projetos e ações efetivas que abrandem o medo cotidiano.

Alguns caminhos através dos quais se procura resolver tais dificuldades, embora não sejam os únicos, relacionam-se com o aumento do contingente policial nas cidades, o investimento em equipamentos que oferecem suporte para a execução do trabalho, bem como um preparo atencioso e humanizado desses profissionais responsáveis, tanto por investigações minuciosas quanto pela ação diária de acompanhamento cidadão.

O governador da Paraíba participou, durante a semana, de dois eventos que impactarão diretamente na área de segurança do estado. Na segunda-feira (19), esteve presente na formatura da segunda turma do curso de formação da Polícia Civil, responsável pela capacitação de 426 futuros agentes especializados em áreas diversas. Eles compõem uma parte dos 1.400 aprovados na última seleção feita para a instituição. O líder do Executivo paraibano aproveitou a ocasião para assinar a convocação dos concursados, que acontecerá em duas etapas, uma no dia 19 de novembro e outra em 17 de dezembro.

A segunda cerimônia foi a aula inaugural de concursados da Polícia Militar e Corpo de Bombeiros, que aconteceu na terça-feira (20). A solenidade apresentou os 802 futuros soldados da Polícia Militar paraibana (PMPB) e do Corpo de Bombeiros que formarão a primeira turma de aprovados no último concurso público. Em meio a outras iniciativas, como a homenagem ao patrono da PMPB, o coronel Elísio Sobreira, e a entrega de mais de 50 medalhas de mérito a personalidades civis e militares responsáveis pelo desenvolvimento da polícia local, o governador anunciou a entrega de diversos equipamentos para auxiliar e contribuir na melhor execução do trabalho da corporação no estado.

Resolver os problemas relativos à segurança pública é um desafio permanente de gestores que se preocupam com a vida. Aumentar o contingente policial e investir em equipamentos e cursos educativos e humanizados são alguns passos de um percurso que é tortuoso, longo e requer muito empenho. Essa trilha está sendo transitada pelo atual governo, e não à toa os frutos estão sendo colhidos. Pelo quarto ano consecutivo, a Paraíba foi reconhecida pelo Centro de Liderança Pública como o estado mais seguro do Norte e Nordeste, de acordo com o Ranking de Competitividade dos Estados.

Artigo

Rui Leitão
rleitao@hotmail.com

O retrocesso na Educação

Com o advento do Golpe de 1964, os militares que tomaram o poder autorizaram, até 1968, 12 acordos do MEC (Ministério de Educação e Cultura) com a Usaid (United States Agency for International Development). Tinham como objetivo promover uma profunda reforma no ensino brasileiro e a implantação do modelo norte-americano nas universidades brasileiras. Assesores americanos foram contratados para auxiliar nas reformas da educação pública, em todos os níveis de ensino.

O movimento estudantil, ao tomar conhecimento dos termos dos acordos, que foram mantidos em segredo por quase dois anos, reagiu em protesto, contra a intervenção norte-americana na política educacional brasileira. O então deputado Márcio Moreira Alves, do Rio de Janeiro, chegou a denunciar que é “a primeira vez, ao que se saiba, que o planejamento educacional de um país é objeto de sigilo para o próprio povo que o utilizará”. Alguns pontos mereciam fortes críticas, quando da percepção de que o propósito inicial era de privatizar as escolas públicas, bem como a retirada dos currículos escolares matérias consideradas obsoletas, como Filosofia, Latim e Educação Política e a diminuição da carga horária da disciplina História. Algo parecido com o que se viu em tempos recentes em nosso país.

O Regime Militar instaurado após o dia 31 de março de 1964 entendeu que se fazia necessária uma “mudança ideológica” no ambiente estudantil. Para isso foi em busca de auxílio dos Estados Unidos. Em 1967, como resultado desses acordos, foi determinada a reforma em todos os níveis de ensino no Brasil, impondo, inclusive, a obrigatoriedade do ensino da língua inglesa desde o primeiro ano escolar. Com a reforma universitária, definida em 1968, ficava explícito que o governo procurava impor medidas disciplinares de controle do pensamento crítico das classes estudantis.

O imperialismo norte-americano fincava raízes entre nós, ferindo princípios básicos da nacionalidade. Ora, na compreensão de que a educação é um instrumento de independência, não poderia ser

ela planejada e dirigida por técnicos que não conheciam a nossa realidade. Impossível concordar com a famosa frase do ex-chanceler Juracy Magalhães, de que “o que é bom para os Estados Unidos é bom para o Brasil”. Os acordos MEC/Usaid se configuravam como uma entrega da soberania nacional e um acumplicamento ao esquema de dominação americana em nosso país.

A manifestação contrária da juventude universitária diante desses acordos que se apresentavam como crimes de lesa-pátria era perfeitamente compreensível. O governo, por sua vez, utilizou toda a sua força de opressão para limitar a revolta estudantil contra os acordos MEC/Usaid. Os estudantes tornaram-se delegados do povo nas ruas, protestando contra, fazendo valer uma frase escrita nos muros da Sorbonne: “Seja realista. Peça o impossível”. Foi, sem dúvidas, uma luta desigual, mas preponderava a compreensão de que “sem sonhos, o futuro ideal nunca será construído”.

“

O movimento estudantil, ao tomar conhecimento dos termos dos acordos, que foram mantidos em segredo por quase dois anos, reagiu em protesto

Rui Leitão

Foto Legenda

Julio Cezar Peres



Uns cantam, outros dançam

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Lembranças de um tradutor de telegrama

A carteira do trabalho é de março de 1954, quando o ministro Goulart propõe ao governo 100% de aumento ao salário mínimo. Eu traduzia telegrama no jornal O Norte e ganhava o mínimo, sem carteira, como revisor. Ganhava pouco, bem aquém do necessário, mas com leitura e intuição suficientes para invejar o texto enxuto, sem excrecência nem conectivos importados via radiotelegrafia. Em entrevista para as “Memórias” de A União, Rubens Nóbrega, 22 anos depois de mim, também festeja a mesma experiência. Ler copiando nos atém muito mais ao significado ou valor de cada palavra ou construção, parecendo impregnar-se mais seguramente em nossa experiência cognitiva. Para o antigo tradutor, quando o *lead* chegou às nossas redações, já nos encontrou meio desasnados pelas agências internacionais de notícia, que fal-seavam no conteúdo, mas nos iniciava na concisão e na forma.

Nesse conflito, avalie-se o que tive de aturar, no esquerdismo da idade e da minha condição, ter de traduzir literal e fielmente o noticiário da agência dos Associados no ano em que Getúlio é levado ao suicídio! Getúlio que a marchinha de João de Barro e Zé Maria de Abreu nos levava a chamar e cantar Gegê (“Ai, Gegê! Que saudades que nós temos de você”). Foram dois anos de mortificação de um ideário nascente a se confrontar com o radicalismo furioso das principais figuras do noticiário, encabeçadas por Lacerda, Bilac Pinto, Afonso Arinos e o próprio Chateaubriand, que tanto se servira das atenções de Getúlio. Isso exatamente no ano em que passo para dentro as “Memórias do Cárcere” e o relato de ninguém menos que o próprio Graciliano em sua viagem de inspeção ideológica à então URSS. O velho Graça se impressionara com a antiga menina de descendência czarista, princesa do antigo regime, de braços dados com colegas enfermeiras e assistentes sociais numa colônia de férias para operários.

É o 24 de agosto que o sábado de ontem me lembra, 70 anos da madrugada em que tentei descrever em *Café Alvear*, vivendo ao pé do rádio, minuto a minuto, os acontecimentos que terminaram no suicídio do presidente. A última página já fechada, ninguém mais no jornal a não ser o impressor, e vem a chamada brusca rompendo o programa de clássicos leves da

“

Vargas era um predestinado. Candidato em 1950, ele sabia, convicto, do que o esperava

Gonzaga Rodrigues

Mairink Veiga para a movimentação inusitada no Palácio do Catete. (...) Encarregado do noticiário nacional, eu vinha acompanhando vivamente a corrente dos fatos e das falas que saíram comendo, desde a morte do repórter Nestor Moreira ao atentado a Carlos Lacerda, o cenário turbulento que a Tribuna da Imprensa e o coro dos demais jornais passaram a chamar de “mar de lama”.

Vargas era um predestinado. Candidato em 1950, ele sabia, convicto, o que o esperava: “Tenho plena certeza de que serei eleito, mas sei também que, pela segunda vez, não chegarei ao fim do meu governo” — previu como candidato em entrevista à Folha da Noite de S. Paulo: “Até onde resistirei? Se não me matarem, até que ponto meus nervos poderão aguentar? Não poderei tolerar humilhações... O Brasil ainda não conseguiu sua independência econômica e, neste sentido, farei tudo para conseguir-lo. Serei combatido sem tréguas. Eles, os grupos internacionais, não me atacam de frente, usarão outra tática mais eficaz. Subvencionarão os brasileiros inescrupulosos...”.

E o mais, todos sabem. Uns por ouvir dizer, outros pelo registro histórico, grande parte esquecida do visto por Darcy Ribeiro como o “supremo ato político da história brasileira”.

“Lutei contra a espoliação do Brasil. Lutei contra a espoliação do povo. O ódio, as infâmias, a calúnia não abateram meu ânimo. Eu vos dei a minha vida. Agora vos ofereço a minha morte. Nada receio. Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na história”.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042

Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762

ENARE 2024/2025

Paraíba terá 201 vagas para Programas de Residência

Inscrições vão até o dia 5 de setembro para profissionais da área de saúde

Paulo Correia
 paulocorreia.epc@gmail.com

Estão abertas, até o dia 5 de setembro, as inscrições da quinta edição do Exame Nacional de Residência (Enare) 2024/2025 para o preenchimento de vagas em Programas de Residência de instituições públicas e privadas, sem fins lucrativos. Os programas são voltados aos médicos e aos diversos profissionais da saúde, como enfermeiros, fisioterapeutas e farmacêuticos. Com 8.721 vagas em 163 instituições de todo o país, os candidatos poderão realizar as provas em mais de 60 cidades, incluindo todas as capitais e cidades estratégicas no interior dos estados.

De acordo com informações divulgadas pela organização do certame, a Paraíba oferecerá 201 vagas voltadas aos programas de Residência Médica, distribuídas em 47 programas nas cidades de Cabedelo, Campina Grande, Cajazeiras e João Pessoa. Para os programas de Residência Multi e Uniprofissional serão oferecidas 121 vagas, distribuídas em 66 programas nos municípios de João Pessoa e Campina Grande. As instituições participantes são o Fundo Municipal de Saúde de Cabedelo; o Hospital Universitário Júlio Bandeira (Cajazeiras); o Hospital Universitário Alcides Carneiro (Campina Grande); a Escola de Saúde Pública da Paraíba ESP-PB (João Pessoa); e a Universidade Federal da Paraíba (João Pessoa).

Segundo Vanessa Cintra, diretora-geral da Escola de Saúde Pública da Paraíba (ESP-PB), a participação da instituição é inédita, o que proporciona uma “apresentação, em cenário nacional, dos nossos progra-

mas e das possibilidades de vagas aqui existentes”. A diretora também enfatizou a participação no Enare para o fortalecimento dos programas de residência da ESP-PB, assim como para aproximação e articulação com outras instituições do país. “Entendemos que o Enare é um processo seletivo robusto, que envolve outras instituições em nível nacional, e a nossa adesão se dá na lógica de fortalecimento dessa estratégia junto a outras instituições do país”, destacou a diretora.

“

Entendemos que o Enare é um processo seletivo robusto, que envolve outras instituições em nível nacional

Vanessa Cintra

De acordo com Pedro Rodrigues, chefe do Núcleo de Residências em Saúde da ESP-PB, a formação oferecida em residências são “modalidades de formação em pós-graduação *lato sensu* desenvolvidas para promover a aproximação da formação profissional em saúde com as realidades sociais no contexto SUS [Sistema Único de Saúde]”. Segundo o supervisor, a ESP-PB oferece, atualmente, 23 programas de residência, sendo 18 de residência médica, três de uni-



Pedro Rodrigues é chefe do Núcleo de Residências da ESP-PB

profissional e dois de multiprofissional, devidamente aprovados e em execução.

Segundo a assessoria da Ebserh, a última edição do Enare registrou 68.300 inscritos, divididos em 36.555 para a área médica e 31.745 para a residência uni e multiprofissional. No total, foram disponibilizadas 5.187 vagas, distribuídas em 3.169 na área médica e 2.018 nas modalidades uniprofissional e multiprofissional, oferecidas por 114 instituições de todo o país.

O Enare é promovido pela Ebserh, empresa pública vinculada ao Ministério da Educação (MEC), e tem a Fundação Getúlio Vargas (FGV) como banca organizadora. Maiores infor-

mações no site do Enare, pelo telefone 0800 591-3078 ou pelo e-mail exame.enare@fgv.br. O horário de atendimento é de segunda-feira a sexta-feira das 9h às 18h, exceto em feriados nacionais.

■ O Enare é promovido pela Ebserh, empresa pública vinculada ao Ministério da Educação (MEC), e tem a Fundação Getúlio Vargas (FGV) como banca organizadora

UN Informe DA REDAÇÃO

MINISTÉRIO DAS CIDADES ANUNCIA NOVAS UNIDADES DO MINHA CASA, MINHA VIDA NA PARAÍBA

Novas portarias assinadas pelo ministro das Cidades, Jader Filho, e publicadas no Diário Oficial da União da última sexta-feira (23) autorizaram a contratação para a construção de 8.086 novas unidades habitacionais do Minha Casa, Minha Vida (MCMV). Ao todo, 30 municípios de 17 estados serão atendidos, em um investimento que totaliza R\$ 1,3 bilhão. Serão beneficiados 32 mil brasileiros, com moradias dignas na modalidade subsidiada pelo programa do Governo Federal. Para a região Nordeste, serão destinadas 4.035 unidades habitacionais, sendo 344 na Paraíba. Também estão incluídos, nos investimentos do Governo Federal, os estados da Bahia (1.882 moradias), Ceará (240), Maranhão (596), Pernambuco (150), Piauí (529), Rio Grande do Norte (198) e Sergipe (96). Na região Norte, serão contratadas 2.571 unidades habitacionais, repartidas entre os estados do Pará (2.016), Amapá (304), Roraima (119), Acre (100) e Amazonas (32). Na região Sudeste, serão 1.384 novos empreendimentos, espalhados por Minas Gerais (874), Rio de Janeiro (288) e São Paulo (222). Por fim, na região Sul, 96 moradias serão construídas na cidade de Cascavel, no Paraná.

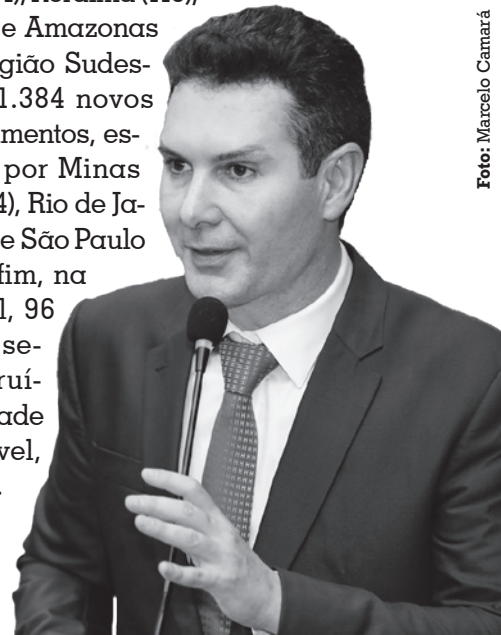


Foto: Marcelo Câmara

SISTEMA INDISPONÍVEL

A Diretoria de Tecnologia da Informação do Tribunal Regional Federal da 5ª Região (TRF5) informou que o sistema PJe 1.x ficará indisponível a partir das 6h de hoje. A indisponibilidade do serviço se deve a modificações no sistema para garantir a implantação e o funcionamento do Juiz das Garantias na Justiça Federal de Primeiro Grau da 5ª Região, que entrará em vigor amanhã, de acordo com a Resolução Pleno nº 9/2024.

VACINA ERRADA

A Quarta Câmara Cível do Tribunal de Justiça manteve a decisão que condenou o município de Lucena ao pagamento de indenização de R\$ 5 mil, por danos morais, em virtude de ter aplicado vacina errada em um menor de idade. Conforme consta no processo, a equipe de saúde do município aplicou na criança vacina para prevenção da Covid-19, da marca Pfizer, destinada aos adultos.

PROCURADOR RECONDUZIDO

O advogado paraibano Marcos Souto Maior foi reconduzido ao cargo de procurador do Superior Tribunal de Justiça Desportivo de Futebol (STJD) pelo quadriênio 2024/2028. O paraibano tem larga experiência no Direito Desportivo, tendo exercido assessoria jurídica da Federação Paraibana de Futebol. Também atuou com Presidente do Tribunal de Justiça Desportivo de Futsal na Paraíba.

ENCONTRO DE NEGÓCIOS

A capital paraibana se prepara para receber, no dia 5 de novembro, o Encontro de Negócios das Américas (Econ), um evento que promete fortalecer laços comerciais entre o Brasil e os Estados Unidos. A Associação de Empresários e Usuários de Tecnologia da Paraíba (Sucesu-PB) está apoiando a iniciativa, destacando a importância do encontro para o desenvolvimento econômico regional.

INAUGURAÇÃO DE COMITÊ

O vereador Odon Bezerra (PSB) enviou convite à imprensa para o lançamento oficial de sua campanha para a Câmara Municipal, na terça-feira (27), no Priscilla's Hall, a partir das 17h30. O evento já tem garantidas as presenças do prefeito Cícero Lucena e do vice-prefeito Leo Bezerra. “Estarei reunindo a militância para uma plenária, anunciando a nossa meta de ações para renovação do mandato”, disse Odon.

GABINETE ITINERANTE DO INCRA VISITA ASSENTAMENTOS

O Gabinete Itinerante do Incra na Paraíba visitou, na última semana, três assentamentos nas regiões do Agreste, da Borborema e do Sertão do estado. O objetivo das visitas foi conhecer as prioridades das áreas de assentamento e informar as famílias assentadas sobre as ações com vistas à concessão dos créditos Semiarido e Habitação e à emissão de Títulos de Domínio (TDs), ou seja, os chamados “títulos definitivos”, que garantem aos assentados a propriedade definitiva de seus lotes.

Sistema de classificação é semelhante ao Sisu

Existem três tipos de acesso às vagas do Enare — direto; pré-requisito, especialidade ou área de atuação e ano adicional — com critérios específicos para o seu preenchimento. Nas vagas de acesso direto, o candidato deve ter concluído ou estar em processo de formação em medicina. Nas de pré-requisito, especialidade ou área de atuação, o candidato deve ter concluído ou estar em processo de conclusão de um programa de residência médica condicionante ao ingresso em outra especialidade ou áreas de atuação. Finalmente, nas vagas de ano adicional, o candidato deve ter concluído ou estar em processo de conclusão de um programa de residência do pré-requisito condicionante.

O sistema de classificação adotado para o Enare é semelhante ao Sistema de Seleção Unificada (Sisu) adotado pelo Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), no qual a mesma prova é utilizada para diversos programas oferecidos pelo exame. No caso do Enare, o processo de seleção é realizado em duas etapas, sendo a primeira a aplicação das provas e

a segunda com a análise de currículo do candidato, resultando numa nota final.

Segundo a assessoria da Ebserh, após a realização das provas, o participante escolhe onde pretende realizar a residência. Para a residência médica, o candidato escolhe a especialidade ao se inscrever e, após a realização da prova, opta pelo local, conforme pontuação alcançada. Já na modalidade multiprofissional e uniprofissional, o candidato escolhe a profissão no ato da inscrição e, após a realização da prova, opta pelo programa e local, conforme pontuação alcançada.

Etapas

No caso do Enare, o processo de seleção é realizado em duas etapas, sendo a primeira a aplicação das provas e a segunda com a análise de currículo do candidato

Cronograma geral

- 7/8 a 5/9/2024 - Período de inscrição
- 20/10/2024 - Aplicação do exame
- 20/12/2024 - Resultado do exame escrito
- 7/1/2025 - Resultado da análise curricular
- 21/1 a 22/1/2025 - 1ª oportunidade
- 24/1 a 27/1/2025 - 2ª oportunidade
- 29/1 a 30/1/2025 - 3ª oportunidade

Fique sabendo

Dados sobre os programas oferecidos Residência Médica

- Nacional:
- Programas: 1.332
 - Vagas ofertadas: 4.875
 - Vagas reservadas para militares: 114

Paraíba:

- Programas: 47
- Vagas ofertadas: 201
- Vagas Ampla Concorrência: 145
- Vagas PNP: 36
- Vagas PCD: 14
- Vagas Indígenas: 3
- Vagas Quilombola: 3
- Vagas Reserva Militar: 2

Cidades onde são oferecidos os programas: Cabedelo, Campina Grande, Cajazeiras e João Pessoa

Celso Sabino

Ministro do Turismo

“A Paraíba é um polo para movimentar a economia pelo turismo”



Foto: Roberto Castro/MTur

Ministro fala sobre feirão que oferta descontos em pacotes de viagem e destaca investimento de R\$ 122 mi na Paraíba

Renata Ferreira
renataferreira@epc.pb.gov.br

O turismo na Paraíba tem ganhado destaque nacional e apresentado um sólido crescimento que vem ajudando a impulsionar a expansão da economia do estado. Segundo boletim técnico da Usina de Dados do Sebrae-PB, o número de empresas formais ligadas ao setor no mercado paraibano aumentou 73,5% nos últimos seis anos. Pesquisa da FecomercioSP mostrou que, no mês de maio, o faturamento do turismo do estado chegou a R\$ 80,3 milhões, 2,1% superior ao registrado no mesmo período de 2023. O resultado segue no mesmo passo da expansão do turismo nacional, que cresceu 1,9% em maio, melhor desempenho para o mês desde 2019, com um faturamento total de R\$ 15,7 bilhões. Para garantir a intensidade do fluxo turístico no período de baixa temporada, o Ministério do Turismo está realizando, desde ontem, o 1º Feirão do Turismo: Conheça o Brasil, que oferece descontos especiais em passagens e pacotes de viagem.

Em entrevista exclusiva ao Jornal **A União**, o ministro Celso Sabino fala sobre o projeto, organizado em parceria com o Conselho Nacional do Turismo e secretarias estaduais. O feirão busca tornar as belezas e a cultura do país mais acessíveis aos brasileiros, com o objetivo de alcançar 150 milhões de viajantes até 2027. No primeiro dia, o evento ocorreu de forma presencial em 17 estados do país, incluindo a Paraíba (na sede da PBTur, em João Pessoa). As ações continuam hoje e amanhã, mas agora no modelo virtual. Para conferir os benefícios, o consumidor deve acessar o [site](http://site.feirao.turismo.gov.br) feirão.turismo.gov.br. O ministro Celso Sabino também enfatiza os investimentos do Governo Federal no estado, incluindo o Polo Turístico Cabo Branco e o Centro de Convenções de Campina Grande, além do apoio financeiro por meio do Fungetur. Ao todo, segundo ele, o Ministério atualmente é responsável por R\$ 122 milhões em investimentos em diversas obras nos municípios paraibanos. Segundo Sabino, essas ações demonstram o compromisso em fortalecer o turismo na Paraíba e em outras regiões emergentes, garantindo um desenvolvimento sustentável e inclusivo para o setor.

A entrevista

■ O ministério deu início neste sábado ao Feirão do Turismo que promete preços especiais para passagens e pacotes de viagens. Como isso vai funcionar?

O 1º Feirão do Turismo: Conheça o Brasil é uma grande ação nacional para oferecer descontos e vantagens especiais para que os brasileiros possam conhecer, cada vez mais, o nosso país, em especial durante a baixa temporada. Essa é uma iniciativa do Ministério do Turismo, em parceria com o Conselho Nacional do Turismo e as secretarias de Turismo dos estados. Queremos que, cada vez mais, pessoas possam visitar nossos destinos, que são belíssimos, aproveitar nossa gastronomia fantástica e tudo que o turismo pode oferecer.

■ A Paraíba está entre os destinos turísticos a serem explorados no âmbito do Feirão do Turismo? E onde a ação vai acontecer aqui no estado?

Com certeza. Nós estamos com uma parceria com a se-

cretaria de Turismo da Paraíba justamente na perspectiva de comercializar diversos destinos brasileiros para a população da Paraíba. Aqui em João Pessoa, os consumidores poderão ir até a PBTur, no bairro de Tambaú, para conhecer, tirar dúvidas e comprar a sua viagem dos sonhos pelo Brasil.

■ As companhias aéreas venderão só voos nacionais ou internacionais também?

Essa ação é uma estratégia para promover os destinos turísticos nacionais, ou seja, o feirão tem o objetivo de facilitar e incentivar as viagens dos brasileiros pelo Brasil, de forma a contribuir para o aumento de viagens domésticas, em especial durante a baixa temporada.

■ Onde as pessoas vão poder encontrar as ofertas?

As secretarias de Turismo dos estados participantes, parceiras nesta ação, vão publicar em seus sites a lista das empresas cadastradas na ini-

“

O nosso objetivo principal é [...] chegar aos 150 milhões de brasileiros viajando pelo Brasil até 2027

ciativa. Então, para aproveitar todos os benefícios, o consumidor deve ficar atento às informações disponíveis no site do evento: feirao.turismo.gov.br.

■ Quais são as expectativas do Ministério em termos de adesão do público e de impacto econômico para o turismo nacional?

O nosso objetivo principal é de movimentar o turismo no país e chegar aos 150 milhões de brasileiros viajando pelo Brasil até 2027, atendendo a uma das metas do Plano Nacional do Turismo 2024-2027, com foco de tornar o setor protagonista do desenvolvimento sustentável e socialmente inclusivo do país. É uma oportunidade inédita, uma vez que serão realizadas ofertas únicas em diversos produtos e serviços turísticos.

■ Vocês têm uma ideia de até quanto pode ser a economia de quem aproveitar as facilidades do feirão? Existe um limite de passagens ou de passeios que o consumidor pode adquirir?

Isso vai depender muito, pois cada empresa definirá sua forma de atuação no Feirão. Por exemplo, ela pode aplicar desconto em algum pacote de viagem ou fazer um “compre um, leve dois”, dar diárias extras, entradas e passeios gratuitos, milhas adicionais ou descontos. Então, isso fica a critério do fornecedor. O nosso objetivo é dar mais oportunidades para que cada vez mais turistas visitem o Brasil.

■ No início deste mês, a CVC anunciou que a venda de pacotes

para a Paraíba, em julho, aumentou 45% em comparação a julho de 2023. Dentro do contexto nacional de promoção do turismo, como o Ministério encara o desempenho do setor na Paraíba?

A Paraíba é um estado belíssimo, com diversos atrativos naturais, gastronômicos e culturais, praias maravilhosas e um São João tradicional que movimenta o setor todos os anos. Tudo isso impulsiona o turismo, atraindo turistas de todo o Brasil e até mesmo de fora do país. Por isso temos investido no turismo paraibano. No início do ano, estive em Campina Grande para levar ações do Ministério do Turismo com o “MTur Itinerante”, onde falamos sobre o Fungetur, que oferece linha de créditos especiais para empreendimentos do setor com juros de 8% ao ano. Então, é um mecanismo importante para ajudar o micro e pequeno empreendedor a ampliar sua pousada, melhorar seu hotel, construir uma nova cozinha, adquirir novos mobiliários.

Estive nas obras do Polo Turístico Cabo Branco, projeto que destina 21 lotes para o desenvolvimento do maior complexo turístico planejado do Nordeste e que é um dos projetos incluídos no nosso Portal de Investimentos do MTur.

Também visitei as obras de construção do Centro de Convenções de Campina Grande, que contam com um investimento federal de R\$ 51

milhões. O espaço, erguido em parceria com Governo do Estado da Paraíba, vai impulsionar a ampliação do turismo de negócios e eventos na região. Todos esses investimentos mostram o compromisso do Governo Federal com o estado, pois acreditamos que a Paraíba é um polo importante para movimentar a economia através do turismo. Ao todo, o Ministério do Turismo tem R\$ 122 milhões em investimentos em diversas obras, de diversos municípios aqui no estado.

■ Existem estratégias específicas sendo planejadas para promover o turismo regional durante o Feirão? Como o Ministério pretende valorizar as atrações turísticas do Nordeste?

Como o Estado da Paraíba foi um dos que aderiram a esse movimento nacional, as empresas de turismo locais vão poder divulgar atrações e produtos turísticos nordestinos que são sempre muito populares entre os turistas. Quem não quer curtir as praias quentinhas do Nordeste brasileiro? E, como o Feirão vai acontecer em todo o país de forma on-line, pessoas de outras regiões também poderão adquirir passagens aérea e pacotes de viagens para o Nordeste.

■ Como o Ministério está trabalhando para garantir que as ofertas e descontos disponíveis durante o Feirão do Turismo beneficiem tanto os turistas quanto as regiões turísticas do Brasil, especialmente em termos de distribuição de fluxo turístico para destinos emergentes?

O Ministério do Turismo está promovendo o Feirão do Turismo de forma estratégica, incentivando tanto os turistas quanto as regiões emergentes. Para isso, estamos incentivando as viagens em período de baixa estação. Toda essa ação é pautada para fechar parcerias com companhias aéreas, hotéis e operadoras de turismo para oferecer descontos e pacotes competitivos para esses locais. Além disso, o Ministério do Turismo investe na infraestrutura das regiões emergentes e capacita a mão de obra local, garantindo que o aumento do fluxo turístico gere desenvolvimento econômico sustentável em todo o país.

“

A Paraíba é um estado belíssimo, com diversos atrativos naturais, gastronômicos e culturais

ANTIDEPRESSIVOS

PB teve maior alta de uso em 2023

Estado apresentou aumento de 17%, em relação a 2022; nos primeiros cinco meses deste ano, ficou em terceiro lugar

Marcella Alencar
marcella.t.alencar@gmail.com

Há dois anos, o estudante Reynolds Araújo, que faz o curso de Psicologia na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), começou a tomar antidepressivo. Com a decisão, ele passou a adensar um número crescente, que coloca a Paraíba em primeiro lugar no aumento do uso de antidepressivos no Brasil. De 2022 a 2023, esse uso cresceu 17%, seis pontos percentuais a mais que a média brasileira (11%). Neste ano, o estado ainda não saiu do pódio, figurando em terceiro lugar, entre janeiro e maio, com 15%. Os números não são uma tendência apenas local, mas global, conforme dados da Organização Mundial de Saúde (OMS).

De acordo com Walleri Reis, consultora do Conselho Federal de Farmácia

(CFF), esse processo de adoecimento mental já vem ocorrendo há muitos anos, mas ficou proeminente com a experiência da pandemia de Covid-19. “No processo entre o período anterior e posterior à pandemia, a Paraíba teve em torno de 60% de aumento no consumo de antidepressivo”, afirma. Para ela, que também é farmacêutica e professora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), esses números falam sobre estilo de vida, características genéticas e demais fatores que predis põem uma pessoa ao adoecimento mental.

Corroborando o que se observa nos dados, a psiquiatra Raíssa de Alexandria, que atua no Hospital Universitário Lauro

Wanderley, da UFPB, e também em clínica particular, vê aumento do uso na prática clínica. “Não raramente, quando pergunto sobre o início dos sintomas, os pacientes remetem aos anos do *lockdown*. E, de fato, esse registro de aumento de casos de depressão e ansiedade a partir da crise sanitária e econômica que tivemos está bem estabelecido”, diz.

A escolha pela medicação, para o estudante Reynolds, não foi fácil, pois a sua trajetória no curso de Psicologia foi permeada por uma percepção crítica em relação ao uso. “Foram três anos de relutância. A gente tem uma formação crítica quanto à

utilização de remédios. A possibilidade de transformar a relação do sofrimento e do sujeito pode ter vários ângulos, e todos eles antecedem o uso do remédio. Mas cheguei a um ponto em que somente a terapia não me ajudaria”, reconhece.

Fatores

Entre os especialistas entrevistados, há um consenso em relação aos vários fatores estressores que agravam o uso desses medicamentos. Eles são parte do contexto social amplo em que vivemos. “Desigualdade social, violência e vulnerabilidade econômica estão relacionadas ao risco de transtornos psiquiátricos. Isso é uma evidência consagrada na li-

teratura científica”, pontua a psiquiatra.

Outros fatores também incorrem no uso elevado de medicamentos. A psicóloga clínica Raíssa Ramos, que atua em Campina Grande, diz que tem se tornado cada vez mais popular o autodiagnóstico, pois o sentimento de estranheza a certas questões criam um conteúdo em comum — em redes sociais, por exemplo. “É possível notar o quanto esses discursos se popularizaram na internet e como isso pode ser tratado por medicação, especialmente depois da experiência pessoal e coletiva da pandemia. Isso trouxe a possibilidade da medicação mais para perto das pessoas. Devido a esse motivo, acabo recebendo muita gente que já faz uso ou que está interessada em fazer”, observa.

Antidepressivos e estabilizadores de humor

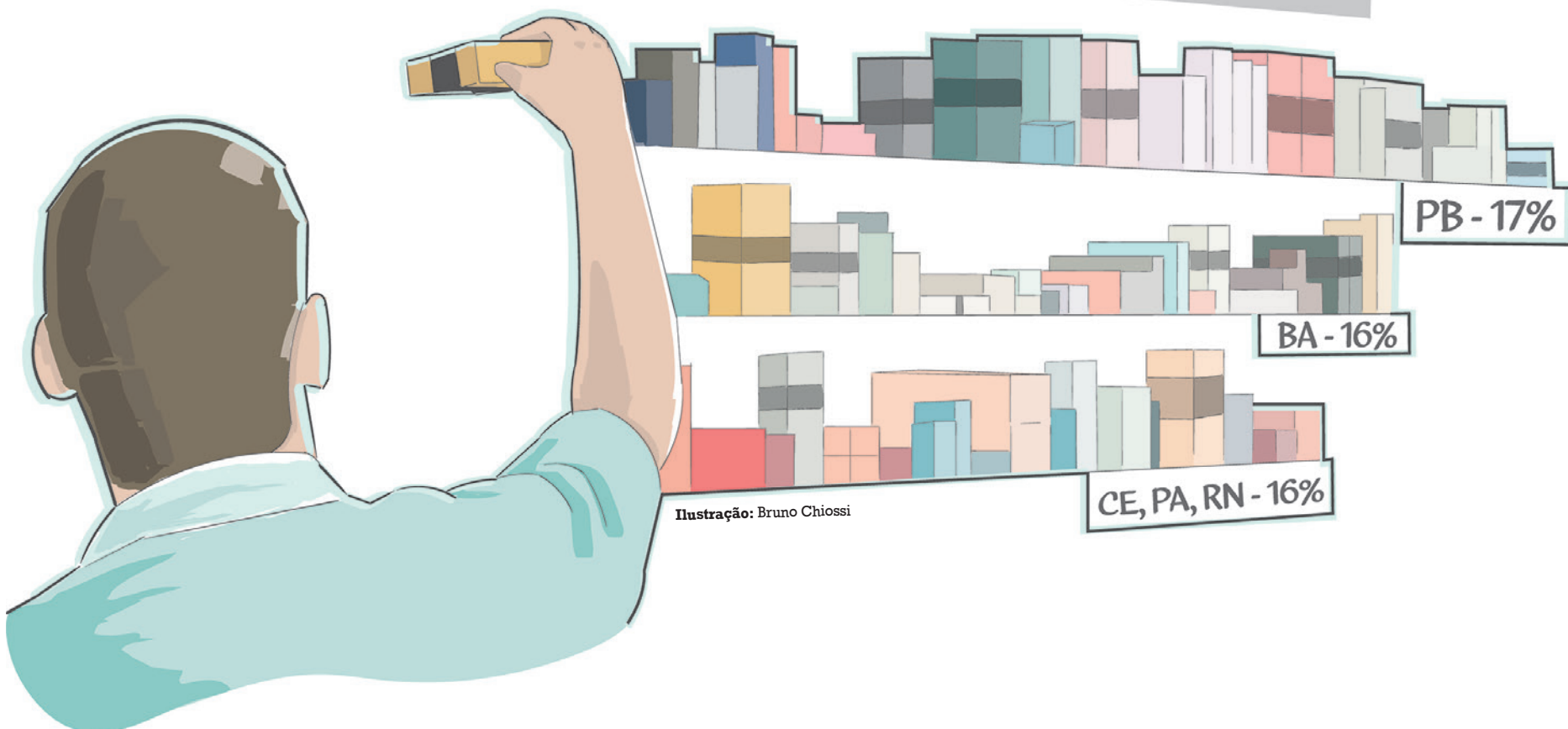


Ilustração: Bruno Chiassi

Dados mostram que necessidade de alta produtividade afeta população

A velocidade exigida pelo cotidiano constrói uma realidade que torna a medicação psiquiátrica quase imperativa para quem precisa se manter produtivo. “Hoje em dia, não é mais permitido passar por momentos de tristeza. Vivemos a geração da felicidade, ou seja, precisamos produzir bem e estar felizes o tempo todo. Mas sabemos que isso não é real, não reflete a vida. E isso faz com que vivamos um fenômeno: a medicalização da vida”, pontua Walleri.

Segundo ela, a população mundial está mais adoecida mentalmente, e isso leva ao aumento do uso de duas classes de medicamentos: antidepressivos antipsicóticos e estabilizadores de humor. Outro ponto relaciona-se a questões de gênero. “A gente sabe que os transtornos mentais, principalmente a depressão, são duas vezes mais prevalentes em mulheres do que em homens”, comenta. “Além disso, a parcela populacional mais afetada é a de pessoas entre 18 e 39 anos, que está em seus anos mais produtivos. Por isso, é a doença que mais in-

capacita, em todo o mundo”, aponta Walleri.

Ela também chama a atenção para um dado alarmante do Fiocruz Amazônia. “É um estudo que mostra um aumento de até 250% nas taxas de suicídio com o uso de medicamentos. Ou seja, diz respeito à autointoxicação — às vezes, proposital — com esses medicamentos”, alerta.

Medicalização da vida

Hoje, a psicoterapia e os antidepressivos representam a base para o tratamento de depressão, ansiedade e outros transtornos mentais e de personalidade. Raíssa de Alexandria observa que a dificuldade de acesso a psicólogos, no sistema público de saúde, pode fazer com que casos que podem ser sanados apenas com psicoterapia acabem piorando e demandando tratamento medicamentoso. “Frequentemente, a restrita e irregular oferta de medicações no sistema público ocasiona a descontinuação do tratamento e o agravamento do quadro, podendo prolongar, inclusive, o tempo de uso dos

remédios”, argumenta.

Raíssa Campos identifica que muitas pessoas, ao sentirem esses sintomas, buscam logo um psiquiatra, pensando na medicação como algo que vai solucionar o seu caso. É o médico que as encaminha ao psicólogo, pois sabe que o cuidado com a saúde mental é algo que precisa ser feito de forma interdisciplinar. “É uma necessidade moderna, sabe? De dar conta das coisas da forma mais rápida possível. As pessoas veem, na medicação, o primeiro recurso”, diz.

A experiência pessoal e profissional do estudante Reynolds, que usa antidepressivo, no entanto, serve de exemplo para entendermos que o caminho para buscar saúde mental é mais complexo do que a maioria da população espera. “Todo remédio psiquiátrico é uma aposta. Não é uma solução prática, como quando você tem uma dor de cabeça, toma uma dipirona e tem alívio da dor. Não existe uma causa e uma solução direta, quando se trata do tratamento psiquiátrico com o uso de remédio”, analisa.

Amigos, dieta e exercícios beneficiam saúde mental

O professor Arlandson Matheus Oliveira, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), divide a sua rotina entre as cidades de Patos e Campina Grande. Ao longo do seu trajeto profissional, sempre na estrada, ele percebeu que o seu estresse aumentou e que ele tinha dificuldade de lidar com o dia a dia puxado.

Apesar da resistência em cuidar da saúde mental, o professor percebeu que precisava fazer algo a respeito e resolveu entrar na academia. Para ele, essa pequena mudança de uma hora por dia fez muita diferença. “Tem a parte química, que faz a pessoa se sentir feliz, depois de se exercitar, e tem a questão social, porque passamos a lidar com novas pessoas e rostos”, diz.

Arlandson também percebeu que teve melhora na autoestima e na mobilidade. “Eu era todo travado — ainda hoje sou —, mas consigo fazer mais coisas. Dá para notar a evolução logo no começo, é algo instantâneo. Quando a gente vê progresso rápido, a gente fica feliz”, acrescenta.

Quando usar

Exercício, alimentação e círculo social saudável são fundamentais para o tratamento da saúde mental, segundo Raíssa de Alexandria. “Tratamento para depressão, ansiedade e insônia não é sinônimo de remédio psiquiátrico. Somente quando o caso não responde a outras técnicas é que devemos lançar mão dessa ferramenta”, argumenta.

Outro fator importante é compreendê-lo como parte de um sistema de saúde social, que necessita de políticas públicas efetivas para a sua solução. De acordo com a farmacêutica Walleri, é importante que haja campanhas específicas relacionadas a isso. “Precisamos lidar com essa questão de maneira sistemática”, salienta.

Para a psicóloga Raíssa, o modo como a sociedade é organizada contribui para o adoecimento mental. “A saúde mental não é algo apenas individual. É uma questão multifatorial, para além do biológico. Ter essa visão ampla de questões sociais e políticas, e de como elas interferem em nossa vida, seria um jeito real de lidar com esse problema”, finaliza.



Desigualdade social, violência e vulnerabilidade econômica estão relacionadas ao risco de transtornos psiquiátricos

Raíssa de Alexandria



A gente tem uma formação crítica quanto à utilização de remédios. Mas cheguei a um ponto em que somente a terapia não me ajudaria

Reynolds Araújo



Ter uma visão ampla de questões sociais e políticas, e de como elas interferem em nossa vida, seria um jeito real de lidar com esse problema

Raíssa Ramos

SEM CASA

JP tem mais de 400 pessoas nas ruas

População é formada, em sua maioria, por homens com 30 a 49 anos, geralmente usuários de álcool e outras drogas

Samantha Pimentel
samanthainiao@gmail.com

“A rua tira o ânimo de viver!”, diz um homem em situação de rua, usuário do Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua (Centro Pop), em João Pessoa. Aos 47 anos, ele conta que chegou à situação de rua por causa da dependência de crack. “Eu trabalhava. Eu vivia uma vida estabelecida, fui casado por 25 anos, tenho uma filha de nove anos, mas aí eu conheci o crack. Passei por clínica de reabilitação várias vezes, mas, quando saía, voltava a usar. Então, achei melhor me divorciar dela e dizer a minha filha que ia sair de casa para poder trabalhar”, relata.

Na Paraíba, segundo o Observatório Nacional dos Direitos Humanos (ObservaDH), plataforma gerida pelo Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC), existem 824 pessoas em situação de rua. Os dados, que têm como base as informações do Cadastro Único (CadÚnico) de julho de 2023, apontam, ainda, que na capital paraibana existem 403 pessoas nessa situação. A maioria é formada por homens (84,37%), na faixa etária entre 30 e 49 anos (55,33%).

Os motivos que os levam a essa condição costumam ser, sobretudo, conflitos familiares, uso de drogas e desemprego. É o caso desse usuário do Centro Pop, que não quis se identificar. Em seu relato, ele também conta que passou por várias cidades, sofreu muito, e que o melhor acolhimento que encontrou foi na capital paraibana, onde vem conseguindo deixar o vício. “Sofri demais. Muitas vezes, eu dormi com fome. Mas decidi sair disso. Vai fazer três meses não uso mais o crack. Esse projeto que me acolheu me fortaleceu muito, eu tive uma assistência especial”, afirmou.

Hoje, ele dorme em um prédio ocupado por pessoas sem moradia, mas sonha em voltar a trabalhar, retomar a sua vida e reencontrar a filha. Ele mantém contato com a menina — como também com a ex-esposa —, mas elas

não sabem da sua condição nem de todas as dificuldades por que já passou. “Não conto para não preocupar”, confidencia. Ele se mostra animado, ao dizer que vai iniciar um curso de gastronomia. “Quer voltar a trabalhar em cozinha, atividade que eu desempenhava antes”, acrescenta.

Drogas

As drogas também levaram outro usuário do Centro Pop, Marcos Fagner Santos, à situação de rua. Ele conta que começou a usar álcool e depois experimentou maconha. Com o tempo, foi surgindo a curiosidade de conhecer outras drogas, até chegar ao crack. Com isso, vieram os conflitos familiares, além de outros problemas. “Alguns anos atrás, eu passei a roubar, para sustentar o meu vício. A partir daí, passei por prisões, conheci essa realidade, e a minha vida foi sendo devastada. Aguentei as consequências. Hoje, eu vivo em condições de regime condicional, mas tenho o grande sonho de deixar de usar essa droga. É uma desgraça. Eu não aconselho ninguém a passar pelo que eu passei. Vi muitos morrendo. Se eu fosse falar da destruição que essa droga causa, o dia todo ainda era pouco”, lamenta.

Marcos relata ainda que, devido à situação de dependente do crack, ele não pôde cumprir o seu papel de pai. “Hoje com 13 anos, essa criança não me reconhece como pai, foi criada pelo avô”, diz. Mas ele também confidencia que está retomando os vínculos familiares e que faz “bicos” na construção civil ou em qualquer outra atividade que oferecer alguma oportunidade. No entanto o seu grande desejo é voltar a dar aulas de capoeira. “Na regra de pobre, eu tive infância. E com o pouco de inteligência que Deus me deu, com 16 anos eu me tornei professor de dança. Sou dançarino, sou capoeirista e também me tornei professor de capoeira. Sonho em voltar a dar aulas. Tenho contato com algumas pessoas, ainda. Se eu estiver passando, tiver uma roda, eu entro, caio para dentro na hora”, afirma.



Acesso a alimentação, higiene e direitos são apenas algumas das dificuldades que a população em situação de rua enfrenta



Fotos: Roberto Guedes

Políticas públicas mitigam problema social

Para atender as pessoas em situação de rua, algumas políticas públicas vêm sendo executadas em João Pessoa, no intuito de suprir demandas de acesso a direitos essenciais, como saúde e alimentação, além de buscar meios para que elas possam superar essa condição e sair das ruas. De acordo com a Secretaria de Direitos Humanos e Cidadania de João Pessoa (Sedhuc-JP), a capital paraibana conta com o Serviço Especializado de Abordagem Social (Ruartes), um Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua (Centro Pop) — que também recebe investimentos do Governo Federal —, e três casas de acolhimento, com capacidade para 35 pessoas, além de uma casa de passagem para idosos, apta a receber até 20 indivíduos.

Por meio do Ruartes, é feita a abordagem social nas ruas e o encaminhamento para as demais políticas públicas — ou mesmo para a reintegração familiar, nos

casos em que isso é possível. As ações são realizadas em articulação com outros serviços de saúde, educação e assistência social. Além dessas ações, o Centro Pop realiza, diariamente, atendimentos para as pessoas em situação de rua, com café da manhã, almoço, lanche, espaço para descanso, banho, lavagem dos pertences e acompanhamento técnico.

Segundo a coordenadora do Centro Pop, Maria do Amparo Santos Machado, o espaço realiza cerca de 150 atendimentos diários. “Eles chegam aqui às 7h, para tomar banho. Às 8h, a gente serve o café da manhã. Depois disso, alguns repousam, pois temos 10 camas para isso. Na rua, eles não dormem, apenas passam a noite. Também temos um tanque, na parte de trás, onde eles lavam a roupa e ficam esperando secar”, conta.

No local, ainda de acordo com ela, também é servido almoço — são 120 refeições. No mesmo ambiente,

a equipe faz o atendimento das pessoas, para saber quais são as demandas — por exemplo, retirada de documentos, cartão do SUS, falar com a família ou atendimento de saúde. Ela ressaltou que o Centro atende pessoas que vêm de todas as partes da cidade, um público bastante rotativo, pois, muitas vezes, as pessoas em situação de rua vão para outros municípios ou mesmo outros estados. “A maioria é usuária de álcool e de outras drogas. Outros, ficam nessa situação por causa de conflitos familiares e de problemas com relacionamentos afetivos. E tem ainda a pobreza, a falta de emprego”, contou Maria.

A coordenadora contou que o espaço também está com uma parceria com o Tribunal Regional do Trabalho (TRT), por meio da qual cerca de 20 pessoas estão fazendo cursos de preparação para o mercado de trabalho. “Depois disso, elas podem ser encaminhadas para um emprego”,



Foto: Leonardo Araújo

Depois do café da manhã, alguns repousam. Na rua, eles não dormem, apenas passam a noite

Maria do Amparo Santos

comemorou. Outras ações, como exibições de filmes e uma turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA), também vêm sendo desenvolvidas no Centro Pop.

População LGBT também tem acolhida

Parte da população em situação de rua é formada por pessoas do universo LGBT, sobretudo, pessoas trans, que não encontraram apoio da família. Por meio de ações do Governo da Paraíba, João Pessoa também sedia a Casa de Acolhida LGBTQIAPNb+ da Paraíba Cristiana Soares de Farias (Cris Nagô), que é o primeiro equipamento de acolhimento do Brasil para essa população, totalmente financiado com recursos públicos, o que representa um investimento de R\$ 300 mil. O espaço atende a um público na faixa etária dos 18 aos 59 anos, que vive em situação de rua, abandono familiar ou em situação de violência intrafamiliar e doméstica, sem risco iminente de morte.

A Casa Cris Nagô integra

as ações da Secretaria de Estado da Mulher e da Diversidade Humana (Semdh-PB). Desde a sua criação, em 2022, já realizou o acolhimento de 71 pessoas, por meio de um serviço que conta com uma equipe técnica formada por profissionais de diversas áreas: serviço social, psicologia, pedagogia, jurídico, enfermagem e educação social. Essa equipe realiza o acolhimento depois da triagem feita pelos Espaços LGBTQIAPNb+ Pedro Alves de Souza (João Pessoa) e Luciano Bezerra (Campina Grande).

Atualmente, o espaço está atendendo 20 pessoas. “Nesse processo, é aberto o prontuário e realizado o Plano Individual de Atendimento, no qual é possível identificar as primeiras demandas dessas

pessoas e começar a traçar um plano de vida”, explica Laura Brasil, gerente-executiva de direitos sexuais e LGBT-QIAPNb+ da Semdh-PB.

Arquidiocese

A Igreja Católica, por meio de serviços pastorais, também realiza ações voltadas à população em situação de rua. De acordo com Zil Bezerra, coordenador da Pastoral da Solidariedade — ligada à Arquidiocese da Paraíba —, o grupo distribui comida para um grupo de 300 a 400 pessoas, duas vezes na semana. “Somos uma equipe do Encontro de Casais com Cristo. Eu faço as compras e levo até a cozinha, onde preparamos a comida. Geralmente, a gente serve no Aratu, em Jacarapé e na Morada Nova”, disse.

Além do grupo que ele integra, há outros, também ligados à Arquidiocese, aos quais ele ajuda na articulação dos dias, horários e locais de atuação. Conforme Zil, todos os dias, um grupo ligado a alguma paróquia de João Pessoa serve refeições às pessoas nas ruas, em algum local do município, seja nas áreas centrais, seja em comunidades periféricas, onde a população se encontra em situação de vulnerabilidade.

“A gente distribui quentinha, sopa, suco de fruta, pão, cachorro-quente, pão com carne moída...”, elencou. Ele disse ainda que a distribuição de refeições se mantém com as contribuições dos próprios integrantes da Pastoral, além da colaboração de fiéis da igreja e também de comerciantes, que doam alimentos.



Marquises são pontos muito procurados por quem vive na rua

CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Direitos violados, vítimas amparadas

Órgãos formam rede de proteção para garantir segurança a jovens maltratados ou abandonados pelo seio familiar

João Pedro Ramalho
 joaopramalho@gmail.com

“Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão”, assegura o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Porém, quando algum desses cenários ocorre no seio familiar, o Estado e a Justiça entram em cena, a fim de garantir a segurança e o desenvolvimento saudável daqueles que representam o futuro da sociedade. Entre os objetivos dessa intervenção, está entender qual o melhor destino para esses meninos e meninas — o que pode implicar o retorno à família natural, representada pelos pais, ou à família extensa, formada pelos parentes próximos. Quando as soluções anteriores não são viáveis, decide-se pelo encaminhamento à adoção.

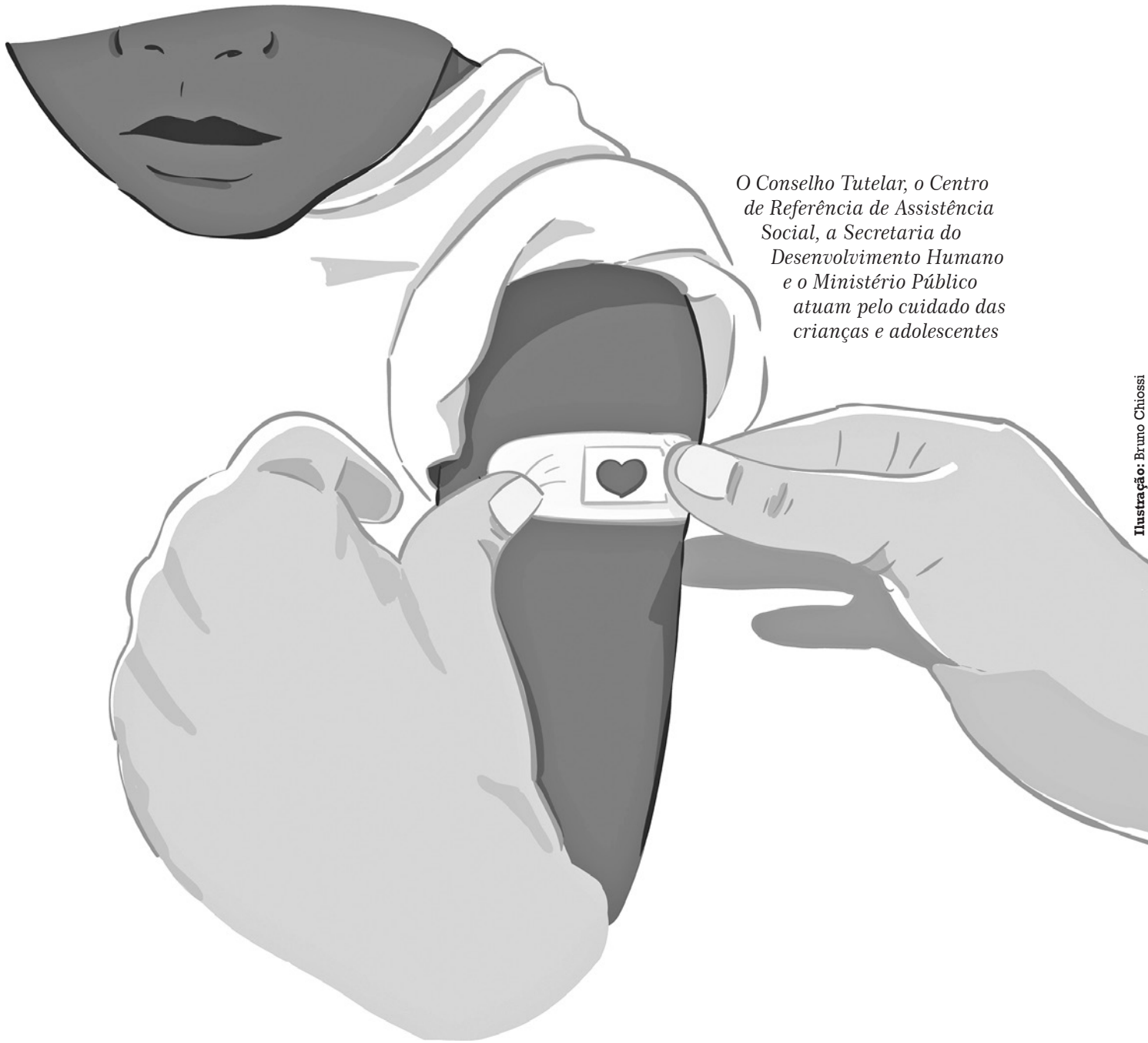
O acompanhamento das crianças e dos adolescentes vítimas de violações de direitos é feito por uma rede de proteção composta por órgãos de diferentes instâncias, como o Conselho Tutelar, o Centro de Referência de Assistência Social (Cras), a Secretaria de Estado do Desenvolvimento Humano (Sedh) e o Ministério Público. De acordo com a gerente operacional de Alta Complexidade da Sedh, Roberta Pires, o Conselho Tutelar é uma das primeiras instituições a agir, tendo como prioridade a manutenção do convívio familiar.

“Se o caso puder ser resolvido, o Conselho aplica alguma medida de proteção,

Socorro
Entre as intervenções do Estado e da Justiça, estão o encaminhamento das vítimas a parentes próximos a serviços de acolhimento ou à adoção

como a notificação dos responsáveis. Mas, se requerer a retirada do contato com a família natural, a orientação inicial é que se busque uma avó ou uma tia, por exemplo, que possa ficar com a guarda provisória dessa criança, até que ela volte para a família de origem. Havendo a impossibilidade desse retorno, o ideal é que ela permaneça nessa família extensa”, explica Roberta.

Um episódio recente em que essa solução foi aplicada ocorreu em João Pessoa. Uma menina de seis anos foi internada com meningite no Complexo Pediátrico Arlinda Marques (Cpam), mas foi abandonada pelos familiares. No começo do mês, após receber alta, ela passou a morar com uma prima de sua



O Conselho Tutelar, o Centro de Referência de Assistência Social, a Secretaria do Desenvolvimento Humano e o Ministério Público atuam pelo cuidado das crianças e adolescentes

Ilustração: Bruno Chiossi

mãe, por decisão do Conselho Tutelar de Caaporã e da Vara da Infância e Adolescência da capital.

Existem situações, entretanto, em que os parentes dos genitores não podem ficar com a criança, enquanto a Justiça delibera sobre sua situação. Nesses casos, recorre-se aos serviços de acolhimento, cujo prazo máximo de permanência é de 18

meses. A preferência é pelo acolhimento familiar, modalidade que reúne famílias cadastradas e treinadas para receber e cuidar dos menores de idade afastados do convívio com a família natural. A segunda possibilidade é o acolhimento institucional, em espaços como abrigos e casas lares. Em ambos os cenários, é feita uma avaliação periódica, a cada três meses,

que visa a respaldar as decisões judiciais.

O caminho percorrido nesse processo é complexo e envolve múltiplas variáveis, como ressalta Roberta Pires. “Esses casos não são como uma receita de bolo nem têm um manual de instrução. A gente tem que saber quem é a criança, entender quem é a família de origem e quem é a família extensa, em que

contexto ela está inserida. Por exemplo: essa criança já sofria algum outro tipo de violação antes? Ou a mãe já disse, enquanto gestava, que queria entregá-la? Cada caso é individual, e a rede de proteção é acionada para ver os encaminhamentos necessários e garantir que a criança tenha seus direitos preservados”, detalha a gerente operacional da Sedh.

Lar adotivo é considerado última opção buscada pelas autoridades

A colocação da criança em uma família substituta, que tem a adoção como uma de suas modalidades, é a última alternativa buscada pela Justiça em casos de violações de direitos. O juiz titular da 1ª Vara da Infância e Juventude de João Pessoa, Adhailton Lacet, aborda as circunstâncias em que essa solução é utilizada. “A adoção só pode ser feita após os pais biológicos serem destituídos do poder familiar, ou quando a criança é entregue de forma voluntária para a Vara da Infância e Juventude a fim de ser adotada, logo após seu nascimento”, aponta.

O primeiro cenário — a destituição do poder familiar — é regido pelo Artigo 1.638 do Código Civil. Segundo a legislação, o pai ou a mãe da criança podem ter o poder retirado, por decisão judicial, se abandonarem o filho ou o castigarem imoderadamente; se praticarem atos contrários à moral e aos bons costumes; se entregarem a criança para adoção irregular ou se cometerem, de forma reiterada, práticas de abuso de autoridade, negligência quanto a seus deveres ou arruinamento dos bens do filho. Também há crimes que levam à perda do poder familiar, caso cometidos contra outra pessoa que



Foto: Roberto Guedes

“A adoção só pode ser feita após os pais biológicos perderem o poder familiar ou quando a criança for entregue voluntariamente após nascer”

Adhailton Lacet

detenha o mesmo poder ou contra algum dos filhos: trata-se de delitos como homicídio, feminicídio, estupro e estupro de vulnerável, além de lesão corporal grave ou se-

guida de morte, quando ela envolver violência doméstica e familiar ou menosprezo à condição de mulher.

Uma vez definido o encaminhamento para adoção, a criança é incluída no Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento (SNA), do Conselho Nacional de Justiça (CNJ). “De acordo com o perfil das famílias que estão habilitadas nesse sistema, ela vai passar por um estágio de convivência e de aproximação, até ser decidido se aquelas pessoas vão adotar a criança”, afirma Roberta Pires. Segundo Adhailton Lacet, o prazo para a conclusão do processo, após a manifestação de interesse pela família substituta, é de 120 dias.

O juiz da Infância e da Juventude também ressalva que, no SNA, a espera maior acontece quando as pessoas interessadas na adoção escolhem um perfil específico de filho. “No sistema do CNJ, os pretendentes têm a liberdade de escolher o perfil da criança que querem adotar, e a maioria prefere bebês de até dois anos, do sexo feminino e de pele clara. Esse processo pode demorar até três anos. Mas, se você quiser adotar um grupo de quatro irmãos ou um adolescente, por exemplo, será mais rápido”, esclarece.

Ações da gestão estadual incluem casas lares e famílias acolhedoras

Dentre as políticas de amparo às crianças e adolescentes, os serviços de acolhimento têm uma participação direta da administração estadual. Atualmente, na Paraíba, a Sedh gerencia três casas lares, nas cidades de Itaporanga, São Bento e São João do Rio do Peixe. A secretaria também coordena um programa regionalizado de acolhimento familiar, com 65 famílias cadastradas em sete polos, situados em João Pessoa, Guarabira, Esperança, Patos, Itabaiana, Princesa Isabel e Pomboal. Até a semana passada, conforme os últimos dados disponibilizados pela pasta, 21 crianças e adolescen-

tes eram atendidas pelo modelo institucional, enquanto 22 meninos e meninas estavam sob a responsabilidade de famílias acolhedoras.

Roberta Pires conta que a Sedh deve ampliar o número de famílias participantes do Serviço de Acolhimento Familiar (SAF). A meta é que o total chegue a 75, após a conclusão dos cursos preparatórios oferecidos aos integrantes. Com duração de 30 horas, a formação aborda a história e o processo do acolhimento familiar, bem como as dificuldades e os êxitos dessa iniciativa. Também são debatidos temas transversais, a exemplo da sexualidade

na adolescência e como lidar com crianças que possuam transtornos.

Ainda segundo a gerente operacional da Sedh, o programa estadual é considerado referência nacional. “Nós já levamos a experiência da Paraíba para outros estados e municípios e também recebemos várias visitas de pessoas de fora, que vieram conhecer o funcionamento do serviço regionalizado. E, recentemente, o Instituto Cairo fez um seminário, em Recife, sobre o Sistema Único de Assistência Social [Suas] e o Sistema de Justiça, e convidou a Paraíba para apresentar o SAF”, celebra Roberta.

Foto: Arquivo pessoal



De acordo com Roberta Pires, gerente de Alta Complexidade da Sedh, Serviço de Acolhimento Familiar da Paraíba é referência nacional

CAMINHOS DO FRIO

Festival chega ao penúltimo destino

Alagoa Grande se prepara para receber evento itinerante, com atrações de música, teatro, esporte e culinária

Emerson da Cunha
emersonsouza@gmail.com

A Rota Turística Caminhos do Frio de 2024 vai chegando às escalas finais. O festival aporta, amanhã, em seu penúltimo destino neste ano, o município de Alagoa Grande, no Brejo paraibano.

A pouco mais de 100 km de distância de João Pessoa, a cidade com população de pouco mais de 20 mil habitantes, de acordo com dados de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), deverá ver sua ocupação dobrar com os 20 mil visitantes aguardados para os sete dias de evento, que se estende até 1º de setembro.

E o que não faltará ao longo desta semana é cultura, como seria de se esperar de um festival cujo principal homenageado é o romancista, poeta e dramaturgo paraibano Ariano Suassuna, fundador do Movimento Armorial, que visava fomentar a criação de uma arte erudita baseada nas raízes populares do Nordeste. “Nesta edição do Caminhos do Frio, estamos priorizando ações voltadas ao

imaginário da obra de Ariano Suassuna, como também buscando fortalecer a economia criativa do município de Alagoa Grande, incluindo sua

gastronomia, sua música, seu artesanato e outras atividades que são desenvolvidas na cidade e que geram renda para a população local”, reforça o

secretário de Cultura e Turismo do município, Marcelo Félix.

Mas não é só o imaginário armorial que Alagoa Gran-

de ressaltará durante a passagem do Caminhos do Frio. Como cidade-natal de outro grande ícone da Paraíba, o cantor e compositor Jackson do Pandeiro, o município não deixaria seu filho ilustre de fora do festival – mesmo porque o músico é permanentemente lembrado por monumentos e por um museu próprio erguido no local.

“Por Alagoa Grande ser a terra de Jackson do Pandeiro, tudo [na cidade] foi explorado por meio da história dele. Embora o tema geral do Caminhos do Frio deste ano seja o Movimento Armorial, a cidade nunca deixa de expor Jackson do Pandeiro. O Museu de Jackson tem programação, o Teatro Municipal também tem programação”, conta Jaime Souza, presidente do Fórum de Turismo Sustentável

do Brejo Paraibano – uma das entidades organizadoras do evento, junto ao Governo do Estado e ao Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas na Paraíba (Sebrae-PB), entre outras.

Em meio aos tributos a Ariano e Jackson, opções gastronômicas e artesanato, o que mais se pode esperar do festival em Alagoa Grande? Marcelo convida os visitantes para dias de dança, espetáculos teatrais e atividades ligadas a esportes de aventura.

“Também se pode curtir shows com grandes nomes da música nacional, a exemplo da Banda Encantu’s e de Thiago Freitas, além das atrações locais, que sempre são prestigiadas pela Administração Municipal e pela Secretaria da Cultura”, adiciona o secretário alagoa-grandense.



Situada a mais de 100 km de João Pessoa, cidade de cerca de 20 mil habitantes homenageia filho ilustre com monumentos e um museu próprio dedicado a ele

Foto: Leonardo Ariel

Fotos: Roberto Quedes



O Teatro Municipal Santa Ignez, considerado um dos maiores símbolos da cultura alagoa-grandense, fará parte da programação



Foto: Ortilio Antônio/Arquivo A União

Rota gastronômica inclui engenhos e comunidade quilombola

Entre os atrativos de destaque de Alagoa Grande, está a tradicional comunidade quilombola Caiana dos Crioulos, uma das atendidas pelo roteiro turístico promovido pelo Sebrae-PB no estado. O local, segundo o presidente do Fórum de Turismo do Brejo Paraibano, será integrado à programação do Caminhos do Frio. “Caiana dos Crioulos é uma comunidade bastante organizada, que explora muito a própria cultura quilombola, de vivência e experiência comunitária, com dança, oficinas de artesanato e gastronomia. O festival gastronômico, nas quartas-feiras, também vai atender à comunidade quilombola”, detalha Jaime Sousa.

A propósito dos negócios do segmento culinário na região, fomentados como parte da rota gastronômica sustentável mantida pelo Sebrae-PB, Jaime ressalta que são empreendimentos capacitados e qualificados profissionalmente.

“Todos os restaurantes

têm chefs, e não só um; tem empreendimento que tem três. Isso faz com que os municípios ‘se sintam’ ainda mais profissionais. Essa rota proporcionou uma identidade muito grande ao Brejo paraibano, fez com que até feiras menores de exposição de gastronomia fossem capacitadas por grandes chefs”, frisa o representante do Fórum de Turismo do Brejo Paraibano, mencionando, entre os estabelecimentos de expressão em Alagoa Grande, o bistrô Maria da Pá Virada, espaço com boa estrutura e dedicado à gastronomia regional.

Aos interessados em estimular o paladar, outra conhecida atração alagoa-grandense, vinculada a uma forte tradição do Brejo, é a produção local de cachaça, com engenhos bastante populares entre visitantes da cidade. Jaime lembra que “o Engenho Volúpia recebe turistas e tem um restaurante belíssimo também. Alagoa Grande faz parte desse roteiro regional dos engenhos”.

Investimento

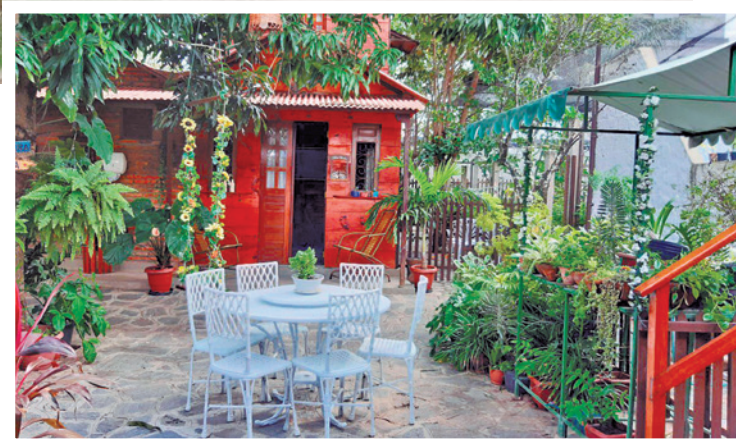
A duas semanas do encerramento do Caminhos do Frio de 2024 – cuja última parada será a cidade de Alagoa Nova, entre os dias 2 e 8 de setembro –, o presidente do Fórum de Turismo do Brejo Paraibano salienta a participação das prefeituras dos municípios integrantes da rota para o sucesso desta edição.

“Vale ressaltar o alto investimento que as prefeituras estão fazendo. O Caminhos do Frio é cultura viva, resgata a raiz cultural do Brejo paraibano, do Nordeste. E fazer cultura não é caro, colocar a cultura na praça não é caro. Por isso, nossa intenção é colocar a cultura popular na praça mesmo, e a estrutura está gigante, algo surreal. Prefeito que investe na cultura é gestor que entende, de fato, de políticas públicas. Investir na cultura não é gasto, é investimento mesmo. E é isso que está acontecendo no Caminhos do Frio”, celebra Jaime.



Fotos: Teresa Duarte

Caiana dos Crioulos integrará agenda culinária local, assim como o bistrô Maria da Pá Virada





SÉRIE

A câmera em ação

“Cidade de Deus – A Luta Não Para” estreia hoje na HBO e no Max retomando personagens do filme clássico

Buscapé (Alexandre Rodrigues) agora é um importante fotojornalista

Renato Félix
renatofelix.correio@gmail.com

“Desdemeleque eu sempre quis ser fotógrafo. Mas o destino me colocou aqui. E na Cidade de Deus, se correr o bicho pega; se ficar, o bicho come”. Buscapé já mandava a real no começo do trailer de *Cidade de Deus*, grande sucesso do cinema brasileiro de 2002 e respeitado mundialmente a ponto de aparecer em diversas listas de melhores filmes desde então. No fim, Buscapé (ou melhor: Wilson) se tornou um fotógrafo profissional. E, 22 anos depois, o personagem, e outros do clássico, estão de volta para uma continuação: a série *Cidade de Deus – A Luta Não Para*, que estreia hoje, às 21h, no streaming Max e no canal pago HBO.

Dirigida por Aly Muritiba (do filme *Deserto Particular* e da série *Cangaço Novo*, do Prime Video) e com Fernando Meirelles, diretor do filme original (com Kátia Lund creditada como codiretora), assinando como produtor,

o seriado é uma aposta alta da HBO: o lançamento é global e em dia e horário nobres para a emissora. A primeira temporada tem seis episódios, que serão lançados semanalmente.

A trama se passa cerca de 20 anos depois dos eventos finais do filme (que contava a história dos personagens nas décadas de 1960 e 1970). *Cidade de Deus – A Luta Não Para* se passa, assim, em 2004. Como fotojornalista de um importante jornal do Rio de Janeiro, Buscapé (Alexandre Rodrigues) retrata o cotidiano e a violência na Cidade de Deus. Novamente ele conduz a trama, no momento, a luta pelo controle do tráfico está sendo travada entre Curió (Marcos Palmeira), o poderoso chefe do lugar, e Bradock (Thiago Martins).

Bradock era um dos moleques da “caixa baixa”, o grupo de crianças delinquentes que mata Zé Pequeno (Leandro Firmino da Hora) no fim do filme. Alexandre Rodrigues e Thiago Martins são dois dos nomes do original que retornam na nova série. Também volta Roberta Rodrigues, a

Berenice, Edson Oliveira, o Barbantinho, e Sabrina Rosa, a Cíntia.

Em *Cidade de Deus*, Berenice é vista deixando a comunidade ainda nos anos 1960 – agora a personagem é dona de um salão de beleza e vai se tornando uma voz política em defesa da comunidade, em uma trajetória inspirada na da vereadora Marielle Franco. Ela é um exemplo de que a intenção é de que a vida dos moradores, oprimidos pelo fogo cruzado entre criminosos e a polícia e lutando por uma vida melhor na comunidade, ganhe mais destaque em *A Luta Não Para*. O próprio trabalho de Buscapé é questionado: será que suas fotos estão, no fim, ajudando a Cidade de Deus?

Barbantinho é o grande amigo de Buscapé e Cíntia era, no filme, a namorada de Mané Galinha (Seu Jorge) – a personagem nem tinha nome no filme. Entre os novos atores, estão Marcos Palmeira e Andréia Horta, que interpreta Jerusa, uma implacável advogada e namorada de Bradock.

Há, claro, muita expecta-

tiva em torno da repercussão da série. *Cidade de Deus*, o filme, uma das melhores produções de todos os tempos no cinema brasileiro, chegou até ao Oscar: foi indicado em quatro categorias de muito prestígio: direção, roteiro adaptado, fotografia e montagem.

O filme está, inclusive, bem disponível nos streamings, de modo que é bastante possível assisti-lo e emendar com a nova série. Não que fosse necessário esse pretexto: e ver *Cidade de Deus* nunca é demais.

CIDADE DE DEUS – A LUTA NÃO PARA

- Hoje, às 20h30.
- Na HBO e no Max

CIDADE DE DEUS

- Streaming: Netflix, Globoplay, Telecine e Claro TV+.
- Mídia física: DVD e blu-ray.

Fotos: Renato Nascimento/ Divulgação



Marcos Palmeira é Curió, chefe do tráfico; Sabrina Rosa volta como Cíntia; Thiago Martins (Bradock) e Andréia Horta (Jerusa) tentam tomar o controle

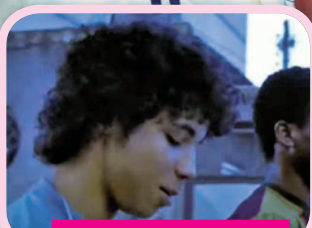


Roberta Rodrigues, Edson Oliveira e Alexandre Rodrigues voltam aos seus papéis 22 anos depois



Berenice
(Roberta Rodrigues)

“Malandro não para: malandro dá um tempo” era uma das frases da namorada de Cabeleira, bandido do Trio Ternura. Agora ela vai se tornando uma líder da comunidade.



Barbantinho
(Edson Oliveira)

“Tu vai acabar morrendo por causa de foto, hein?” era o que dizia o melhor amigo de Buscapé. Na série, ele volta a ser o confidente e também passa ter mais ação na trama.



Buscapé
(Alexandre Rodrigues)

“Wilson Rodrigues, fotógrafo”. No filme, ao ganhar uma câmera, Buscapé trilha um caminho para se tornar um fotojornalista. Agora isso ajudará a comunidade?

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

Antropologia e o sexo

Bertrand Russell conta no seu livro *Casamento e Moral* que os antigos costumavam praticar a “prostituição sagrada”. Era comum que mulheres com certo prestígio social tivessem relações sexuais com sacerdotes ou mesmo com homens estranhos. Ele acredita que o costume deve ter surgido a partir da crença religiosa de que é possível garantir uma boa colheita por meio da magia imitativa.

Entre os antigos e em “sociedades selvagens” a crença na magia imitativa é muito forte. A arte pictórica deixou provas importantes do que quero dizer. Na caverna espanhola de Altamira, que abriga desenhos que remontam a 32 mil a.C., podemos ver diversos símbolos fálicos nas paredes.

A fertilidade tradicionalmente esteve associada à reprodução humana e à colheita, consideradas fundamentais para a existência das sociedades — especialmente no período agrícola. As intempéries da natureza tendem a fazer das colheitas incertas, ao mesmo tempo em que as relações sexuais não necessariamente resultavam em filhos. Na busca de resolver esses problemas, nossos parentes do passado usavam a magia imitativa.

Segundo esse pensamento, ao estimularmos a fertilidade humana estimularíamos também uma boa colheita, e vice-versa. Em geral, a fertilidade humana era estimulada por meio de rituais mágico-religiosos.

Nem tudo, porém, foi estímulo ao sexo. O cristianismo e o budismo foram importantes no controle e repressão à sexualidade, diz Russell. Em todos os lugares que exerceram sua influência viu-se nascer uma forte crença no pecado se-

xual. Não é à toa que em ambas as tradições o voto de castidade entre sacerdotes e sacerdotisas fosse comum. Mas essa prática também podia ser encontrada entre os antigos judeus, mas precisamente entre os essênios para quem os atos sexuais estavam impregnados de impureza.

Bertrand Russell ainda chega a afirmar que em dado momento da antiguidade o ascetismo se fez dominante, a ponto tal que o estoicismo praticamente levou ao desaparecimento do epicurismo. Cabe frisar seu grande destaque entre os romanos e que livros apócrifos defendiam a adoção de uma atitude monacal para as mulheres; que os neoplatônicos tinham uma acentuada verve ascética, e que a crença na maldade e corrupção da matéria, que se tornariam muito populares no mundo, tem origem na Pérsia. Esse pêndulo entre estímulo e repressão do sexo parece entrecortar a história.

Tal relato sobre a castidade nos tempos antigos me fez lembrar de uma frase espirituosa de Millôr Fernandes: “De todas as taras sexuais, não existe nenhuma mais estranha do que a abstinência”.

Costume

Bertrand Russell conta que era comum que mulheres com certo prestígio social tivessem relações sexuais com sacerdotes ou mesmo com homens estranhos

Estética e Existência

Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | colaborador

Poesia espontânea

No fim do século 18, no período inicial do romantismo alemão, conhecido como “Tempestade e Ímpeto”, o poeta, filósofo, médico e historiador Johann Christoph Friedrich von Schiller (1759–1805) revitalizou o renascimento das ideias da Antiguidade grega e romana, que buscavam a junção da beleza estética com os valores morais do comportamento humano. Schiller buscava redescobrir um ideal de unidade, perfeição, totalidade e completude, que sentia ter sido perdido ao longo dos séculos. Para desenvolver novos conceitos e romper com as formas tradicionais dos gêneros literários, ele defendeu a tese de que para cada época existe um gênero literário próprio, e que os poetas seriam os seus guardiões. O fundamento dessa argumentação está em sua obra *Poesia Ingênua e Sentimental*, publicada em 1795.

O livro *Poesia Ingênua e Sentimental* expõe dois argumentos: o primeiro propõe uma nova abordagem sobre os gêneros literários; o segundo, sinaliza o término da arte. A obra se apoia na dualidade entre natureza e cultura, que se reflete também na dicotomia entre o antigo e o moderno.

Schiller defende que os poetas devem transcender essa oposição, buscando uma condição ideal que permita recuperar a unidade que se perdeu. Ele afirma que: “Uma vez que o ideal é um infinito inatingível, o homem culto nunca poderá atingir a perfeição em sua espécie” (Schiller, F. *Poesia Ingênua e Sentimental*, tradução de Márcio Suzuki, p. 61). Esse processo deve ser iniciado por meio de uma educação estética.

O início da obra versa sobre duas premissas: à natureza em si ou ao ingênuo. A primeira trata do interesse do homem culto pela natureza, que é despertado por meio das paisagens, vegetação, fauna, crianças, habitantes do campo ou antigos monumentos. A segunda se refere à natureza que aparece ingênua quando comparada à arte, o que evidencia sua superioridade. Isso significa que a arte, de maneira geral, sem-

Foto: Reprodução/Freeepik



Estátua de Johann Schiller, em Frankfurt

pre revela a técnica empregada na criação da obra; noutro aspecto, a arte ingênua parece não ter sido moldada pela habilidade do artista, como se tivesse surgido diretamente da própria natureza ou do ambiente natural. Para Schiller, a experiência que se tem diante da natureza remete o homem moderno ao estado do qual fazia parte: “Um estado de harmonia e paz consigo mesmo e com o mundo exterior” (Ibidem, p. 44).

Portanto, deve-se entendê-la como um caminho de retorno ao estado de pureza original. Afirma o pensador: “A expressão de nossa infância perdida, que para sempre permanece naquilo que nos é mais precioso, enchem-nos de uma melancolia. Ao mesmo tempo, são expressões de nossa suprema completude no ideal, transportando-nos a uma sublime comoção” (Ibidem, p. 44).

Há duas interpretações relacionadas a esse conceito: o ideal como uma ideia inatingível, uma meta imposta pela razão; e como

um modelo representativo para os modernos em relação à arte grega.

O pensamento de Schiller revela que o homem natural enfrenta limitações, mas é recompensado pela plenitude de sua condição. O homem de cultura é ilimitado e guiado pela nostalgia. Schiller faz uma distinção entre duas formas de nostalgia, cada uma gerando diferentes tipos de homens modernos.

Ele declara: “Enquanto meros filhos da natureza fomos felizes e perfeitos; tornamo-nos livres, e perdemos as duas coisas. Surge daí uma dupla nostalgia, e bastante desigual, em relação à natureza: uma nostalgia de sua felicidade e uma nostalgia de sua perfeição. Apenas o sensível só lamenta a perda da primeira; o homem moral pode entristecer-se pela perda da segunda” (Schiller, F. *Poesia Ingênua e Sentimental*, tradução de Márcio Suzuki, p.18).

Para concluir, apresento a espontaneidade do poema “Bar das galegas” escrito pelo professor, poeta e crítico literário Hildeberto Barbosa Filho.

Ainda bem que comprei aquela gaiola./ Ainda bem que certas coisas não têm preço./ Não se vende paz no mercado,/ não há no mercado afeto, amor exposto à granel./ O mel custa 30 reais./ Não é o mel da vida,/ muito menos o mel que perdi nos teus lábios./ O mercado só abriga homens solitários./ Homens infelizes como os insetos que Deus criou e esqueceu./ Homens que viajam sem sair de si mesmos./ Homens que se habitam e se desconhecem”.

Sinta-se convidado à audição do 483º. Domingo Sinfônico, que ocorrerá neste dia 25, das 22h às 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5, ou você pode acessar pelo aplicativo em www.radiotabajara.pb.gov.br ou através do link <https://radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm>. Durante a transmissão, comentarei algumas peças que tratam de danças, balés, marchas e temas orquestrados para filmes.

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

O desejo de Trevisan

Libido é sinônimo de desejo e em nome desse desejo, o clarão que ilumina os neurônios e dessa junção nunca haveremos de nos separar — levaremos no caixão? Sim, o pulsar, pulsa e cavalga.

O romance *Em Nome do Desejo* (1983), de João Silvério Trevisan — sua terceira edição de 2001 foi lançada pela Record — retorna agora, na 4ª edição pelo mesmo selo.

O autor paulista João Silvério Trevisan dá um pulo, um salto astral no Brasil despedaçado sem reputação, muito embora a história não é antiga, pulsa e estratifica o poder do sexo. No livro dele, em quatro atos, é uma viagem com vontade de um seminarista que volta à fonte do desejo.

Trevisan foge da canção do Noel, pois, para ele não existe o último desejo, mas necessariamente seguido pela performance dos personagens que se encontram nas instâncias mais longevas, para não dizer longínquas, nos coitos alcovas, aqui e agora.

O romance em 1983 pode parecer um regulador do desejo homoerótico dentro da narrativa de cada um dos personagens — e Trevisan é um deles. Seres ou não seres. É como olhar para um gato persa puro.

Na pegada dessa narratológica (nome estranho, né?), o velho Macunaíma e seu retorno a fonte do desejo, na verdade é investigado como se dão os trâmites da construção da relação sexual entre os protagonistas, calmamente eufóricos, com todas as falas dos corpos, mostradas nas ilustrações da capa com obras de Francisco Huirtz.

Se o livro de Trevisan, *Em Nome do Desejo*, tivesse sido publicado há 500 anos, creio, que nem precisaria das anotações nas linhas de caracteres tipográficos,

A descoberta do corpo e do gozo, bem como dessa formação, evolução, talvez lá do encontro milimetricamente do óvulo e do esperma, já que ambos, esperma e óvulo não têm sexo — são coisa coesa, luminosa — talvez por isso, a vida presta.

Antes do corredor erótico, somos levados a uma mensagem do autor na página em que se oferece o livro — “existem meninos e meninas que ao entrar na adolescência descobrem-se amando contra a corrente”. Não é spoiler. É apenas um jeito de corpo, diria Trevisan na outra margem do Rio, que hoje se identifica com a linguagem popular — encaixou.

O amor dos corpos segue o juízo final, mas Trevisan não mostra esse julgamento, porque não existe como se julgar o amor entre duas pessoas. Ele nasce e morre.

Há quem diga que o romance é perturbador. Mentira. O perturbado que se retire. O desejo de Trevisan envolve, porque se tem um tema que mexe com os leitores é sobre o ato sexual. Denso e trágico, mas sem perder o humor e a leveza, o livro se tornou um dos maiores sucessos editoriais com temática homossexual do país.

Lembrem da canção “Paula e Bebeto”, de Milton Nascimento e Caetano Veloso, então leiam Trevisan, que qualquer tipo de amor valerá.

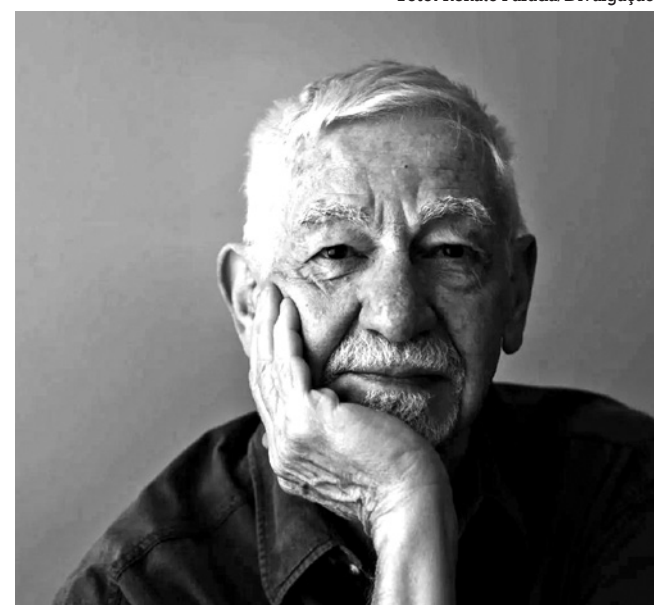
Um livro nunca esteve no armário, nem nas gavetas, o reencontro dos corpos anos depois dá uma celebração, do amém, uma beleza, sem choro, nem vela. Os personagens seminaristas Abel e Tiquinho, vão além das telas, das janelas, do poder dos orixás, do Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo.

Kapetadas

1 - “O pior já passou” é uma conclusão sem fundamento. Se o pior já tivesse passado, a gente não estaria aqui.

2 - Não discuta com o destino. Ele pode nem ser o seu.

Foto: Renato Parada/Divulgação



João Silvério Trevisan lançou “Em Nome do Desejo” em 1983

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

O mito cinematográfico e a realidade dos genocídios

A geração de sonhos daqueles memoráveis anos 1950, da qual ainda faço parte, que de uma maneira ou de outra era também ligada ao cinema, e se encantava com a saga de seus originais super-heróis hollywoodianos, chocada hoje está com a mudança de paradigma das ações dos atuais “heróis”. Atônita mais ainda, pelo que vem mostrando atualmente as “estatísticas de mortes”, até denunciando números deveras preocupantes. E pior, ainda sob aplauso de seus responsáveis.

Se, no cinema, os conflitos regionais, as batalhas entre milícias, serviram para contextualizar artisticamente as representações de guerras, objetivando um espetáculo cênico, ou mesmo um *remake* da própria história social e política de determinadas civilizações, os conflitos atuais no Oriente Médio transcendem a esses princípios. E mais: hoje, sob uma chancela não mais da arte cinética, mas de uma mídia mercantil, esta ainda mais poderosa que a Sétima Arte, até pela sua facilidade ao acesso à cultura e informação — a internet e suas redes sociais.

O recente comunicado, pela imprensa, de um porta-voz israelense sobre o atual extermínio voluntário em Gaza — numa guerra vista pelo mundo como um verdadeiro genocídio, sobretudo de famílias, idosos e crianças —, alegando que “estamos determinados a continuar”, isso nos lembra a postura daquele oficial alemão designado à propagação do *führer*, na Segunda Grande Guerra.

Além de toda essa barbárie, que temos assistido todos os dias através dos telejor-



Foto: Reprodução/YouTube

Daniel Hagari, do Exército de Israel, anunciou a morte de, segundo ele, 17 mil terroristas

nais e redes sociais, o mais chocante de tudo é aquilo que chamaria de “apologia ao genocídio”. Como se a propaganda pelas chacinas fosse medalha promocional àquele que a divulga. E um molde claro está em recente manchete de jornal, quando dá destaque à declaração do comando militar de Netanyahu: “Israel afirma ter matado mais de 17 mil milicianos”. Isso, sem contar com mais de 16 mil crianças, adolescentes e idosos, segundo noticiou a mesma imprensa.

Fica claro, então, que as batalhas dos poderes (bélicos) de Netanyahu à Faixa de Gaza, também de Vladimir Putin na Ucrânia, não são apenas com os carros-tanques, fuzis, bombas e demais artefatos belicosos, mas também pela disputa propagandística por números, visando “quem mata mais”.

Fato é que, toda essa situação é lamentosa! Isso, sem falar das “guerrilhas suburbanas”, que existem nas periferias e centros das cidades, entre os marginais e milicianos, todos os dias, quiçá, influenciadas até por uma mídia que alardeia muito mais tais situações. Fatos sociais graves, que nos impõem a indagar se esses “personagens” não estariam imitando os clássicos “bandidos e mocinhos” assistidos no cinema?

Se é verdade que “a vida imita a arte”, essa é uma máxima que também nos levaria diretamente a um dos clássicos do cinema americano, *Imitation of Life (Imitação da Vida)*, refilmagem de 1954 sob a direção de Douglas Sirk, com a atriz hollywoodiana Lana Turner. — Para mais *Coisas de Cinema*, acesse nosso blog: www.alex-santos.com.br



Patrono da APC será homenageado em Santa Rita

A presidência da Academia Paraibana de Cinema (APC) acaba de ser comunicada por autoridade municipal da cidade de Santa Rita (PB), que o seu patrono da cadeira 5, Severino Alexandre dos Santos, pioneiro do cinema paraibano como exibidor cinematográfico, será homenageado ainda este ano pela Câmara Municipal daquela cidade. De autoria do vereador Sebastião do Sindicato, do PT, o Projeto de Lei Nº 066, que foi apresentado esta semana pelo próprio autor, em sessão plenária, está em tramitação no Legislativo e já seguiu para a Comissão de Constituição e Justiça da Câmara Municipal.

“Seu” Severino do Cinema, como era conhecido em sua cidade e nos meios cinematográficos, dentro e fora do estado, como proprietário de salas exibidoras de filmes, recebe agora a justa homenagem pelo Poder Público. A Academia de Cinema se sente igualmente honrada e agradece.

‘BLACK MYTH – WUKONG’

Game chinês quebrou recorde no lançamento

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

O lançamento no último dia 20 de *Black Myth – Wukong*, jogo eletrônico desenvolvido pelo estúdio chinês Game Science, tem abalado o mundo dos *games* e representado, igualmente, um marco para a indústria de jogos da China. Um dia após o seu lançamento para PC e Playstation 5, o RPG de ação entrou para a história dos *videogames* como o jogo *single-player* (para um jogador) com o maior número de jogadores simultâneos ativos de todos os tempos na plataforma Steam, ultrapassando dois milhões de usuários na ocasião (em sua imensa maioria, compatriotas chineses).

Baseado no clássico roman-

ce de mitologia chinesa *Jornada ao Oeste*, de Wu Cheng'en, surgido aproximadamente em 1570 — período da Dinastia Ming —, o jogo é melhor fruído e compreendido a partir da familiaridade do jogador com a ficção literária, sendo visto, por essa razão, como um produto também voltado à difusão da cultura chinesa no mundo ocidental.

O título AAA (classificação usada para jogos de alto orçamento — equivalente aos filmes *blockbuster* do cinema) é o mais bem-sucedido já desenvolvido na China, atraindo por isso mesmo a atenção global. A mídia estatal do país, a exemplo da China Central Television (CCTV) e da agência estatal oficial Xinhua, enfatizou a importância do jogo na

promoção da cultura chinesa, sugerindo que ele acaba obrigando os jogadores ocidentais a terem contato com a tradição cultural do país, invertendo a lógica de consumo dos jogos ocidentais por parte dos jogadores chineses.

Experiência poética

A narrativa do jogo está centrada no mítico rei macaco Sun Wukong, personagem principal do clássico quinhentista. A escala espacial do mapa do *game* é tão gigantesca quanto as entidades que se apresentam etéreas e suspensas magicamente sobre nuvens no início da trama. O embate de abertura é surpreendente, causando a mesma estranheza e fascínio que um dia votamos a experiências de *games* como os da

franquia *God of War* ou *Shadow of the Colossus* (2006) e seus alçozes colossais.

“Tudo o que eu sempre quis foi uma vida na minha Montanha [das Flores e Frutos], livre de você e de seus supostos méritos. Aqueles lá em cima não confiam em mim. Eu entendo isso. (...) O que eu não entendo é vocês, bastardos, matando a minha espécie”, afirma o macaco antropomorfo, primeiro personagem jogável, diante de um exército de seres celestiais, já renunciando as inúmeras batalhas que travará contra implacáveis yaoguais (criaturas sobrenaturais da mitologia chinesa), bem como transformismos animais dos contos asiáticos, em prol de ações furtivas necessárias ao desenrolar da trama.

O sucesso de *Black Myth – Wukong* aponta um futuro promissor para a indústria de jogos da China, com expectativas de que mais títulos AAA chineses possam alcançar o mercado global, consolidando a posição do país como um *player* importante no cenário internacional de *games*. Certamente estamos diante de um dos jogos que deve figurar como um dos seis indicados na disputa do The Game Awards 2024 (cerimônia de premiação anual criada e apresentada pelo jornalista de *games*, Geoff Keighley), na categoria de Jogo do Ano.



Foto: Divulgação/Game Science

O rei macaco Sun Wukong é o protagonista do jogo chinês que já é um grande sucesso por lá

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

Orgulho

Tenho orgulho das locas adustas donde vim, acesas para o mundo como órbitas devoradas pelo tempo.

Tenho orgulho de meu tempo, dos verões e dos invernos de minha infância, livre e solitária, e de algumas coisas que fiz.

Orgulho das filhas que têm o universo na frente dos olhos e ao calor da pele.

Orgulho de ter lido Camões e de ter, como ressalva, um Adamastor nos meus sonhos.

Tenho orgulho de Políbio Alves, porque escreve para não morrer de silêncio.

Orgulho dos perfumes que Wellington Pereira aspirava nas ruas chuvosas de Paris.

Orgulho de Flaubert, Baudelaire e Valéry.

Tenho orgulho, sim, de ter vindo das roças secas de um Cariri abandonado.

Orgulho da mãe e do pai que eu tive, sua fibra e seu cavalos.

Orgulho daquilo que ninguém percebe. A de ser homem, sozinho entre os homens, sem nenhum deus para abençoá-lo.

Orgulho de amar os que me amam e de beber todo dia a cicuta de meu desespero.

Orgulho enorme de possuir vinte e um mil volumes numa biblioteca cheia de perigos e sabedoria.

Orgulho de ter lido Dostoiévski, o preferido entre os preferidos.

Orgulho de beber, todas as tardes, duas doses de conhaque com Drummond e de saber, como ele, que só o eterno conta e vale a pena.

Orgulho por aquilo não existir.

Orgulho do poema, da poesia, da imagem cifrada de teus olhos que brilham na minha solidão como dois faróis brilham para o nada.

Orgulho de ter as palavras à disposição e de escolher estar vivo, quando morrer talvez fosse a solução melhor.

Orgulho de Van Gogh que se deu à morte como um deus enlouquecido, e orgulho de seus girassóis e ciprestes dilacerados.

Tenho orgulho de ter Diadorim nas horas que quiser, nas narrativas e veredas das minhas leituras.

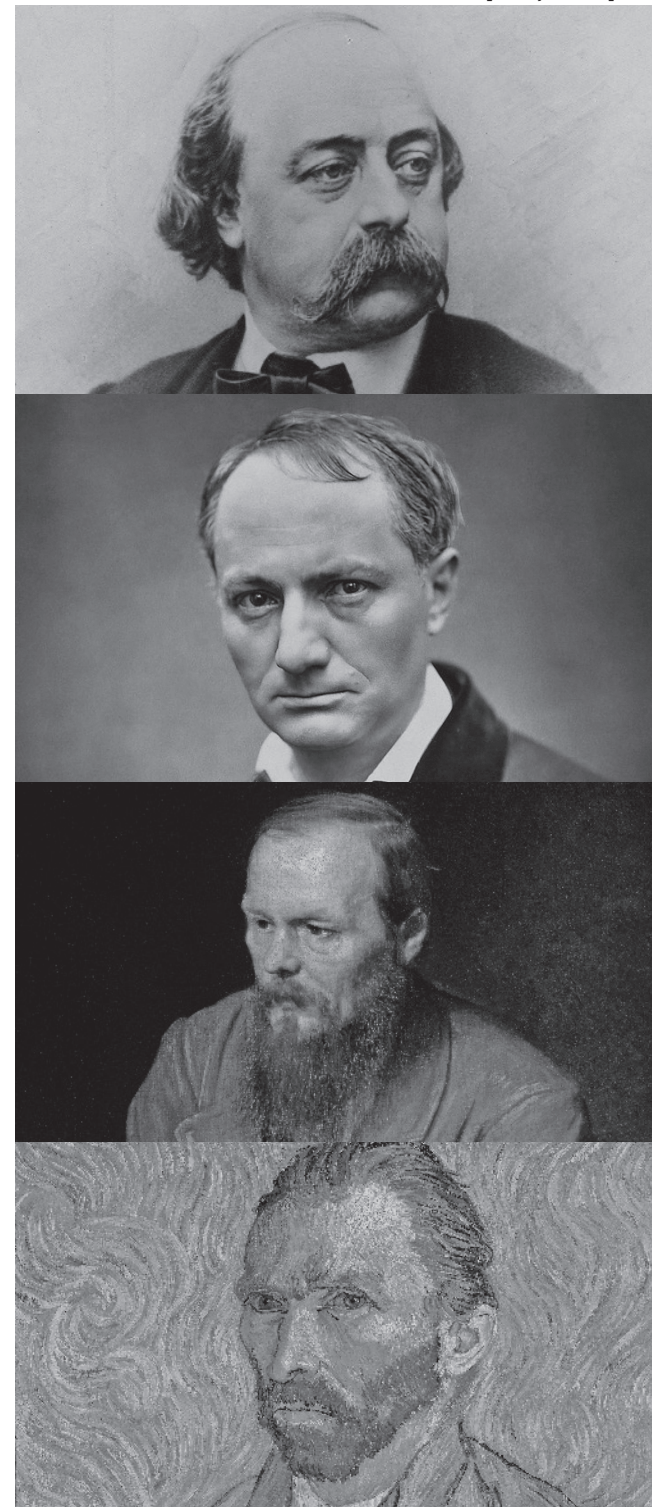
Orgulho de Vera, a minha verdade, o meu para sempre.

Orgulho da beleza e da sinfonia que nunca acaba.

Muito orgulho de ter feito muito pouco e de não ter acumulado riquezas.

Orgulho de ser o que sou e o que não sou, um velho poema por fazer.

Fotos: Reprodução/Wikipedia



Orgulhos: Gustave Flaubert, Baudelaire, Dostoiévski, Van Gogh

Colunista colaborador

CANDIDATOS NEGROS NA PB

Número bate recorde para eleições

De acordo com dados do Tribunal Superior Eleitoral, 63,69% dos postulantes se autodeclararam pardos

Filipe Cabral
filipemscabral@gmail.com

Em 2024, o percentual de candidatos negros registrados nas eleições para prefeitos, vice-prefeitos e vereadores na Paraíba é o maior das últimas três campanhas. De acordo com dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), neste ano, 63,69% das candidaturas registradas no estado são de pessoas que se autodeclararam pretas ou pardas. Nas últimas eleições municipais, em 2020, o percentual foi de 61,51%, enquanto em 2016 foi de 56,41%.

Em números absolutos, dos 10.105 pedidos de registro de candidatura computados neste ano pela Justiça Eleitoral na Paraíba, 5.516 são de candidatos autodeclarados pardos (54,65%), 912 pretos (9,04%), 3.497 brancos (34,65%), 82 indígenas (0,81%) e 36 amarelos (0,36%). Os dados apontam também 50 candidaturas (0,5%) de pessoas que não informaram a raça ou etnia com a qual se reconhecem.

Na análise por cargos, os negros são maioria no estado entre vice-prefeitos (53,99%) e vereadores (65,22%). Na disputa para prefeito, os brancos ainda seguem como maioria, com 273 (52,40%) das 521 candidaturas registradas no estado.

Os indígenas tiveram duas candidaturas registradas para o cargo de prefeito (ambas no município de Marcação), três para vice e 77 para vereador. Das 82 candidaturas indígenas, 75 correspondem a representantes do povo Potiguara, uma dos Kariri e seis não informaram etnia. Os candidatos e candidatas autodeclarados amarelos aparecem apenas na disputa para vereador, com 36 registros. Dois candidatos a prefeito, quatro a vice e 44 a vereador não informaram dados de raça e etnia.

Tendência

De acordo com o cientista político e professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), José Henrique Artigas, o aumento do número de candidaturas negras na Paraíba reflete, de cer-

ta forma, uma tendência observada na política nacional e entre a própria população.

No Brasil, por exemplo, o percentual de candidaturas negras saiu de 47,75% em 2016, para 52,73% neste ano. Já as candidaturas de pessoas autodeclaradas brancas reduziram de 51,45% para 45,65% no mesmo período.

“Isso tem a ver com o avanço do movimento negro e da representatividade dos pretos, especialmente, no que tange ao conjunto da sociedade. Se, no passado, era algo negativo em alguns aspectos pela associação a estigmas e preconceitos de discriminação, isso vem diminuindo e se reflete, então, nessa mudança. É um elemento exógeno à política partidária que tem que ser levado em consideração. Se o povo brasileiro se considera mais preto e pardo, de alguma maneira, isso vai se refletir também no conjunto das candidaturas”, observou.

Na Paraíba, dados do Censo 2022, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), por exemplo, apontam que, nos últimos anos, a maioria (63,5%) dos 3.974.687 habitantes da Paraíba se identificam como pretos ou pardos, somando um total de 2.524.452 pessoas. Na comparação com o Censo 2010, os dados apontam um crescimento de 58,6% da população autodeclarada preta no estado e de 11,1% dos pardos, ao mesmo tempo em que um há decréscimo de 5,3% da população que se identifica como branca. Além disso, em 2022, dos 223 municípios da Paraíba, 217 registraram a maioria da população autodeclarada parda.

Contudo, para além de uma maior autoidentificação da população brasileira e paraibana como negra, Artigas também repara em outros dois fatores, mais ligados ao âmbito político propriamente, que tem contribuído

para o crescimento de candidaturas negras: as mudanças na legislação eleitoral garantiram cotas proporcionais de participação no fundo eleitoral e no tempo de rádio e televisão; e o próprio aumento do número de políticos pardos e pretos eleitos em todo o país.

“Isso já vem acontecendo há pelo menos cinco eleições sucessivas. Embora o crescimento seja muito pequeno proporcionalmente, ele tem se dado de modo contínuo. Então é de se esperar que nós tenhamos também candidaturas em maior grau de pretos e pardos, o que provavelmente vai acabar derivando em um crescimento que, ainda que não expressivo, mantém essa continuidade de aumento dos eleitos pretos e pardos”, ponderou Artigas.

Representatividade

O cientista político, contudo, ressalta que o maior número de candidaturas negras não implica necessariamente uma mudança representativa na composição dos Executivos municipais e das Câmaras de Vereadores. Ao contrário, ele repara que, apesar do crescimento do percentual de candidatos negros nos últimos pleitos, as Prefeituras e os Legislativos municipais seguem “absolutamente brancos”.

“A gente vê que o crescimento de candidaturas negras não é acompanhado, nem de longe, na mesma proporção dos eleitos pretos e pardos. Na Câmara de João Pessoa, por exemplo, de 27 vereadores, hoje, nós só temos uma pessoa dentro desse critério — um número absolutamente desproporcional em relação ao crescimento do conjunto das candidaturas pretas e pardas na última eleição municipal”, pontuou.

Artigas ainda aprofunda a análise ao sublinhar o fato de que, apesar do aumento geral, o número de candidaturas de pretos e pardos não tem crescido na mesma proporção. O que, segundo ele, sugere a persistência do preconceito e discriminação “ancorados no fenótipo e na autodeclaração”.

“Nós tivemos, por exemplo, o caso na Bahia, do ACM [Antônio Carlos Magalhães] Neto, que passou a ser pardo. Ele continuou a receber votos não por ter se autodeclarado pardo, mas por ser reconhecido pela sociedade como branco. O fator da autoatribuição não é um fator condicionante da escolha do voto do eleitor. A questão racial ainda está longe de ser um critério seletivo importante para a escolha de candidatos por parte do eleitorado. Apesar desses indicadores [de crescimento das candidaturas negras] serem positivos, eles obscurecem também a persistência do estigma e do preconceito. Então, a gente tem, às vezes, uma falsa ideia de que a desigualdade racial está diminuindo na política brasileira, o que não é exatamente verdadeiro. Está diminuindo, mas a um ritmo realmente muito desproporcional ao crescimento que nós tivemos na última década, mesmo das candidaturas pretas e pardas”, alertou.

Anistia

Na última quinta-feira (22), o Congresso Federal promulgou a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 18/2021, que ficou conhecida como a “PEC da Anistia” por, dentre outras medidas, livrar os partidos de multas por descumprimento de repasses mínimos para candidaturas negras.

“Isso tem a ver com o avanço do movimento negro e da representatividade dos pretos”

José Artigas

Até as últimas eleições, os partidos eram obrigados a repassar recursos a negros e pardos de forma proporcional — isto é, de acordo com o número de candidatos com esse perfil. A PEC, entretanto, propõe inserir na Constituição a obrigatoriedade de os partidos repassarem 30% dos recursos para financiar campanhas de negros e pardos independentemente da proporção de candidaturas. De acordo com o texto aprovado pelo Congresso, a regra passa a valer já na eleição de 2024.

Para Artigas, a norma representa uma “vergonha nacional”, pois reforça, perante a sociedade, a ideia de impunidade. Segundo ele, “é impressionante que os próprios partidos estimulem o não cumprimento das regras que eles mesmos estabeleceram”.

“Isso é uma vergonha nacional, é o oposto do republicanismo, da transparência, da normatividade jurídica, da segurança jurídica. Veja: as leis são aprovadas, o Judiciário estabelece os critérios [de aplicação], os partidos deliberadamente não cumprem esses critérios e depois se autotanistiam. Para que serve a lei então?”, questionou.



Ilustração: Bruno Chiossi



Foto: Arquivo pessoal

Para Artigas, se o povo se considera mais preto ou pardo, isso reflete nas candidaturas

PESQUISA DATASENADO

Brasileiro sente efeito das notícias falsas em eleições

Para 81% dos entrevistados, a desinformação pode afetar o resultado de pleitos

Agência Senado

A proximidade das eleições municipais de 2024 acende um alerta sobre a desinformação e a propagação de notícias falsas. De acordo com pesquisa feita pelo Instituto DataSenado, 81% dos brasileiros acham que as notícias falsas, as chamadas *fake news*, podem afetar significativamente o resultado eleitoral. Conforme o levantamento, 72% dos brasileiros já se depararam com notícias falsas nas redes sociais nos últimos seis meses e consideram “muito importante” controlar essas publicações para garantir uma competição justa.

Para a senadora licenciada Eliziane Gama (MA), que até recentemente presidia a Comissão de Defesa da Democracia e era uma das titulares da CPMI das Fake News, há duas hipóteses para quem compartilha esse tipo de informação: má-fé ou desconhecimento.

“Mas quem produz essas notícias falsas é 100% ardiloso, pois usa a adulteração, a deturpação e a modificação de informação ou fato, para que sua mensagem tenha determinado alcance ou efeito. É preciso um rigor maior para combater essa prática

■ Pelo menos 31% dos brasileiros acham que quem compartilha *fake news* quer mudar a opinião dos outros



Foto: Jefferson Rudy/Agência Senado

Estudo mostra que 72% dos usuários de redes sociais viram notícias falsas nos últimos seis meses

perniciosa”, disse Eliziane. Atualmente, ela exerce o cargo de secretária da Juventude do Maranhão.

A CPMI das Fake News é uma Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (com senadores e deputados) que investiga denúncias de notícias falsas e assédio nas redes sociais, além do uso de contas artificiais e de serviços de impulsionamento de conteúdo para divulgação de propaganda política. Presidido pelo senador Ângelo Coronel (PSD-BA), o colegiado foi instalado em 2019, mas teve as atividades suspensas, junto com todas as demais Comissões do Congresso Nacional, no início da pandemia de Covid-19. O seu prazo de funcionamento foi prorrogado por tempo indeterminado.

Pesquisa

O impacto das notícias falsas e da polarização política nas eleições no Brasil é apresentado na 21ª edição da pesquisa “Panorama Político”, do

Instituto de Pesquisa DataSenado. Feito entre os dias 5 e 28 de junho de 2024, o levantamento abordou 21.808 brasileiros de todas as regiões do país. O objetivo da análise é informar a sociedade e orientar o Poder Público na elaboração de políticas que respondam aos desafios apontados.

De acordo com o estudo, 72% dos usuários de redes sociais — o que equivale a 67% da população com 16 anos ou mais — já viram notícias que desconfiam serem falsas nos últimos seis meses. Esse número revela o alcance da crescente desinformação às vésperas das eleições municipais de 2024, como destaca o coordenador da pesquisa DataSenado, José Henrique Varanda.

Quando perguntados sobre qual seria o motivo para a disseminação das chamadas *fake news*, 31% acham que quem compartilha esse tipo de notícia quer mudar a opinião dos outros. Já outros 30% acreditam que as notícias falsas são compartilhadas por

desconhecimento sobre sua veracidade.

Ao serem questionados sobre o nível de dificuldade para identificar se uma notícia é falsa ou não, a metade dos entrevistados afirmou considerar difícil. Eleitores de Sergipe, Maranhão e Rio Grande do Norte são os que mais dizem ter dificuldade. Já Santa Catarina, Distrito Federal e São Paulo têm eleitores que consideram fácil separar a notícia falsa da verdadeira.

Além disso, a pesquisa mostra outra preocupação: 81% dos entrevistados acreditam que a disseminação de notícias falsas pode impactar significativamente os resultados das eleições. Essa percepção coloca em evidência a necessidade de medidas mais rigorosas para garantir que o processo eleitoral seja justo e livre de interferências indevidas, como o Projeto de Lei das Fake News (PL nº 2.630, de 2020), já aprovado pelo Senado e agora em análise na Câmara dos Deputados.

Enfrentamento inclui controle e checagem

José Henrique Varanda destacou que, conforme o estudo do DataSenado, 92% da população brasileira acima de 16 anos usam redes sociais. Na opinião do analista do Senado, a pesquisa ajuda a dar respaldo para os juízes eleitorais fazerem cumprir a regulamentação recente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) para as eleições municipais deste ano, “já que 78% da população ouvida se mostrou a favor do controle de notícias falsas para garantir eleições mais justas e sem desinformação”.

“O estudo deixa clara a abrangência da exposição das pessoas a notícias falsas e como elas têm percebido os impactos dessa realidade. Além disso, vale ressaltar que as estimativas nacionais, como as deste relatório, estão com margens de erro bem baixas, tendo, em média, 1,22%”, disse Varanda.

Outro ponto levantado pelo estudo é a percepção sobre a responsabilidade das plataformas de redes sociais nesse enfrentamento. A ampla maioria da po-

pulação (81%) acredita que essas empresas devem ser responsáveis por impedir a disseminação de notícias falsas, sugerindo que o público apoia o uso de filtros, moderação e políticas de uso sobre o conteúdo que circula nessas plataformas.

Senado Verifica

O Senado Federal mantém um canal de interação com o cidadão destinado à checagem da veracidade de informações sobre a Casa. Intitulado Senado Verifica — Fato ou Fake?, o serviço analisa textos publicados em quaisquer meios de comunicação ou nas redes sociais, considerados falsos, incorretos ou que tenham a finalidade de gerar engano ou ânimo contrário à instituição.

A checagem é feita por uma equipe de jornalistas que recebe as informações enviadas pelos cidadãos ou são selecionadas a partir do acompanhamento de notícias publicadas sobre o Senado nos meios de comunicação e nas plataformas digitais. As respostas enviadas aos cidadãos e as

demais checagens poderão ser publicadas na página do Senado Verifica: Fato ou Fake?.

O Senado também mantém um protocolo permanente do Programa de Enfrentamento à Desinformação junto ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE) para combater conteúdo falso.

Com as eleições municipais previstas para outubro, a perspectiva é de aumento de notícias falsas relacionadas ao pleito. Todas as dúvidas levantadas

sobre *fake news* ou *deepfake* (alteração de imagens e sons por inteligência artificial que criam situações que não ocorreram) nas eleições municipais serão encaminhadas pelo Senado ao TSE.

O cidadão pode solicitar a checagem de informações por meio dos canais de relacionamento do Senado. São eles: o WhatsApp (61) 98190-0601; o telefone 0800 061 2211 (ligação gratuita de todo o Brasil, por telefone fixo e celular); e o e-mail senadoverifica@senado.leg.br.

Saiba Mais

Como identificar notícias falsas

- Veja se os títulos apelam para o exagero e abusam de recurso visuais, como negrito, letra maiúscula e pontos de exclamação.
- Preste atenção no texto. Geralmente notícia falsa tem erros de ortografia concordância ou lógica.
- Veja se a mensagem estimula o compartilhamento rápido, sem pensar.
- Pesquise se a notícia foi divulgada em outro veículo de comunicação.
- Quem é o autor? Quem enviou?
- Pesquise se a pessoa realmente existe e se é de confiança.
- O texto possui uma fonte ou referência confiável?
- Se você tiver dúvida sobre a mensagem, não compartilhe.

Curtas

Senado debate dedução do IR para pessoas com TEA

A Comissão de Assuntos Econômicos (CAE) do Senado vota, nesta terça-feira (27), o projeto que considera despesa médica, para fins de dedução do Imposto sobre a Renda (IR), o pagamento relativo à instrução de pessoa com transtorno do espectro autista (TEA). O PL nº 1.726/2019, do senador Veneziano Vital do Rêgo (MDB-PB), recebeu voto favorável do relator, o senador Eduardo Braga (MDB-AM). Conforme o texto, os gastos com educação de pessoas com TEA serão considerados como despesas médicas, que podem ser deduzidas integralmente do imposto devido, e não como despesas educacionais, com dedução limitada ao valor anual de R\$ 3.561,50 em 2023/2024. Atualmente, vigora regra idêntica para pessoas com deficiência que estudam em instituições especializadas.

Cancelamentos em planos de saúde voltam ao debate

A Comissão de Saúde da Câmara dos Deputados promove nova audiência pública nesta terça-feira (27) sobre cancelamentos unilaterais de planos de saúde. O debate atende a pedido de diferentes parlamentares da Casa. Em junho, representantes de pessoas com deficiência reunidos na Câmara pediram uma solução definitiva para os cancelamentos unilaterais, pelas operadoras, de planos de saúde de pessoas com deficiência e com doenças graves. Esses cancelamentos atingem os planos de saúde coletivos por adesão, quando a contratação é feita por sindicatos, associações e cooperativas para seus associados e dependentes. Isso porque os planos do tipo individual ou familiar só podem ser cancelados pela operadora se houver fraude ou inadimplência.

Proposta inclui direito ao cuidado na Constituição

Uma Proposta de Emenda à Constituição (PEC) em análise na Câmara dos Deputados insere o direito ao cuidado na lista de direitos sociais previstos na Carta Magna. A matéria foi formulada pelas deputadas Flávia Moraes (PDT-GO), Soraya Santos (PL-RJ), Maria do Rosário (PT-RS) e Taliria Petrone (PSol-RJ) e é assinada por parlamentares de diferentes partidos. Entre os argumentos usados, está o de que as pessoas encarregadas dos cuidados constituem uma parcela invisível da sociedade. Atualmente, a Constituição prevê como direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, e a assistência aos desamparados.

Julgamento conjunto sobre Marco Civil da Internet

Os ministros Dias Toffoli, Luiz Fux e Edson Fachin, relatores de três ações que tratam sobre Marco Civil da Internet e plataformas digitais no Supremo Tribunal Federal (STF), liberaram seus processos para julgamento e pediram ao presidente da Corte, o ministro Luís Roberto Barroso, a análise conjunta em plenário, preferencialmente, no mês de novembro. Agora, caberá ao presidente definir a data. Os textos discutem se a matéria é ou não constitucional; a responsabilidade de provedores de aplicativos ou de ferramentas de internet pelo conteúdo gerado pelos usuários; e a possibilidade de bloqueio do aplicativo de mensagens WhatsApp por decisões judiciais, analisando se o bloqueio ofende o direito à liberdade de expressão e comunicação e o princípio da proporcionalidade.

OAB e Barra Mexicana selam cooperação pela advocacia

O Conselho Federal da OAB e a Barra Mexicana, Colégio de Advogados, assinaram um convênio de cooperação para fortalecer a atuação da advocacia nos dois países. A iniciativa, firmada por meio da Comissão Nacional de Relações Internacionais, intensifica o compromisso das duas entidades para a troca de experiências no campo jurídico. A Barra Mexicana é uma das principais associações de advogados do México, mas, diferente do que ocorre no Brasil, a inscrição na entidade de classe não é obrigatória para o exercício da advocacia. O acordo da instituição com a OAB representa um passo significativo no estreitamento dos laços jurídicos entre os dois países.

DE 1985 A 2023

País perdeu 33% de áreas naturais

Dados constam em documento divulgado pela rede colaborativa MapBiomias; nas áreas privadas, perda foi de 28%

Da Redação
Agência Brasil

A cobertura e o uso da terra pela ação do homem no Brasil continuam a mudar, aumentando os riscos climáticos, aponta um mapeamento divulgado, na última quarta-feira (21), pela MapBiomias. De acordo com o estudo, que analisa dados de 1985 a 2023, o país já acumula um saldo negativo de 33% das áreas naturais de seu território, que incluem a vegetação nativa dos biomas, a superfície de água e as áreas naturais não vegetadas, como praias e dunas.

“A perda da vegetação nativa nos biomas brasileiros tende a impactar negativamente a dinâmica do clima regional e diminuir o efeito protetor durante eventos climáticos extremos”, explica o coordenador-geral da MapBiomias, Tasso Azevedo.

Nos últimos 39 anos, o Brasil perdeu 110 milhões de hectares dessas áreas, o que equivale a 13% do território do país, os outros 20% já haviam sofrido mudanças anteriormente. Esse resultado também leva em consideração o mapeamento de vegetação nativa recuperada a partir de 2008, quando o Código Florestal foi regulamentado pelo Decreto nº 6.514,

que estabeleceu mecanismos de sanção e compensação por danos ambientais.

Municípios

Enquanto no território de 37% dos municípios brasileiros houve ganho de vegetação nativa, em 45% — ou seja, quase metade dos 5.570 municípios

do país — houve saldo negativo na cobertura de área natural no período. Os outros 18% se mantiveram estáveis entre 2008 e 2023. Isso significa que o saldo entre o ganho e a perda das áreas naturais foram menores que 2% ao longo do período.

“A vegetação secundária já está classificada como flo-

resta, incluída na área nativa em 2023. Então, ela pode ter sido desmatada ou teve uma queima severa e foi mapeada como pastagem, mas, depois que ela recupera, ela volta a ser considerada como floresta”, informou o coordenador técnico da Mapbiomas, Marcos Reis Rosa.

Os dados da Coleção 9 de mapas anuais de cobertura e de uso da terra foram consolidados a partir do monitoramento de 29 mapas com análises, por exemplo, da cobertura do solo e do uso da terra, a partir de diferentes recortes de território, como biomas, municípios, terras públicas e priva-



Foto: Marcelo Camargo/Agência Brasil

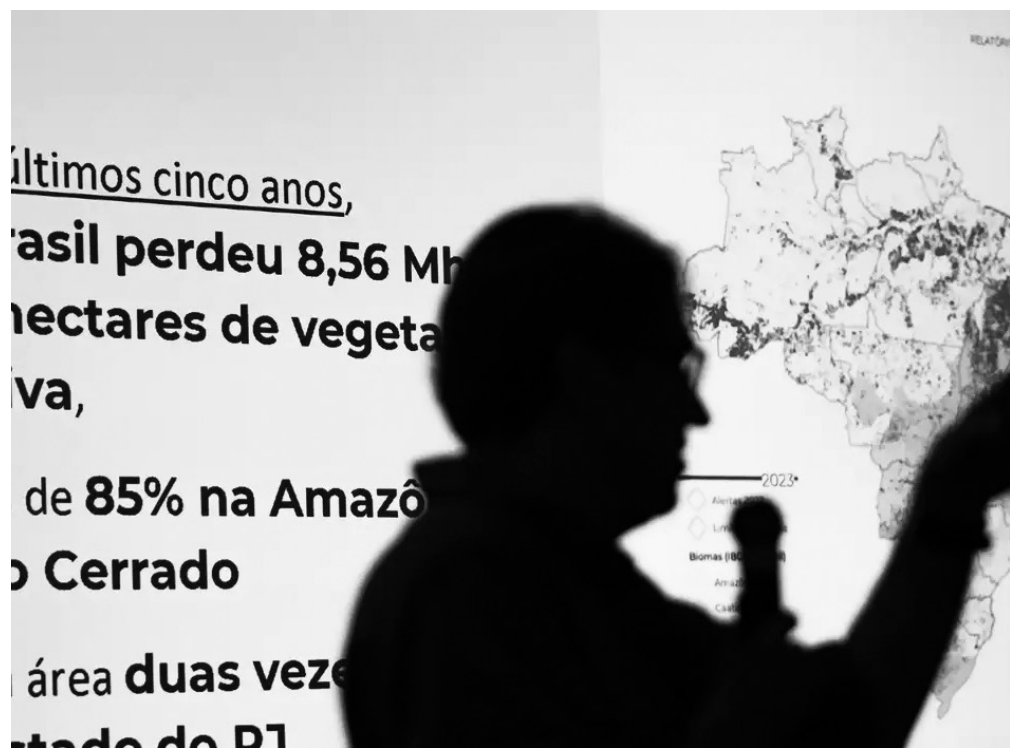


A perda da vegetação nativa tende a impactar negativamente a dinâmica do clima regional e diminuir o efeito protetor em eventos climáticos extremos

Tasso Azevedo



Terras indígenas são as mais preservadas e, segundo o estudo, perda de vegetação nativa, em 39 anos, foi inferior a 1%



Resultado leva em consideração o mapeamento de vegetações recuperadas desde 2008

Amazônia e Cerrado são os biomas com maiores desmatamentos

A partir desse volume de informação, os pesquisadores chegaram à conclusão de que o Brasil manteve, até 2023, apenas 64,5% da vegetação nativa, além das superfícies de água e áreas naturais não vegetadas, como praias e dunas, que correspondem a 2,5% do seu território. Dos 110 milhões de hectares de vegetação nativa suprimida, 55 milhões de hectares foram na Amazônia; 38 milhões de hectares, no Cerrado; a Caatinga perdeu 8,6 milhões de hectares; e 3,3 milhões de hectares perdidos estão no Pampa.

No Pantanal, houve uma perda significativa na superfície de água, que, em 1985, representava 21% dos 15,1 milhões de hectares do bioma no Brasil. Em 2023, a água

passou a representar apenas 4% do território pantaneiro. Já as áreas de vegetação herbácea e arbustiva aumentaram de 36%, em 1985, para 50% do bioma, em 2023.

De acordo com o pesquisador Eduardo Vélez Martin, os dados disponibilizados na plataforma da MapBiomias permitem compreender a dinâmica territorial de maior ou menor aceleração da taxa de perda ao longo do tempo. “A gente vê, por exemplo, que o Cerrado e o Pampa têm uma perda proporcional muito alta, praticamente em torno de 27% e 28% do que tinha em 1985. Isso mostra uma tendência muito grande e acelerada de mudança nesses 39 anos, em contraste com outros biomas, por exemplo, o Pantanal”, diz.

Florestas públicas

Pela primeira vez, foi realizado um recorte na perda de cobertura vegetal das florestas públicas não destinadas, ou seja, aquelas em que a União ainda não definiu o uso da terra, como as Unidades de Conservação, as Terras Indígenas e as concessões florestais, que representam 13% da Amazônia Legal. Atualmente, essas florestas ainda mantêm 92% de sua área coberta por vegetação nativa.

Já nas florestas públicas destinadas, as Terras Indígenas são as áreas mais preservadas no país, onde a perda de vegetação nativa foi equivalente a menos de 1% em 39 anos. Elas correspondem a 13% de todo o território nacional.

Áreas naturais em propriedades privadas são mais depredadas

As áreas naturais sofreram maior impacto em propriedades privadas, onde a perda foi de 28% em 39 anos. No total de 281 milhões de hectares convertidos pela ação do homem até 2023, 60% estão em propriedades privadas. Houve uma expansão de 228% das áreas que foram convertidas em agricultura e de 76% nas que passaram a ser pastagem, depois de 1985.

Quando o relevo é analisado, foi observada uma diferença entre a Zona Rural e as áreas urbanas. Terras mais planas foram mais afetadas no campo, onde regiões com inclinação de 0% a 3% perderam 20% de sua cobertura nativa. Já nas Zonas Urbanas, as áreas de encostas, com inclinação superior a 30%, foram

as que sofreram redução da vegetação nativa, uma média de 3,3% ao ano.

“Essa informação sobre a declividade pode ser um dos fatores para entendimento de outros processos como os erosivos, deslizamentos, infiltração da água no solo. Então, quando a gente pensa em risco climático, o tipo de terreno também é fundamental para pensar em zoneamento e em áreas destinadas à conservação”, conclui a pesquisadora do Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia e da Mapbiomas, Bárbara Costa.

O estudo

A MapBiomias é uma rede colaborativa formada por ONGs, universidades e startups de tecnologia. Anualmente,

a entidade produz o mapeamento da cobertura do uso da terra, além de monitorar, mensalmente, a superfície de água e cicatrizes de fogo. Os pesquisadores também elaboram e validam relatórios para eventos voltados à temática do desmatamento.



Aponte a câmera para o QR Code e acesse o estudo da MapBiomias na íntegra

Saiba Mais

A MapBiomias também lançou a versão beta do mapeamento de recifes de coral em águas rasas, que podem ser detectados por satélites com sensores óticos. Tratam-se de habitats marinhos, formados pelo acúmulo progressivo do esqueleto calcário de corais e algas. O mapeamento revelou 20,4 mil hectares de recifes de coral na costa leste do Brasil. A maior parte deles (72%) se encontra em Unidades de Conservação Marinhas, sendo que uma delas — a APA Ponta

da Baleia/Ábrolhos — responde por 33% de toda a área mapeada.

“A costa leste brasileira, sem grande descarga sedimentar de seus rios, possui águas claras, com grande penetrabilidade à luz. Este é um dos fatores que explicam a grande concentração de recifes de corais na região. Entretanto, a exuberância dos corais do Brasil e do mundo é ameaçada pelo aumento da temperatura média dos oceanos, condição que leva ao branqueamento

do coral e, eventualmente, à sua morte”, destaca Cesar Diniz, da equipe de mapeamento da Zona Costeira do MapBiomias. “Estima-se que 1/4 de toda vida marinha é dependente de corais, em algum momento de sua vida. Logo, monitorar as condições coralíneas do país é absolutamente relevante a todos nós. Mesmo que não percebamos, todos estamos associados aos serviços ecossistêmicos prestados pelos recifes de corais”, complementa.

EDITAL NA ÁREA

STJ oferta salários de até R\$ 12 mil

Certame é para formação de cadastro de reserva nas áreas administrativa, judiciária e de apoio especializado

Lilian Viana
 lilian.vianacananea@gmail.com

Foi publicado, na última segunda-feira, o tão aguardado edital do novo concurso do Superior Tribunal de Justiça (STJ). A seleção é destinada apenas à formação de cadastro de reserva, mas os aprovados podem ser chamados durante todo o prazo de validade, que será de dois anos, com chance de prorrogação pelo mesmo período.

As oportunidades são para nível superior e para atuação em diferentes áreas e especialidades do cargo de analista judiciário. O salário inicial é de R\$ 12.455,30, além do auxílio-alimentação de R\$ 1.393,10. Os candidatos exercerão suas atividades na sede do STJ, em Brasília, no Distrito Federal.

As inscrições, que custam R\$ 120, começam na próxima sexta-feira e seguem até 20 de setembro, no site do Centro Brasileiro de Pesquisa em Avaliação e Seleção e de Promoção de Eventos (Cebbraspe), banca organizadora do certame. O valor poderá ser pago até o dia 11 de outubro, em qualquer agência bancária, casa lotérica ou pelos Correios. Serão aceitos pedidos de isenção, durante todo o período de inscrição, para os candidatos membros de família de baixa renda, inscritos no CadÚnico; ou doadores de medula óssea em instituição reconhecida pelo

■ **Provas serão aplicadas no dia 1º de dezembro, em Brasília**



Foto: João Pectrosa

Inscrições serão abertas na próxima sexta-feira, no site da Cebbraspe, e custarão R\$ 120

Ministério da Saúde.

As provas serão realizadas no dia 1º de dezembro, em Brasília, e terão caráter eliminatório e classificatório, com 50 questões de conhecimentos básicos e 70 de conhecimentos específicos, além de uma redação. Candidatos ao cargo de inspetor da Polícia Judicial passarão, ainda, por testes de aptidão física, também em Brasília, com exigência de atestado médico. O resultado será divulgado no dia 10 de janeiro de 2025.

Saiba Mais

Confira, abaixo, as áreas contempladas no edital:

Área administrativa

- Inspetor da Polícia Judicial

Área judiciária

- Direito

Área de apoio especializado

- Análise de sistemas de informação
- Arquitetura
- Biblioteconomia
- Comunicação social
- Contadoria
- Enfermagem
- Engenharia civil
- Engenharia elétrica
- Engenharia mecânica
- Medicina (ramo Cardiologia)
- Medicina (ramo Clínica Geral)
- Medicina (ramo Ortopedia)
- Odontologia (ramo dentista)
- Pedagogia
- Psicologia
- Suporte em tecnologia da informação

UEPB e CRMV têm vagas de níveis médio e superior

Na Paraíba, dois certames estão com inscrições abertas, com oportunidades para nível médio e superior: Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e Conselho Regional de Medicina Veterinária do Estado da Paraíba (CRMV-PB). No caso da UEPB, são 14 vagas temporárias para funções de nível fundamental, médio/técnico e superior, para os campi de Campina Grande, Lagoa Seca, Catolé do Rocha e Araruna. As inscrições podem ser feitas até 15 de setembro, pelo site sistemas.cpcon.uepb.edu.br.

O processo seletivo será realizado em duas fases. A primeira será a prova escrita objetiva, de caráter eliminatório e classificatório, para todas as funções. Na segunda fase, será aplicada uma prova prática, de caráter eliminatório e classificatório, para as funções de auxiliar de laboratório de análises clínicas; atendente de consultório dentário; técnico em laboratório (Hidráulica); técnico de prótese dentária; técnico de Radiologia; técnico em laboratório (Biologia); técnico em laboratório (Fitopatologia); técnico em laboratório (Morfofisiologia); técnico em laboratório (manutenção de equipamentos odontológicos) e bibliotecário. Para as funções de bibliotecário, nutricionista e pedagogo haverá, ainda,

Prazos

Conselho Regional e Universidade Estadual inscrevem até os dias 5 e 15 de setembro, respectivamente

uma prova de títulos, de caráter classificatório.

O contrato terá a validade de até um ano, após a posse, podendo ser prorrogado, desde que o período total não exceda quatro anos. Os salários variam de R\$ 1.577,35 a R\$ 3.566,25.

Já o concurso para o CRMV-PB prevê a contratação de fiscal e assistente administrativo, além de formação de cadastro de reserva. A inscrição custa R\$ 60 e deve ser feita pelo site ibade.org.br, até o dia 5 de setembro.

A remuneração para o cargo de assistente administrativo e de fiscal é de R\$ 2.209,45, mais benefícios. Os dois cargos têm carga horária de 40 horas semanais. O concurso será realizado em uma única etapa, que consiste em uma prova objetiva de caráter classificatório e eliminatório, prevista para ser aplicada em João Pessoa.

Assistente administrativo: engrenagem que move empresas

No meio da correria cotidiana das empresas, uma figura essencial se destaca: o assistente administrativo, uma das oportunidades do concurso do CRMV-PB. João Medeiros desempenha essa função há quase 10 anos em uma clínica veterinária de Santa Rita, na Grande João Pessoa, e garante que a organização é a base para se tornar um excelente profissional na área.

A rotina dele começa bem cedo. Às 7h30, João já está em seu posto, preparando a sala de reuniões, organizando documentos e verificando se todas as demandas do dia anterior foram atendidas. Sua função envolve desde a gestão de correspondências até o controle de agendas, passando pela organização de arquivos físicos e digitais, além da elaboração de relatórios financeiros e administrativos.

“Cada dia é um novo desafio, pois sempre há algo urgente para resolver. A gente precisa estar preparado para tudo”. E ele não exagera.

Além das tarefas rotineiras, João também é responsável por gerenciar pequenos conflitos internos, resolver problemas logísticos e garantir que os suprimentos da clínica estejam sempre disponíveis.

O assistente administrativo, como João, enfrenta uma série de desafios diários. Um dos maiores é a necessidade de lidar com múltiplas tarefas ao mesmo tempo, sem perder o foco e a eficiência. Além disso, a evolução tecnológica exige que o assistente administrativo esteja sempre atualizado. “Hoje, não basta saber usar o básico do pacote Office. É preciso dominar ferramentas de

■ **Apesar da importância da área, falta de valorização é obstáculo**

gestão de projetos, sistemas de gestão empresarial, e estar por dentro das novas tecnologias que otimizam o trabalho”, alerta João.

O profissional aponta, ainda, outro desafio da função: o reconhecimento. Muitas vezes, o trabalho do assistente administrativo é visto como algo secundário, o que pode desmotivar os profissionais da área. “É um trabalho que requer muita responsabilidade, mas que nem sempre é valorizado. Precisamos ser multitarefas, resolver problemas e, ainda assim, estar sempre disponível para ajudar”, argumenta.

Assim como qualquer outra função que possui desafios diários, a área oferece inúmeras oportunidades de crescimento. João, por exemplo, está concluindo sua graduação e já se prepara para assumir sua nova função na clínica, como coordenador administrativo. “Minha meta é chegar à gerência”, resume, empolgado com as perspectivas e desafios.

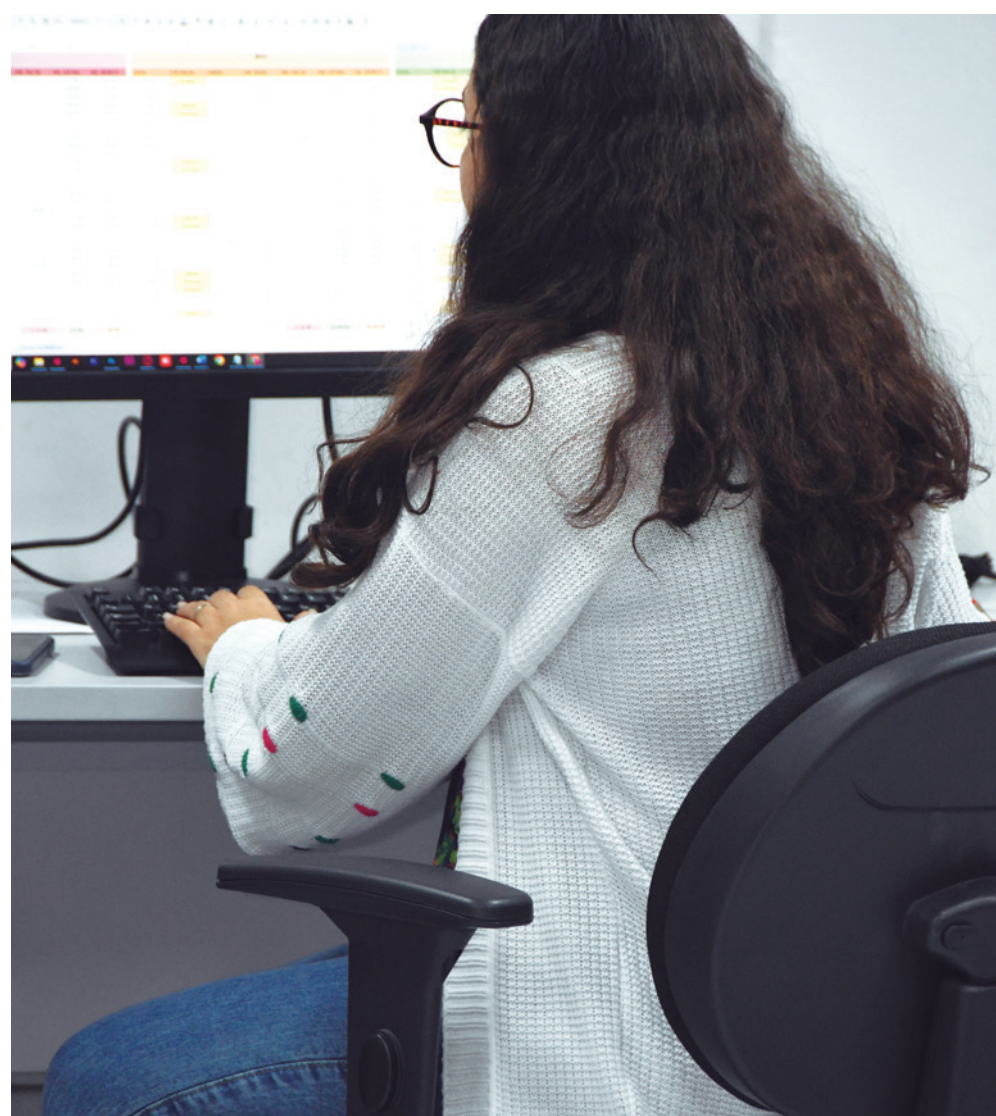


Foto: Carlos Rodrigo

Profissional gerencia agendas, organiza arquivos, elabora relatórios e faz a gestão de projetos

Selic

Fixado em 31 de julho de 2024

10,50%

Salário mínimo

R\$ 1.412

Dólar \$ Comercial

-1,97%

R\$ 5,479

Euro € Comercial

-1,24%

R\$ 6,131

Libra £ Esterlina

-1,19%

R\$ 7,239

Inflação

IPCA do IBGE (em %)

Julho/2024	0,38
Junho/2024	0,21
Mai/2024	0,46
Abril/2024	0,38
Março/2024	0,16

Ibovespa

135.803 pts

+0,47%



TENDÊNCIA

Mercado de imóveis de luxo em alta na Paraíba

Segmento de médio e alto padrões teve crescimento de 13% no volume de vendas

Bárbara Wanderley
babiwonderley@gmail.com

Os imóveis de luxo estão em alta. As vendas de novos imóveis no Brasil subiram 45,3% nos 12 meses até maio deste ano, para 183,22 mil unidades, conforme indicador divulgado pela Associação Brasileira de Incorporadoras Imobiliárias (Abrainc) em parceria com a Fipe. O segmento de médio e alto padrões teve crescimento de 13% no volume de unidades vendidas, e de 32,6% no valor total das vendas. O estudo reflete dados de 20 empresas do setor.

Outro levantamento, realizado pela Consultoria Brain, aponta que os consumidores de alta renda, que ganham acima de R\$ 15 mil por mês, estão entre os mais propensos a comprar imóveis no país nos próximos dois anos. Com uma demanda recorde nos últimos cinco anos, mais de 50% desse público planeja adquirir imóveis.

Estas são tendências que se repetem na Paraíba. De acordo com o diretor-secretário do Conselho Regional de Corretores de Imóveis da Paraíba (Creci-PB), Glauco Moraes, a demanda por imóveis de luxo é alta em João Pessoa, principalmente na orla marítima.

Ele ressaltou que mais da metade dos consumidores neste caso, são pessoas de fora

do estado e por vezes até de fora do país. "Costumam ser clientes com perfil mais exigente", comentou.

Glauco também contou que as unidades mais procuradas são as menores, que costumam ser usadas pelos proprietários apenas para um período de férias ou veraneio e podem ser alugadas no restante do tempo. "Luxo não pressupõe tamanho", afirmou ele explicando que mesmo apartamentos pequenos podem se enquadrar nessa categoria.

Para ele, os imóveis de luxo são bem localizados, com bons projetos arquitetônicos, ambientes climatizados, tecnologia, inovação e conforto. Os serviços agregados também são importantes. "Hoje temos prédios com academia completa, com aplicativos que disponibilizam diversas facilidades aos moradores. Uma tendência também é a substituição do porteiro pela figura do *conciERGE*", disse.

Além das funções de um porteiro comum, o *conciERGE* é um profissional preparado para instruir os hóspedes com informações importantes e auxiliá-los em tarefas como chamar um táxi, fazer reservas em restaurantes, encontrar boas lojas, etc.

Arquitetura

Para o arquiteto Ricardo Nogueira, responsável por

diversos projetos de imóveis de luxo na capital paraibana, luxo é muito mais do que ostentação e materiais caros. "Tem a ver com ter todas as suas necessidades atendidas", explicou.

Ele argumentou que muitas vezes a experiência é mais importante do que o valor material. "Um hotel de luxo, hoje, não é o que tem uma TV de 50 polegadas no quarto, é o que você acorda com o cheiro da planta local que só tem naquela região", exemplificou. "A exclusividade, aquilo que é singular, também traz uma percepção de luxo", completou.

Ricardo Nogueira contou que a demanda por imóveis de luxo realmente é alta. "Isso é muito comum. As empresas chegam com o desejo de um projeto único, que transmita a percepção de alto padrão", afirmou.

Assim como Glauco, ele também destacou que boa parte das vendas desse tipo de imóvel envolve compradores de fora do estado. "Dos apartamentos pequenos, mais da metade [dos compradores] é de fora do estado. Apartamentos maiores, o número é de 35% a 40%. Geralmente eles procuram produtos mais exclusivos e é um público que tem uma renda mais alta do que a média do estado", estimou.



Foto: Arquivo pessoal



Exclusividade, aquilo que é singular, também traz uma percepção de luxo. A experiência vale mais do que o valor material

Ricardo Nogueira



Foto: Arquivo pessoal



Luxo não pressupõe tamanho. Mesmo apartamentos pequenos podem se enquadrar nessa categoria

Glauco Moraes

Arquiteto diz que as empresas chegam com o desejo de um projeto único, que transmita a percepção de alto padrão



Foto: Reprodução/Habitat Incorporação e Construção

Economia em Desenvolvimento

Amadeu Fonseca
amadeu.economista@gmail.com | Colaborador

Um retrato das escolhas financeiras no Brasil

Nos últimos anos, o mercado de apostas esportivas tem crescido exponencialmente no Brasil, revelando uma tendência alarmante na alocação dos recursos financeiros dos brasileiros. Entre 2023 e 2024, os brasileiros destinaram R\$ 68,2 bilhões às apostas on-line, enquanto a captação do Tesouro Direto entre 2022 e 2023 foi de apenas R\$ 23,13 bilhões. Para cada R\$ 1 investido em títulos públicos, quase R\$ 3 foram gastos em apostas. Essa disparidade evidencia um problema que vai além de uma simples escolha financeira, apontando para uma questão comportamental profunda e preocupante.

O comportamento financeiro dos brasileiros em relação às apostas on-line sugere uma perigosa inclinação para atividades de alto risco. O viés comportamental do "ganho rápido", onde a promessa de um retorno substancial e imediato supera a análise racional dos riscos, é central para explicar essa escolha. Em um contexto onde a educação financeira ainda é limitada, muitos são seduzidos pelas apostas pela ilusão de que a sorte pode mudar suas vidas rapidamente. Esse fenômeno é explicado pelo viés de confirmação, onde os indivíduos se lembram mais das vitórias do que das perdas. Pesquisas revelam que, nos últimos 12 meses, os apostadores brasileiros perderam R\$ 23,9 bilhões, somando-se às derrotas acumuladas. Esse cenário não só intensifica o endividamento e outros problemas financeiros, mas também causa danos emocionais significativos.

Em contraste, o Tesouro Direto, uma das opções de investimento mais seguras disponíveis no mercado, captou R\$ 23,13 bilhões entre 2022 e 2023. Esse valor, substancialmente menor em comparação com os gastos em apostas, sugere que muitos brasileiros ainda não compreendem ou não valorizam a segurança e a estabilidade dessa classe de investimento. Enquanto o Tesouro Direto oferece retornos previsíveis e seguros, as apostas apelam à falsa promessa de "dinheiro fácil", uma percepção equivocada que, a longo prazo, pode causar sérios prejuízos.

Investir, na prática, exige paciência, planejamento e resiliência. Já as apostas exploram impulsos e desejos imediatos, desviando recursos que poderiam ser mais produtivamente empregados em investimentos de longo prazo, que beneficiariam tanto o investidor quanto a economia do país, por meio da geração de emprego e renda.

Diante desse cenário, o Governo Federal anunciou novas regulamentações para o mercado de apostas on-line, que entrarão em vigor em 2025. Essas regulamentações buscam mitigar os riscos associados às apostas, responsabilizando as empresas por publicidades enganosas e exigindo a suspensão de contas de apostadores em risco de dependência. No entanto, a solução para esse desequilíbrio financeiro vai além da regulação.

A grande disparidade entre os altos gastos com apostas e a captação em investimentos seguros revela um desequilíbrio preocupante nas escolhas financeiras dos brasileiros. Para assegurar um futuro financeiro mais estável e seguro, é fundamental enfrentar esses vieses comportamentais e promover uma cultura de investimento responsável. Embora a nova regulação seja um passo positivo, ela precisa ser acompanhada de uma educação financeira contínua, que incentive decisões mais equilibradas e garanta uma melhor alocação de recursos, beneficiando tanto os indivíduos quanto a economia do país.

APEXBRASIL

Ação gera negócios com 63 países

Maior programa de incentivo às exportações brasileiras completa um ano com mais de 700 empresas atendidas

Agência Gov

O programa Exporta Mais Brasil, criado pela Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (ApexBrasil), completou um ano neste mês. Desde agosto de 2023, foram realizadas 5.145 rodadas de negócios entre compradores internacionais e empresas brasileiras, gerando uma expectativa de R\$ 469 milhões em negócios. Ao todo, 738 empresas já foram beneficiadas pelo maior programa de incentivo às exportações brasileiras já executado.

“O Exporta Mais Brasil é uma de nossas principais ações desde que chegamos na ApexBrasil e, completar um ano com números tão relevantes, é a demonstração do nosso acerto. Desde o ano passado, estamos realizando uma grande incursão pelo país, visitando empreendimentos, conversando com empresários, promovendo negócios com compradores dos cinco continentes que trouxemos especialmente para o programa”, comemora o presidente da ApexBrasil, Jorge Viana, lembrando que “a Agência tem se empenhado no fortalecimento de setores produtivos locais, especialmente do Norte e do Nordeste, de pequenas e médias empresas e de negócios liderados por mulheres – um compromisso da ApexBrasil com a equidade de gênero no comércio exterior”.

O vice-presidente e ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC), Geraldo Alckmin, diz que “a melhor forma de exportar é trazer o comprador para cá, sejam importadores da Ásia, dos Estados Unidos, da Europa ou da América Latina, para vender a eles os produtos”. Alckmin lembra ainda que “a empresa que exporta tem um *upgrade*, muda de patamar, avança mais. Todos os indicadores mostram isso”.

O incentivo à exportação de empresas de diferentes portes e setores é pauta governamental. “No governo do presidente Lula, estamos batendo recordes de exportação e o maior saldo da balança comercial. Queremos mais empresas exportando. Queremos pequenas e médias empresas também exportando. Por isso, a ApexBrasil e a equipe do Jorge Viana estão em todos os cantos do país com o Exporta Mais Brasil, indo a cada região, fazendo seu trabalho para o crescimento da exportação brasileira”, reforça Alckmin.

Em junho deste ano, o empresário Siderlei Luiz, da SM Madeiras, participou da edição do Exporta Mais Brasil voltado para o setor de processados de madeira sustentável, em Alta Floresta. A empresa dele é uma das pioneiras no desenvolvimento do manejo florestal sustentável no Brasil e certificada pelo FSC (Forest Stewardship Council). Segundo Siderlei Luiz, o programa trouxe expectativas positivas de vendas. “Esperamos atender os compradores de forma sustentável, mostrando aos clientes nossos melhores produtos e as melhores práticas de produção”, conta. O manejo sustentável promove práticas responsáveis na cadeia produ-



Foto: Divulgação/ApexBrasil

Rodadas de negócios colocam frente a frente compradores internacionais e empreendedores brasileiros

tiva da madeira e mantém a floresta de pé, contribuindo para a redução de queimadas e de desmatamento ilegal.

O comércio internacional também se tornou possível para a Casa da Sela. Igor Santiago, diretor da empresa, começou sua trajetória em busca de novos mercados com o Programa de Qualificação para Exportação (PEIEX) da ApexBrasil. Na edição de abril do Exporta Mais Brasil, focada em couro e peles, participou, pela pri-

meira vez, de uma rodada de negócios internacionais. “Nossa empresa é de Governador Edson Lobão, o polo industrial do couro no Maranhão, e a experiência de conversar com compradores de alguns países, como África do Sul, Colômbia e China, e o *networking* que tivemos foi muito importante para nós”, conta o empreendedor, lembrando as possibilidades de gerar bons negócios nos próximos meses.

As rodadas de negócios colocam frente a frente compradores internacionais com empreendedores brasileiros. “É uma experiência extraordinária conhecer novos fornecedores do Brasil trazidos pela ApexBrasil”, disse Craig van Heerden, diretor da HideSkin, da África do Sul, importador que compra, aproximadamente, 650 peles e couro bovino por mês e precisa aumentar o volume. Christian Orbe, gerente da Bunky, fábrica de calçados

IBGE

Artesanato
contribui para a
economia de 67%
dos municípios
brasileiros e
movimenta cerca
de R\$ 50 bilhões
ao ano

com 800 distribuidores no Equador, acrescenta: “É uma iniciativa linda da ApexBrasil e estamos abraçando as novas oportunidades, com o objetivo de fazer novos negócios”.

Produtos e serviços ligados a setores específicos da cultura brasileira, tipicamente *made in Brazil*, também entram nas rodadas. Em setembro do ano passado, por exemplo, evento realizado em Fortaleza reuniu 58 artesãos e artesãs das cinco regiões do país – de tipologias como cerâmica, madeira, fibras naturais e rendas – e 10 compradores internacionais, vindos da Holanda, Reino Unido, Irlanda, Áustria, Estados Unidos, China, Japão e Jordânia. Mais de 300 reuniões foram realizadas, com R\$ 1,7 milhões em negócios gerados durante o evento e em vendas futuras.

A artesã tocantinense Eliene Bispo, que faz trabalhos com capim-dourado há 23 anos e preside a Associação Dianapolina de Artesãos, na cidade de Dianópolis, sudeste do estado, fechou acordo com compradores da China e da Áustria. Eliene Bispo também integrou o PEIEX e essa experiência facilitou seu primeiro contato com o mercado internacional. “Quando comecei a exportar, foi um sofrimento, porque eu não sabia, ninguém sabia explicar como era que fazia. Então, foi muito interessante participar do PEIEX, vi que existem outras maneiras de a gente fazer”, relata a profissional, que traz na bagagem outro trabalho que lhe rendeu fama além-mar: a confecção das cerca de 180 pequenas peças em capim-dourado bordadas no blazer e no colete utilizados pela primeira-dama do Brasil, Janja Silva, no dia da posse presidencial. De acordo com o IBGE, o artesanato contribui para a economia de 67% dos municípios brasileiros e movimenta cerca de R\$ 50 bilhões ao ano.

“Esse é um programa criado para aproximar empresas de todas as regiões do comércio exterior, diversificando as origens das exportações brasileiras. O jeito de fazer isso é simples e eficaz: um diálogo franco e direto entre quem compra e quem vende. Às vezes, a empresa já está pronta para vender, mas ainda precisa de um apoio, e nosso objetivo é chegar até essas pessoas, conhecer suas demandas e levar a *expertise* da ApexBrasil sobre comércio exterior”, explica Jorge Viana.

“Rodando o país para as nossas empresas ganharem o mundo”

■ Em julho, o país bateu a marca de US\$ 30,9 bilhões exportados, um aumento de 9,3% em relação a julho de 2023

Com o slogan “Rodando o país para as nossas empresas ganharem o mundo”, o Exporta Mais Brasil foi criado com o objetivo de potencializar as exportações do país a partir de uma aproximação ativa com diferentes setores da economia, de todas as regiões do Brasil. Por meio do programa, empresas brasileiras têm a oportunidade

de se reunir com compradores internacionais que vêm ao país em busca de produtos e serviços de qualidade. “Não é por caso que as exportações brasileiras seguem batendo recordes. Em julho, o país bateu a marca de US\$ 30,9 bilhões exportados, um aumento de 9,3% em comparação com julho do ano passado, devido ao cresci-

mento do volume embarcado. Também conquistamos um recorde no acumulado do ano, de janeiro a julho”, destaca o gerente Regional da ApexBrasil, Jacy Bicalho Braga.

Nesse período de um ano, compradores de 246 empresas internacionais de 63 países vieram ao Brasil para fazer negócios e conhecer de

perto produtos brasileiros de diversos setores, como alimentos e bebidas, cosméticos, frutas e derivados, moda, artesanato, materiais de construção, produtos lácteos, couro e peles, manejo florestal sustentável, aquicultura e pesca, revestimento cerâmico, entre outros. Grandes compradores como China, Estados Unidos, Japão,

Alemanha, Reunido Unido, Chile, Colômbia, Uruguai e Arábia Saudita participaram várias vezes de rodadas organizadas pela ApexBrasil. Em 2024, 21 novos mercados foram somados ao programa. Entre eles, estão: Tailândia, Romênia, Lituânia, Bulgária, Armênia, República Dominicana, Jamaica, Filipinas e Islândia.

ARQUEOLOGIA

Projeto acha novos sítios no Sertão

Atividades científicas em municípios da região buscam preservar o patrimônio histórico e pré-histórico da Paraíba

Ascom Secties

A Paraíba pode chegar, em breve, ao marco de 150 sítios arqueológicos registrados. Isso porque o projeto de Atividades de Pesquisa, Educação Ambiental e Patrimonial na Bacia Sedimentar do Rio do Peixe (Apeap) encontrou vestígios de um novo sítio em sua área de pesquisa, que contempla os municípios de São João do Rio do Peixe e Poço de José de Moura. O projeto é fomentado pela Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties), em parceria com a Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq).

Ao todo, o estado possui 149 sítios arqueológicos cadastrados no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), sendo uma das principais referências quando o assunto é Paleontologia e Arqueologia. O projeto da Apeap nasce, portanto, com o objetivo de estimular a pesquisa científica, a preservação e a difusão do patrimônio pré-histórico e histórico da Paraíba, seguindo as premissas dessas áreas.

Mais de R\$ 70 mil foram investidos no projeto para as pesquisas na Bacia Sedimentar do Rio do Peixe. A ideia é desenvolver atividades de prospecções pa-

leontológicas, prospecções e salvamentos arqueológicos, educação patrimonial e educação ambiental. “Este é mais um exemplo de como o investimento em pesquisa e desenvolvimento científico impulsiona o conhecimento e o avanço do nosso estado. O projeto é importante, porque vai realizar um levantamento dos sítios paleontológicos e arqueológicos já existentes naquela área”, destacou o secretário da Secties, Claudio Furtado.

O gestor reforça que esse tipo de investimento faz parte da política do Governo João Azevêdo em levar melhorias para os equipamentos de Ciência, Tecnologia e Inovação do estado. Exemplo disso é esse incentivo no Vale dos Dinossauros, em Sousa, que traz melhorias para o turismo e também para a ciência, culminando no trabalho para a transformação do parque Vale dos Dinossauros em um geoparque reconhecido pela Unesco.

A iniciativa acontece em oito municípios paraibanos, sendo eles: Aparecida, Pomboal, Santa Helena, Poço de José de Moura, São João do Rio do Peixe, Sousa, Triunfo e Uiraúna. Contudo, a primeira etapa do projeto selecionou apenas três para o início das pesquisas. Os escolhidos foram Uiraúna, Sousa e São João do Rio do Peixe.



Fotos: João Rosa/Arquivo pessoal

Investimentos da Secties e da Fapesq permitirão o desenvolvimento de melhorias para a ciência, a cultura e o turismo

Com a pesquisa em campo, desde o início de 2024, o projeto é coordenado pelo professor Juvandi Santos e conta com mais cinco pesquisadores: a paleontóloga Juliana Carvalho; o historiador Thomas Bruno; o arqueólogo João Rosa; o condutor Luiz Carlos; e a bolsista Aniele Rodrigues. Eles foram os responsáveis pela descoberta recente em São João do Rio do Peixe e no Poço de José de Moura.

Segundo Juvandi, a meta

é finalizar, em dois anos, um grande levantamento “para saber o que tem na área da bacia sedimentar em termos de sítios paleontológicos e arqueológicos”. Além disso, também há a pretensão de “sugerir à Unesco a criação de um geoparque mundial para essa região”.

O arqueólogo, João Rosa, destaca a importância de conhecer bem o local para que a pesquisa tenha sucesso. “O local do sítio já era de conhecimento do nosso condutor, e

visitamos dois sítios com pegadas no município de São João do Rio do Peixe e outro em Poço do José de Moura”, afirmou.

João explica que, apesar de alguns desafios, como a perda de uma trilha de pegadas por erosão, a equipe conseguiu confirmar mais uma área descoberta no sítio de Poço de José de Moura. Segundo ele, a região será estudada em uma etapa posterior, em que será feita a avaliação do entorno, imagens

aéreas e de alta resolução em escala, além do georreferenciamento por satélite e registros tridimensionais das pegadas por meio de fotogrametria e scanner por infravermelho próximo.

“Essa digitalização das pegadas não é invasiva e permite a geração de modelos 3D compartilháveis com outros pesquisadores de forma remota, além de possibilitar a criação de moldes em impressoras 3D”, complementou.

Descobertas são relevantes para a ciência e para as comunidades

As descobertas recentes na região trazem um impacto significativo tanto para a comunidade científica quanto para a sociedade em geral. Um exemplo são as pegadas de dinossauro, que fornecem informações essenciais sobre a fauna que habitava o local milhões de anos atrás, auxiliando os paleontólogos a reconstruir o ecossistema e a compreender as mudanças climáticas ao longo do tempo geológico.

Já as gravuras rupestres revelam aspectos da cultura, do cotidiano e das crenças dessas populações. Dessa forma, as evidências arqueológicas se tornam fundamentais para que possamos compreender melhor a história da ocupação humana na América do Sul, contribuindo

também para a construção de uma identidade cultural mais forte para a região, tendo em vista que, além do valor científico, as descobertas também possuem potencial turístico.

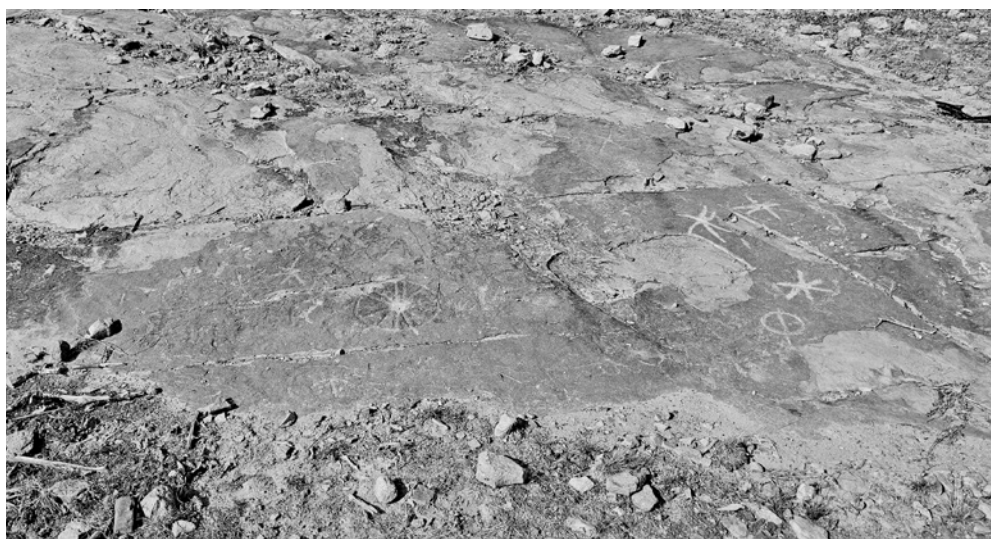
Para Juvandi Santos, a pesquisa vai além desse resgate histórico e cultural. Ela também tem a finalidade de conscientizar a população sobre a importância de preservar esses ambientes e promover a educação ambiental e a patrimonial.

“Paralelo às atividades de prospecções, a gente vem realizando, nos municípios, as atividades de educação ambiental e patrimonial. Ou seja, vamos às escolas, ministramos palestras e distribuímos folders explicativos. Também vamos levar os alu-

nos para conhecer os sítios dos seus municípios e entender a necessidade de se preservar esses locais”, enfatizou o professor.

Missão

Trabalho, coordenado pelo professor Juvandi Santos, tem a finalidade de conscientizar a população sobre a importância de preservar esses ambientes



Marcas e inscrições pré-históricas possuem valor científico, educacional e econômico

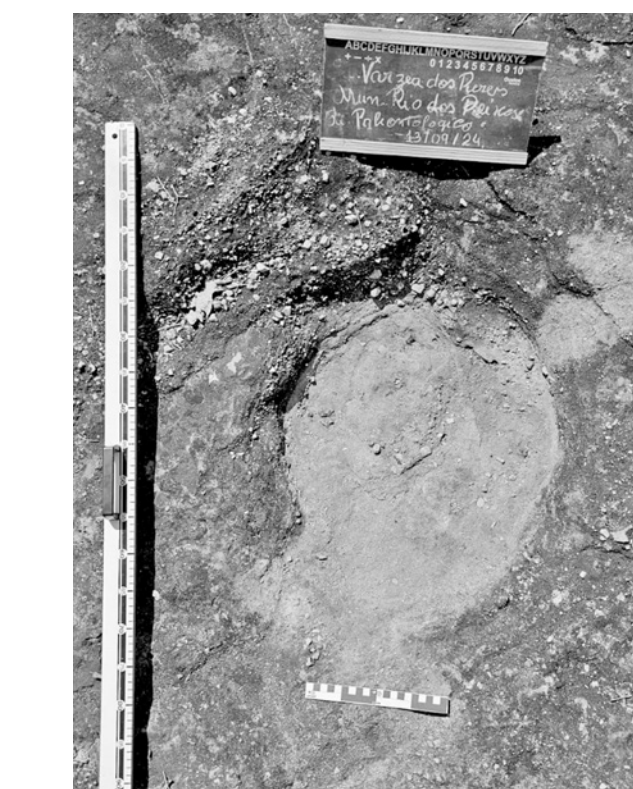
Grupo almeja transformar a Bacia em Geoparque Mundial da Unesco

A transformação da Bacia Sedimentar do Rio do Peixe em um Geoparque Mundial da Unesco pode parecer um objetivo ambicioso, mas é algo alcançável. O coordenador-geral do projeto destaca que o Geoparque Mundial é uma proposta que vai envolver sítios arqueológicos e paleontológicos nos oito municípios, que esse é um “sonho sonhado” em conjunto e que, apesar da dificuldade, ele acredita que é possível.

“É o nosso sonho a criação deste geoparque. A partir do momento em que ele se tornar um parque mundial, a Unesco e outros órgãos mundiais se preocuparão em guardar esse patrimônio”, explicou Juvandi Santos.

Um geoparque é uma área geográfica delimitada que possui um patrimônio geológico de grande valor. Esse valor não se restringe ao interesse turístico mas também abrange aspectos científicos e educacionais. A criação e manutenção de um geoparque devem, necessariamente, envolver as comunidades locais.

“O geoparque é, acima de tudo, social. Nós temos que envolver as comunidades, que é uma das exigências da Unesco. Isso será espetacular para a sociedade, pois as pessoas poderão trabalhar, explorar turisticamente os sítios arqueológicos da re-



Reconhecimento internacional deve atrair recursos

gião e ganhar dinheiro de forma sustentável”, destacou Juvandi Santos.

O vínculo com a Unesco faz com que a área ganhe reconhecimento e atenção internacional, impactando diretamente na captação de investimentos para a pesquisa científica e em outros setores relacionados. E, para além disso, também há contribuição para a preservação do patrimônio geológico e cultural da região. “Não vai ser fácil, mas vamos primeiro realizar as atividades de pesquisa que já estão em andamento e envolver a sociedade nas co-

munidades, seguindo, sempre, os trâmites legais”, finalizou Juvandi.

As recentes descobertas na Bacia Sedimentar do Rio do Peixe mostram a importância do investimento em pesquisa e desenvolvimento científico para o avanço do conhecimento e do desenvolvimento sustentável da Paraíba. Com o apoio da Secties e da Fapesq, a equipe de pesquisadores segue trabalhando em busca de novas descobertas da pré-história paraibana, garantindo a preservação desse patrimônio para as futuras gerações.

RIO PARAÍBA

Projeto atua na preservação da bacia

Pesquisadores analisam os efeitos do aquecimento global na região e propõem ações de desenvolvimento sustentável

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Ao longo de seu curso, a Bacia Hidrográfica do Rio Paraíba não garante apenas a água que o paraibano bebe mas também seu sustento por meio da agricultura, da pesca e do turismo. Considerada uma das mais importantes do Semiárido nordestino, ela abrange cidades-chave, a exemplo de João Pessoa e Campina Grande. Sua importância ambiental, no entanto, vai além: ela é vital para o equilíbrio ecológico e a regulação do clima. Foi justamente devido à sua importância para o estado que surgiu o Ripa (Rio Paraíba Integrado), projeto de Pesquisa Ecológica de Longa Duração (Peld), dedicado à preservação desse ecossistema. Ao todo, são 151 pesquisadores envolvidos no estudo dos efeitos das mudanças climáticas sobre a região.

À frente do Peld-Ripa, está o professor José Etham Barbosa, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), que define o projeto como uma referência para a ecologia brasileira. Segundo ele, o estudo é crucial para entender os padrões e processos da biodiversidade paraibana e sua conexão com a sociedade. “A bacia do Rio Paraíba abriga mais de 50% da população e é uma das principais responsáveis pelo PIB do estado. Sua relevância vai além do ambiental, abrangendo também aspectos políticos, sociais e econômicos. Foi com esse entendimento que decidimos utilizar a bacia como unidade de estudo”, conta.

Fatores ambientais

O Rio Paraíba nasce no Cariri, uma das regiões mais áridas do Brasil, e atravessa o estado até o litoral, enfrentando, ao longo de seu percurso, sérios desafios ambientais, como a desertificação, que avança pelo Nordeste — agravada pelo desmatamento e pelas mudanças climáticas.

Nesse cenário, a Caatinga, que cobre cerca de 90% do território paraibano, é um dos biomas mais impactados, tornando o Peld-Ripa ainda mais urgente. “Estamos tentando limpar as águas, despoluir os rios e melhorar a qualidade de vida nas paisagens naturais da bacia do Rio Paraíba. Outro foco é estudar a transposição do Rio São Francisco, que atravessa toda a bacia, não apenas como um projeto de segurança hídrica, mas como um motor de desenvolvimento para o estado”, explica o pesquisador.

Segundo ele, o Peld-Ri-

pa investiga desde os efeitos das perturbações naturais e antrópicas — causadas por atividades humanas — até a invasão de espécies exóticas. Além disso, analisa os impactos das mudanças climáticas sobre as comunidades biológicas e a qualidade da água. O projeto também promove ações de educação ambiental e popularização da ciência entre as comunidades tradicionais e ribeirinhas.

Organização

Desde 2021, José Etham coordena um grupo composto por seis pesquisadores estrangeiros, 50 professores de instituições brasileiras, além de seis pós-doutorandos, 36 doutorandos, 32 mestrandos e 43 graduandos, todos empenhados em compreender os impactos do aquecimento global na região. O grupo monitora o meio ambiente e atua, de forma integrada, no desenvolvimento de pesquisas em 10 linhas principais, distribuídas em três eixos: a transposição das águas do Rio São Francisco; as mudanças climáticas; e suas interações com a população.

Quanto ao trabalho em equipe, o coordenador do Peld-Ripa revela que é dinâmico e adaptado às necessidades de todos. A secretaria e a coordenação, localizadas na UEPB, gerenciam a logística e as demandas de calendário para as campanhas de campo, assegurando a alocação de recursos, transporte, materiais, hospedagem e até a reserva de barcos e veículos.

Entretanto, nem todos os pesquisadores participam simultaneamente das atividades, já que cada grupo tem um ciclo temporal e um espaço distintos. Alguns se concentram apenas na parte alta da bacia do Rio Paraíba, em áreas como Sumé e Monteiro; outros atuam na parte média, abrangendo Boqueirão, Cabaceiras e Campina Grande; enquanto outros focam na região do estuário e manguezais do baixo Paraíba. Além disso, há grupos que operam em todas essas áreas, mas em momentos distintos, de acordo com suas demandas.



Membros do Peld-Ripa promovem campanhas de campo para monitorar o meio ambiente em diferentes cidades



Fotos: José Etham/Arquivo pessoal

Estudo da UEPB tem três eixos: transposição do Rio São Francisco; mudanças climáticas; e interação com a população

Parcerias fortalecem atividades do grupo

O primeiro passo para impulsionar o projeto foi a criação de um núcleo sólido de pesquisa e pós-graduação, reunindo pesquisadores das principais instituições de ensino da Paraíba, como a UEPB (Universidade Estadual da Paraíba), o IFPB (Instituto Federal da Paraíba), a UFCG (Universidade Federal de Campina Grande) e a UFPB (Universidade Federal da Paraíba).

Além disso, foram firmadas parcerias com agências ambientais, como o ICMBio (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade), o Ibama (Instituto Brasilei-

ro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis), a Aesa (Agência Executiva de Gestão das Águas da Paraíba) e a Cagepa (Companhia de Água e Esgotos da Paraíba).

Já no âmbito nacional, o Peld-Ripa também colabora com universidades de destaque no país, como a USP (Universidade de São Paulo), a UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) e a UNB (Universidade de Brasília). São conexões importantes que, segundo o pesquisador, facilitam o acesso a parcerias internacionais, com instituições na Holanda, Es-

tados Unidos, Austrália, Espanha e Portugal, internacionalizando o projeto.

Compromisso

O professor da UEPB, José Etham, destaca que essa força-tarefa surgiu a partir de uma iniciativa do Governo do Estado, com grande incentivo da Fapesq (Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba). “Foi nesse contexto que nos pediram para reunir a massa crítica das universidades da Paraíba e formular o projeto”, explica Etham.

Além de contar com a chancela do CNPq (Con-

selho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), o Peld-Ripa recebeu um significativo apoio da Fapesq, com um aporte de R\$ 200 mil, assegurando sua operação por quatro anos.

O investimento não é por acaso e representa um sério compromisso com o meio ambiente, como ressalta o presidente da fundação, Rangel Junior. “A biodiversidade dos biomas paraibanos é um dos maiores patrimônios do estado. Cuidar da manutenção, manejo e preservação é a fórmula para o êxito nessa área”, afirma.

Educação ambiental é uma aposta para o futuro

Prestes a concluir o atual ciclo de pesquisas, os pesquisadores do Peld-Ripa se preparam para uma nova fase, que envolve a síntese dos resultados. Neste momento, o fundamental é identificar quais metas foram alcançadas e trabalhar

na popularização desse conhecimento.

Para o professor José Etham, a educação ambiental, é um dos pilares desse trabalho e tem tudo a ver com o desenvolvimento sustentável proposto. “Estamos concluindo este ci-

clo com várias monografias, dissertações, teses e artigos científicos. Além disso, todos os dados gerados ao longo destes anos estarão disponíveis em uma plataforma aberta e acessível, chamada Ecodat, que permitirá que qualquer parai-

bano tenha acesso a esses conhecimentos”, promete.

Para evitar que o trabalho ficasse apenas no campo teórico e distante da população, a equipe se dedicou, desde o início, a divulgar os resultados por meio de mídias sociais, vídeos, pales-

tras e mesas-redondas. Com o próximo ciclo de quatro anos no horizonte, o foco do grupo será obter um financiamento mais sólido, ampliar a internacionalização, atrair novos parceiros e converter essas iniciativas em políticas públicas.





JOGOS PARALÍMPICOS

Paraíba em Paris

Estado tem representantes no atletismo, bocha, taekwondo, futebol de cegos, judô e halterofilismo

Camilla Barbosa
acamillabarbosa@gmail.com

A partir da próxima quarta-feira (28), Paris se torna o centro das atenções do mundo esportivo, com a abertura dos Jogos Paralímpicos. A competição, que se estende até 8 de setembro, reunirá cerca de 4.400 atletas, os quais disputarão em 22 modalidades dentro e ao redor da capital francesa. O Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) convocou 280 representantes para competir em solo parisiense, dentre eles, 11 paraibanos.

A modalidade que mais rendeu condecorações olímpicas ao Brasil (170, divididas entre 48 de ouro, 70 de prata e 52 de bronze), é também a que terá mais participantes da Paraíba, desta vez serão quatro competindo em provas de atletismo.

Ariosvaldo Fernandes da Silva (o Parré), que é da classe T53 (compete em cadeira de rodas) vai para sua quarta participação consecutiva; Cícero Valdiran Lins Nobre, que compete na classe F57 (atletas com deficiência nos membros inferiores e que competem sentados) e foi bronze no lançamento de dardo nos Jogos Paralímpicos de Tó-

quio 2020; Joeferson Marinho, (classe T12, atleta com baixa visão), que foi o mais recente destes paraibanos a se dedicar profissionalmente à modalidade, em 2016.

Fechando a lista, vem Petrócio Ferreira, que busca o tricampeonato paralímpico na prova dos 100m da classe T47 (deficiência nos membros superiores). O velocista afirma que a ansiedade para viver mais uma experiência paralímpica supera a que sentiu antes da edição em que estreou (Rio 2016), na qual sagrou-se campeão nos 100m e foi prata nos 400m e no revezamento 4x100m.

“Esta será a minha terceira vez nos Jogos Paralímpicos e estou mais ansioso do que na primeira. Agora, eu já sou conhecido e sei como é a cobrança, mas cheguei aqui para me divertir e tentar conquistar mais um título para o nosso país”, afirmou ele à Agência Brasil. Além dos quatro velocistas, o técnico paraibano Pedro Almeida (Pedrinho) também integra a delegação brasileira.

Desde que o Futebol de Cegos foi incluído na competição, em Atenas 2004, os brasileiros não sabem o que é perder. A seleção pentacampeã deseja manter a hegemonia de maior

detentora de títulos paralímpicos, e contará com os dois goleiros (únicos integrantes do elenco que tem visão total) da Paraíba. Luan de Lacerda, que vai buscar sua terceira medalha de ouro – foi campeão na Rio 2016 e em Tóquio 2020 – e Matheus da Costa, que estreou em Paralimpíadas com ouro, na última edição, serão os arqueiros.

“A emoção é a mesma que a de Tóquio. Participar de uma Paralimpíada é sempre especial, é o ápice do esporte no mundo, estava na expectativa e a emoção foi grande de poder ser convocado. E, tendo muitos atletas da Paraíba sendo convocados, isso só mostra o quanto o esporte tem crescido aqui, no estado”, comemorou o arqueiro de Campina Grande.

Um detalhe importante e que traz ainda mais orgulho para o estado é que a comissão técnica do time é composta inteiramente por paraibanos, com destaque para o treinador Fábio Vasconcelos e o chamador Júlio César (Cesinha).

A Seleção Brasileira de Goalball terá um integrante paraibano em seu elenco. Jogando na posição de ala, Emerson Ernesto, da classe B3 (deficientes visuais que conseguem defi-

nir imagens), chega a esta edição com um currículo que já cita, entre outras conquistas, a de um ouro em Tóquio 2020. Além do jogador, o treinador Jônatas Cunha é outro representante do estado.

“Eu tive a honra de trabalhar com o Emerson desde os 14 anos de idade. Juntos, fomos campeões brasileiros juvenil, representando a Paraíba e tive a honra de encontrá-lo na seleção. Ele foi destaque no último campeonato mundial, como pivô, que é uma função muito difícil. Então, a gente tem muita expectativa no desempenho dele e confia muito que, mesmo jovem, ele possa ser destaque também nas Paralimpíadas”, comentou o professor.

A bocha olímpica, a quarta modalidade mais vencedora do Brasil na história dos Jogos Paralímpicos, com 11 medalhas (seis ouros, uma prata e quatro bronzes), contará com a atleta de Campina Grande, Laissa Guerreira, da classe BC4 (para atletas que têm deficiências severas, mas que não recebem assistência). A CPB também convocou sua mãe, Edna Maria, para a função de apoio.

O judô e o halterofilismo contarão com um representante da Paraíba cada: Wilians Araújo, mul-

ticampeão na categoria acima de 90 kg e detentor de uma medalha de prata na edição do Rio 2016, e Ailton de Andrade, categoria Até 80 kg, que vai em busca da primeira medalha olímpica, respectivamente.

No parataekwondo, Silvana Mayara Cardoso Fernandes vai em busca do primeiro ouro. Em sua estreia em Jogos Paralímpicos (Tóquio 2020), ela foi bronze na classe K44 (a única com disputa em Paralimpíadas, destinada a lutadores com coordenação e movimento afetados nos braços, ou ausência parcial dos mesmos), na Categoria Até 57 kg.

Retrospecto histórico

Como resultado de suas participações em Jogos Paralímpicos, o Brasil chega à França com 373 medalhas (109 ouros, 132 pratas e 132 bronzes), conquistadas desde a segunda vez em que competiu, nos Jogos de Toronto 1976 (em sua estreia, nos Jogos em Heidelberg, quatro anos antes, e em Arnhem 1980, não houve brasileiros no pódio).

Rio 2016 e Tóquio 21 renderam, igualmente, 72 medalhas ao Brasil. Competindo em casa foram 14 ouros, 29 pratas e 29 bronzes; já na última edição paralímpica, foram 22 ouros, 20 pratas e 30 bronzes.

TAEKWONDO

Delegação duplica em relação a Tóquio

Após sucesso em solo japonês, o Brasil terá mais atletas e chances de medalhas nos Jogos Paralímpicos de Paris

Fotos: Alessandra Cabral/CPB

Os Jogos Paralímpicos de Paris 2024 são apenas a segunda edição em que o taekwondo compõe o programa de provas. Na primeira aparição da modalidade, em Tóquio 2020, o Brasil participou com três atletas e os três subiram ao pódio: o paulista Nathan Torquato foi campeão na categoria até 61 kg, a paulista Débora Menezes foi prata (acima de 58 kg) e a paraibana Silvana Fernandes foi bronze (até 58 kg).

Este trio está de volta aos Jogos e, desta feita, acompanhado de mais três integrantes: os mineiros Claro Lopes (até 80 kg) e Ana Carolina de Moura (até 65 kg) e a gaúcha Maria Eduarda Stumpf (até 52 kg).

Das 37 delegações que enviaram representantes no taekwondo, a brasileira foi a mais bem-sucedida com as três medalhas. A Rússia, que à época competiu sob a bandeira do Comitê Paralímpico Russo, também chegou três vezes ao pódio, porém, todas na terceira colocação.

“Eu defino como um privilégio defender o título paralímpico aqui em Paris. Eu estou muito animado. Fiz história uma vez, vou lutar muito para fazer pela segunda vez. Não posso nem dizer que é uma pressão, mas alegria, felicidade de ser um dos favoritos ao ouro. Se tudo der certo, e vai dar certo, nós vamos trazer mais um ouro”, previu Nathan Torquato, que já está na França desde o último dia 16 e em treinamento intensivo na cidade de Troyes.



A paraibana Silvana Fernandes (E) durante treinamento em Troyes, na França, dentro dos preparativos para a sua estreia nas Paralimpíadas, que começam no próximo dia 28

yes desde o sábado, 17.

“Logo nos primeiros treinos aqui em Troyes já deu para liberar aquela ansiedade, que é natural da gente que vive essa expectativa pelos Jogos Paralímpicos. Por mais que seja minha segunda participação, sempre tem essa ansiedade boa”, explicou Nathan.

Dentre os convocados para Paris, ele foi um dos quatro

medalhistas no último campeonato mundial da modalidade, em Vera Cruz, no México. Na categoria até 63 kg, ele ficou com o bronze, mesmo resultado da paulista Débora (acima de 65 kg). A mineira Ana Carolina Moura foi campeã na categoria até 65 kg e a paraibana Silvana Cardoso Fernandes na categoria até 57 kg – na ocasião, Joel Gomes também foi bronze (até 80 kg),

porém, ele não conquistou vaga para os Jogos Paralímpicos de Paris.

“O Brasil está chegando forte nestes Jogos Paralímpicos. Somos potência em muitos esportes e no taekwondo também. Fomos campeões em Tóquio e esperamos ser em Paris de novo”, comentou a paraibana Silvana, que lidera o ranking mundial em sua categoria e que foi eleita

a melhor atleta do taekwondo paralímpico do Brasil em 2022 e 2023 e entrou duas vezes na lista de postulantes a melhor do mundo nas duas últimas temporadas na premiação da World Taekwondo, a federação internacional da modalidade.

“Posso dizer que chego mais tranquila, porque lá em Tóquio eu estava muito imatura, havia apenas dois anos

que eu estava no taekwondo. Agora já são cinco anos, venho de uma carga boa de treinamentos e competições e isso só me ajuda a chegar confiante nos Jogos Paralímpicos”, avaliou Silvana.

Os Jogos Paralímpicos de Paris começam em 28 de agosto e o Brasil será representado por 255 atletas com deficiência (280 no total) em 20 modalidades.

Maior número de mulheres brasileiras nas Paralimpíadas

O Brasil vai disputar as Paralimpíadas de Paris 2024 com a maior delegação feminina de sua história na competição. Serão 117 mulheres em uma equipe formada por 255 atletas no evento que acontece de 28 de agosto a 8 de setembro. A equidade de gênero foi um assunto que já

ganhou relevância durante os Jogos Olímpicos.

A maior delegação feminina do Brasil em Jogos Paralímpicos foi registrada na Rio 2016, com 102 participantes entre 278 atletas. Nos Jogos de Tóquio, em 2021, 96 atletas brasileiras estiveram na delegação de 259 convocados.

Um dos destaques da delegação brasileira é a mesa tenista Bruna Alexandre, que se tornou a primeira atleta brasileira, entre homens e mulheres, a disputar os Jogos Olímpicos e os Paralímpicos, nos quais conquistou três medalhas de prata e uma de bronze.

O atletismo é a modalidade com mais atletas brasileiras, com 33. Os destaques são Jerusa Gerber, recordista mundial dos 100m da classe T11 (deficiência visual), Beth Gomes (classe F52, cadeirante) e Lorena Spoladore, também da classe T11 e o paraibano Petrucio Ferreira,

o homem paralímpico mais rápido do mundo.

A natação terá 16 atletas do Brasil, como Carol Santiago, da classe S12 (baixa visão), Edênia Garcia, da classe S3 (comprometimento físico-motor). As mulheres serão maioria na delegação brasileira no levantamento de peso,

no taekwondo, no remo, no triatlo e no tênis de mesa. O Brasil já conquistou 373 medalhas na história dos Jogos Paralímpicos (109 de ouro, 132 de prata e 132 bronze). A melhor campanha aconteceu nos Jogos de Tóquio, em 2021, com 72 pódios (22 ouros, 20 pratas e 30 bronzes).



Treino do tênis de mesa em Troyes, cidade onde a delegação brasileira fez aclimação antes dos Jogos Paralímpicos, na França; agora, os atletas já se encontram na Vila Olímpica para a disputa da competição

BRASILEIRÃO

Bahia e Botafogo jogam na Fonte Nova

Rodada tem mais cinco jogos neste domingo e termina amanhã com o confronto entre Vasco e Athletico/PR

Camilla Barbosa
 acamillabarbosa@gmail.com

A 24ª rodada da Série A do Campeonato Brasileiro, que foi iniciada na tarde de ontem, tem seis confrontos programados para acontecerem hoje: Bahia e Botafogo jogam às 16h, na Arena Fonte Nova, em Salvador (transmissão Globo e Premiere); no mesmo horário, tem Criciúma x Grêmio (transmissão Premiere); outro confronto das 16h é Fortaleza x Corinthians (transmissão Premiere); São Paulo e Vitória (transmissão Premiere) entram em campo às 18h30, no Barradão, e o Internacional enfrenta o Cruzeiro (transmissão Premiere), 30 minutos depois, no Beira-Rio; Flamengo e Bragantino (Premiere) performam o último duelo do domingo, às 20h.

Bahia x Botafogo

Vivendo uma ótima fase, o Botafogo, que garantiu, na última quarta-feira, vaga para as quartas de final da Libertadores, chega ao confronto de hoje buscando se manter na liderança da Série A. O adversário, porém, é bem indigesto até aqui: nas três vezes que se enfrentaram em 2024, foram dois triunfos do Bahia e um empate (Botafogo 1 x 2 Bahia – 1º Turno Série A, Botafogo 1 x 1 Bahia – ida das oitavas da Copa do Brasil, Bahia 1 x 0 Botafogo – volta).

Além do retrospecto favorável, o Leão de Aço jogará diante de sua torcida, na Arena Fonte Nova, que pode ser um fator decisivo para o desempenho do time, que busca adentrar ao G-4 da tabela.

Criciúma x Grêmio

O dia de hoje reserva também um confronto entre equipes sulistas. O Grêmio, que vem de derrota para o Bahia no Brasileirão, além de eliminação na Libertadores contra o Fluminense, deve ir com força máxima para enfrentar o Criciúma, que tem apenas um ponto a menos (25). O time catarinense, por sua vez, deseja lotar o Estádio Heriberto Hülse e vencer para se afastar, cada vez mais, da zona de rebaixamento.

Fortaleza x Corinthians

O Fortaleza recebe, na Arena Castelão, o Corinthians, duelo que será repetido duas vezes no próximo mês pelas quartas de final da Sul-Americana. Na briga direta pela liderança, o Leão do Pici inicia a 24ª rodada na segunda colocação, com 45 pontos (apenas um a menos que o líder Botafogo, que tem 46 pontos), e, pode assumir a ponta da tabela, em caso de tropeço do Glorioso.

Já o Timão precisa vencer para abandonar o Z4. Apesar de ter um retrospecto geral favorável no confronto (venceu 18 dos 33 jogos), o Corinthians não ganha do Tricolor desde maio de 2022, quando o duelo pelo Brasileirão daquele ano finalizou sob placar de 1 a 0. De lá para cá, foram três vitórias do Fortaleza, e três empates, de acordo com dados apresentados no site ogol.com.br.



Foto: Vitor Silva/Botafogo

Nos duelos deste ano, o Bahia tem levado vantagem sobre o Botafogo carioca com duas vitórias e um empate e, hoje, as equipes voltam a se enfrentar pelo Brasileirão

Foto: Gustavo Aleixo/Cruzeiro



O Cruzeiro conseguiu se classificar para as quartas de final da Sul-Americana ao eliminar o Boca Juniors e hoje está de volta ao Brasileirão contra o Internacional/RS

São Paulo x Vitória

São Paulo e Vitória têm duelo programado para iniciar às 18h30, no Estádio Morumbis. A equipe paulista é uma das brasileiras que avançaram às quartas de final da Libertadores na última semana e quer manter boa fase também no Brasileirão. Já o adversário da partida luta para não cair, e iniciou a rodada na 16ª posição, com 22 pontos, em 23 jogos.

São seis vitórias, quatro empates e 13 derrotas.

Internacional x Cruzeiro

O Estádio Beira-Rio, em Porto Alegre, será palco das emoções de Internacional x Cruzeiro.

O Colorado chega ao jogo com 25 pontos (seis vitórias, sete empates e seis derrotas), enquanto o Cabuloso tem 37 pontos (11 vitórias, quatro empates e sete derrotas). O con-

fronto será repetido na próxima quarta-feira, no Mineirão (jogo atrasado da quinta rodada do Campeonato Brasileiro, em função das enchentes no Rio Grande do Sul).

Flamengo x Bragantino

O último jogo de hoje pela Série A será protagonizado por Flamengo e Bragantino, a partir das 20h, no Maracanã. O time carioca vem de uma partida na altitude contra o

Bolívar, pela Libertadores, que, mesmo encerrada sob 1 a 0 para os anfitriões, lhe deu vaga para as quartas de final da Libertadores (o Rubro-negro venceu no jogo de ida, por 2 a 0).

Um dos desafios do técnico Tite para o duelo é superar os desfalques importantes que o Flamengo terá. Dois deles, o lateral-esquerdo Viña e o atacante Cebolinha, não atuam mais na temporada em função

de recuperação após cirurgias realizadas recentemente.

Já a equipe de Bragança Paulista quer virar a página da Sul-Americana, após ser superado pelo Corinthians, na última terça-feira, e focar na disputa da única competição que lhe resta em 2024: o Brasileirão. A rodada será complementada amanhã, às 20h, com o jogo Vasco x Athletico-PR, em São Januário (transmissão do Premiere).



Jogadores do Treze escutam atentamente a preleção antes do último treino visando o jogo decisivo de hoje em Itabaiana

ITABAIANA X TREZE

Começa decisão por vaga na Série C

Primeiro jogo acontece neste domingo, no Estádio Etelvino Mendonça, em Sergipe

Danrley Pascoal
danrleyp.e@gmail.com

Treze e Itabaiana começam a decidir as quartas de final da Série D do Campeonato Brasileiro. Hoje, às 16h, no Estádio Etelvino Mendonça, no interior de Sergipe, as duas equipes entram em campo para a disputa do primeiro dos confrontos que farão neste mata-mata. A volta será no próximo domingo (1º), no Amigão. Será a sétima vez que esse enfrentamento ocorrerá, considerando somente partidas oficiais, conforme o site ogol.com.br. O vencedor no placar agregado garante vaga na Série C de 2025.

Nas seis vezes que estiveram frente a frente, houve três triunfos do Treze, uma vitória do Itabaiana e dois empates. A derrota alvinegra aconteceu na primeira vez em que os dois clubes se enfrentaram, em 1998. Essas partidas foram válidas pelo Campeonato Brasileiro Série C e Série D. O último duelo ocorreu em 2018, pela Quarta Divisão, quando empataram por 3 a 3.

Campanha do Galo

O Treze fez uma grande campanha na fase classificatória da Série D. A equipe somou 31 pontos nas 14 partidas realizadas, sendo líder do Grupo A3. O time de Campina Grande venceu nove vezes, empatou quatro e perdeu apenas uma. A única derrota na primeira fase aconteceu con-

tra o Iguatu-CE por 1 a 0, fora de casa. Por conta do seu desempenho, o Galo teve a possibilidade de decidir as fases seguintes atuando no Amigão.

Dezesseis-avos de final

Na segunda fase da Série D, o Treze enfrentou o ASA-AL e alcançou um placar agregado de 4 a 1. Na primeira partida, o clube de Campina Grande foi um pouco melhor, mas, jogando em casa, o time alagoano impôs grandes dificuldades para o Galo. Os gols só aconteceram no segundo tempo. Aos 23 minutos, Thiaguinho bateu falta no ângulo e abriu o placar para o time paraibano. Dois minutos depois, Júnior Viçosa cruzou no segundo pau e Didira, de cabeça, deixou tudo igual.

Na segunda partida, o Galo foi dominante durante os 90 minutos e venceu por 3

a 0. Thiaguinho abriu o placar aos sete minutos da primeira etapa após chute de fora da área. O segundo gol do Treze foi marcado pelo atacante Thiago Alagoano. Depois da defesa do ASA vacilar numa saída de bola, o atleta teve pouco trabalho para empurrar a bola para as redes, fazendo 2 a 0 aos oito minutos do segundo tempo. Aos 30 minutos, o clube paraibano marcou o terceiro gol com o volante Marquinhos, com assistência do lateral-esquerdo Airton. Com o triunfo, o Alvinegro garantiu vaga nas oitavas de final.

Oitavas de final

Na terceira fase, o Treze enfrentou o Altos-PI. Diferente da fase anterior, a equipe paraibana encontrou mais dificuldades para avançar. O confronto teve um placar

agregado de 2 a 2, o que levou a decisão da vaga para as penalidades, a qual o Galo venceu por 5 a 3. No primeiro encontro, o Alvinegro venceu por 1 a 0, mesmo atuando fora de casa com gramado ruim. Em Arapiraca-AL, Gui Campana marcou o único gol da partida, Marquinhos concedeu a assistência. Os donos da casa ainda perderam uma penalidade máxima, defendida por Igor Rayan.

O segundo e decisivo encontro foi de grandes emoções. Invicto, atuando em casa, o Treze quase viu a classificação ficar nas mãos da equipe piauiense. Os gols só saíram na segunda etapa. Wallace Pernambucano aproveitou uma sobra de bola para fazer 1 a 0. Depois do gol, o Galo não conseguiu controlar o jogo e as ações do adversário. Necessitando da vitória, o Altos

partiu para cima. A pressão visitante deu resultado. Aos 40 minutos, Valber empatou, e, aos 51 minutos, Adriano Napão virou a partida para 2 a 1. Com o revés em casa, o primeiro nesta edição da Série D, o clube paraibano decidiu a vaga nos pênaltis. Para se classificar, o Alvinegro contou com uma noite inspirada do goleiro Igor Rayan, que defendeu uma das penalidades e garantiu presença do time nas quartas de final. O Alvinegro marcou todas as suas cobranças e venceu por 5 a 3.

Adversário das quartas

O Itabaiana finalizou a primeira fase na liderança do Grupo A4 com 26 pontos. A equipe alcançou oito vitórias, dois empates e quatro derrotas. Na segunda fase, enfrentou o Atlético-CE e venceu os dois jogos, 1 a 0, fora de casa, e 3 a 0, em casa. Já nas oitavas de final, o clube sergipano atuou contra o Porto Velho-RO. Na ida, empatou por 2 a 2, atuando como mandante, e por 1 a 1 de visitante na volta. Nos pênaltis, venceu por 4 a 2.

Arbitragem

Paulo Cesar Zanovelli da Silva (CBF-MG) é o árbitro do primeiro jogo entre Itabaiana e Treze. Fernanda Nandrea Gomes Antunes (CBF-MG) e Felipe Alan Costa De Oliveira (CBF-MG) são os assistentes. O quarto árbitro é Murilo Francisco Misson Junior (CBF-MG). O VAR é Pablo Ramon Gonçalves Pinheiro (CBF-RN).



Foto: Antônio Lucas/Itabaiana

O time sergipano eliminou, nas oitavas de final, a equipe do Porto Velho e agora decide acesso com o Treze

Foto: Roberto Guedes

Em João Pessoa, o Santa Roza (foto maior) chegou a ser a “casa” do Teatro do Estudante; Afonso Pereira conduzindo ensaio da peça “O Sábio” (imagens abaixo), espetáculo montado em 1946

Fotos: Reprodução/Arquivo Afonso Pereira

TEATRO DO ESTUDANTE DA PB

Movimento da Dramaturgia

Pelos palcos de João Pessoa, na década de 1940, projeto iniciou a formação de uma primeira geração moderna para as artes dramáticas do estado

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

O Colégio Estadual da Paraíba se tornou o palco para os ensaios. Os atores eram os estudantes e o diretor, o professor Afonso Pereira. Foram dois anos de preparação até que o Teatro do Estudante da Paraíba (TEP) fizesse sua estreia no Cine-Teatro Rex. O espaço, situado na esquina da Rua Peregrino de Carvalho com a Duque de Caxias, na capital paraibana, recebeu a montagem da peça *O Sábio*, de Joracy Camargo, em 4 de outubro de 1946.

O professor da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Diógenes Maciel, vem pesquisando a dramaturgia e a história do Teatro no Nordeste e destaca que o Teatro do Estudante da Paraíba seguia o direcionamento dos movimentos estudantis de teatros, capitaneados por Paschoal Carlos Magno, a partir de 1938, no Rio de Janeiro.

“Não havia uma tradição de dramaturgia paraibana bem estabelecida àquela altura, o que só vai se dar na segunda metade do século 20. Portanto, seguia o direcionamento do Teatro do Estudante do Brasil, especialmente em relação a um repertório reconhecido, testado e aprovado, e que se adequaria aos objetivos de formação de público”, esclarece o pesquisador.

Diógenes ressalta que, apesar da documentação sobre o TEP ser muito esparsa e difícil de acessar, é possível reconhecer a relevância do grupo para a cena estadual. “Ali se iniciou um movimento de formação de uma primeira geração moderna para o nosso teatro, na medida em que se ia conduzindo um processo estético mais amplo do amadorismo estudantil que irá desaguar na geração posterior, após a montagem do *Pará-be-a-bá*”, peça escrita e encenada por Paulo Pontes, que iniciou sua carreira como ator no TEP.

A história da estreia do dramaturgo abre o primeiro capítulo do livro *Paulo Pontes: a arte das coisas sabidas* (Editora **A União**), de autoria de Paulo Vieira. Segundo o escritor, em 1956, sob a direção do professor Elpidio Navarro, como ninguém do grupo de teatro se dispunha a fazer o discurso de apresentação da peça *A Beata Maria do Egito*, de Rachel de Queiroz, na reinauguração do Theatro Santa Roza, um rapazinho franzino de 15 anos de idade se candidatou. Era Paulo Pontes.

“Foi quando, por pura sacanagem juvenil, resolveram, um pouco para se livrar daquele chato de galocha, metê-lo a fogo: já que ele insistia tanto, concederam ao magriçela a graça de apresentar ao público o espetáculo que ora estreava”, escreveu o biógrafo do dramaturgo. Segundo os relatos do professor Elpidio Navarro, o jovem Paulo Pontes teria começado o discurso com as seguintes palavras: “Meus amigos, boa noite. O

negócio é o seguinte...”. Dez minutos depois, a plateia aplaudiria, entusiasmada, o garoto desajeitado.

No período áureo, o Teatro do Estudante chegou a ser premiado no 2º Festival Brasileiro de Teatros do Estudante, realizado em 1959, em Santos, São Paulo, e que reuniu estudantes de todos os lugares do país. Sob a direção do pernambucano Walter de Oliveira, o TEP encenou a peça *João Gabriel Borkman*, de Henrik Ibsen, e arrebatou tanto os aplausos da plateia quanto os prêmios de Melhor Espetáculo, Melhor Ator (Waldez Juval) e Melhor Atriz (Risoleta Córdula).

Aos 84 anos, a atriz paraibana Zizita Matos recorda que o Teatro do Estudante costumava estar em cartaz no Teatro Santa Roza e chegou a assistir alguns espetáculos de sucesso do coletivo. “Foi um grupo que deu margem para que se criassem novos grupos e que fez montagens muito significativas”, ressalta a atriz. Apesar de ter estudado no Liceu Paraíba-

no (antigo Colégio Estadual), ela não chegou a participar do TEP, mas de um outro grupo, o Teatro Popular de Arte, que possuía uma maior preocupação política e uma produção voltada para o proletariado.

As informações sobre o fim do TEP também são difusas e estão associadas à repressão aos movimentos estudantis no período da Ditadura Militar, especialmente a partir de 1968, com a publicação do AI-5.

Segundo o ator, diretor e professor da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Duílio Cunha, em artigo publicado no livro *Dramaturgia, teatro e outros diálogos (inter)culturais* (Edupepb), o TEP foi gradativamente dando lugar ao Grupo Oficial do Teatro Santa Roza. “A última realização desse grupo é a montagem do espetáculo *A casa de Bernarda Alba* (em 1983), com texto de Federico Garcia Lorca e encenação do pernambucano José Francisco Filho”, afirmou Duílio.

Afonso Pereira, um professor que acreditava na iniciativa

A criação de um Teatro do Estudante já era um desejo dos alunos, mas apesar da encenação de uma peça, a iniciativa só ganhou corpo quando o professor Afonso Pereira assumiu o projeto e promoveu a primeira conferência preparatória, em agosto de 1944, que foi ministrada por Silvino Lopes com o título *Como fazer teatro*. Na ocasião, foi eleita a primeira diretoria e o cronista e teatrólogo assumiu a função de orientador. As informações são do Arquivo Afonso Pereira, entidade privada que abriga um valioso acervo da história da educação, cultura e ciências da Paraíba.

“Afonso Pereira acreditava fervorosamente que, por meio do Tea-

tro do Estudante, seria possível impulsionar o ensino público e privado por meio da arte cênica. Reconhecendo isso, desde cedo, ele percebeu o caráter pedagógico da arte”, registra o site oficial da entidade, que mantém um vasto acervo fotográfico das atividades do TEP. Para o docente, o estreitamento da relação entre sala de aula e teatro seria capaz de gerar diálogos e de contribuir para o desenvolvimento cultural dos estudantes por incorporar, nas peças, valores, comportamentos, ideias, contradições e experiências.

As dificuldades para financiamento não impediram que, nos anos seguintes à estreia, o grupo conseguisse realizar outras mon-

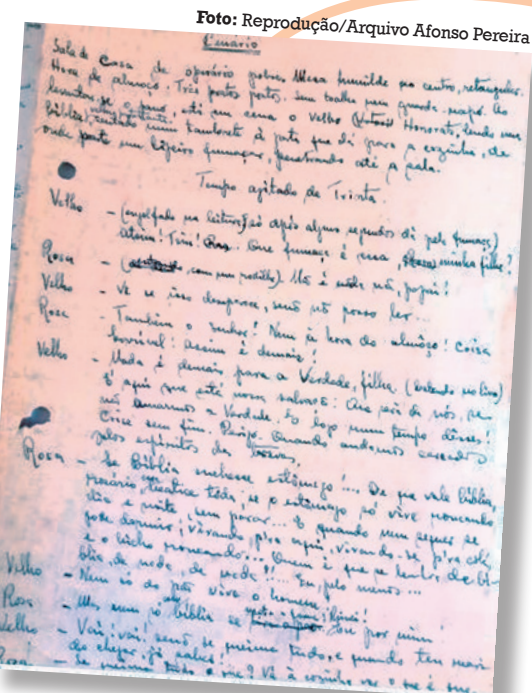
tagens. O professor gerenciava todos os custos, mantendo cuidadosamente as anotações financeiras e buscando apoio de setores públicos e privados para colocar no palco outras apresentações.

Na edição de 26 de maio de 1951 de *A União*, a notícia da estreia da peça *O Divino Perfume*, no Theatro Santa Roza, montada pelo grupo, destacava a aceitação do público e da crítica: “Os rapazes do Teatro do Estudante têm coragem e vontade forte. Têm disposição e amor à arte, sabem o que querem, e contam com os aplausos gerais de todos os meios culturais da nossa terra”.

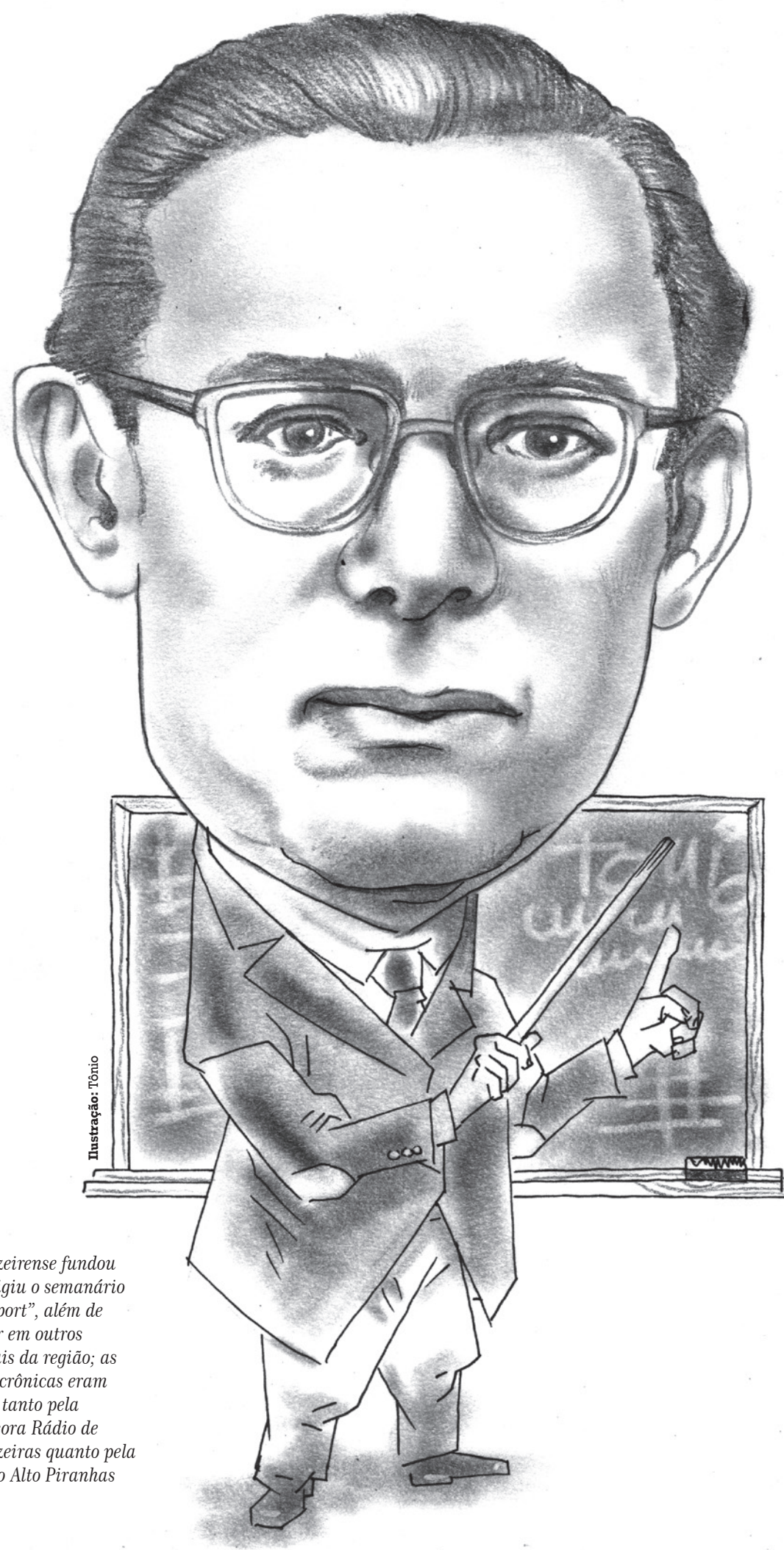
O pequeno trecho também revela uma outra situação que o pro-

fessor Afonso Pereira buscou superar: a presença exclusivamente masculina nos palcos. “Desafiando as normas sociais da época, ele reconheceu e celebrou o potencial das mulheres como artistas, abrindo caminho para que elas pudessem expressar e realizar seus talentos em uma área dominada pelos homens”, reporta a página eletrônica do Arquivo Afonso Pereira (arquivoafonsopereira.com.br).

Foto: Reprodução/Arquivo Afonso Pereira



Manuscrito da peça “Tempo agitado de trinta”, escrita por Afonso Pereira



Cajazeirense fundou e dirigiu o semanário "O Sport", além de atuar em outros jornais da região; as suas crônicas eram lidas tanto pela Difusora Rádio de Cajazeiras quanto pela Rádio Alto Piranhas

Antônio José de Souza Cotidiano sertanejo escrito pelo "Mestre-Escola"

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Se o jornalismo é fundamental numa sociedade democrática, nas pequenas cidades, o jornalismo local possui um papel relevante para o letramento político. Como autodidata, Antônio de Souza deu sua contribuição: nas lições que ensinava como professor; nas notícias dos jornais que dirigiu; nas crônicas que escrevia lançando um olhar crítico sobre os problemas que envolviam sua cidade e sua gente.

Antônio José de Souza, primogênito dentre os 11 filhos do casal José Raimundo de Souza e Leopoldina Maria de Jesus, nasceu em 1º de outubro de 1901, no Sítio Cotó, hoje Sítio Fátima, na cidade de Cajazeiras, no Sertão paraibano. Crescia interessado tanto no trabalho do campo para ajudar no sustento da família, quanto nas lições de ABC e de tabuada, aprendidas em casa mesmo. Quando começou a frequentar a escola particular do mestre Samuel de Albuquerque, já crescido, manteve a mesma dedicação, destacando entre os colegas. Somente aos 22 anos de idade conseguiu concluir o Curso Primário, no Colégio Padre Rolim, prosseguindo nos estudos no mesmo estabelecimento até o segundo ano do Curso Ginasial, o último que era ofertado.

Como não dispunha de recursos para se deslocar a outros centros urbanos, onde poderia concluir a formação, Antônio decidiu transmitir o que aprendeu e tornou-se professor. Durante o dia, ele ministrava aulas na Escola São Vicente de Paula para crianças pobres; à noite, ensinava os empregados do comércio local.

As investidas na comunicação começam por essa época. Em 1926, funda e dirige o semanário *O Sport*, o quinto jornal da cidade, que reunia notícias de atividades esportivas e sociais locais, além de literatura e humor. "Ligado às raízes da imprensa escrita de Cajazeiras, o jornal começou a circular em 11 de julho, prosseguindo até 1929, último ano de sua publicação", descreve o professor Francisco Chagas Amaro, no livro *Patronos e Patronesses da Academia Cajazeirense de Artes e Letras (Acal)*, onde ocupa a cadeira de nº 5, cujo patrono é Antônio José de Souza.

A boa aceitação do jornal e o alcance também em municípios vizinhos fez com que fossem adotadas mudanças editoriais. "*O Sport* surgia, mas com certa independência. Contudo, a necessidade financeira, somada à juventude e à inquietação típica de seu fundador levaram-no a tornar-se porta-voz da dissidência que, a partir de meados da década de 1920, cindira o grupo que disputava o poder, até então de forma hegemônica em Cajazeiras", relata Chagas Amaro, ressaltando que esse alinhamento político em nada diminuiu a boa qualidade do jornal enquanto circulou.

"Cajazeiras e seus problemas"

As passagens pela imprensa escrita não pararam por aí. Quando esteve à frente da tesouraria da prefeitura do município paraibano de Itabaiana, do fim de 1932 a julho de 1934, dirigiu *A Folha*, jornal oficial do município que além dos balancetes financeiros, trazia também das notícias sociais e políticas, além de crônicas e textos sobre a história da cidade. Mais tarde, em 1940, de volta a sua terra natal, as-

sumiu como redator de secretário do jornal *Estado Novo*, onde também assinava a coluna *Cajazeiras e seus problemas*.

A preocupação com as questões de sua gente também ganharam espaço nas emissoras de rádio, a partir dos anos 1960. Chagas Amaro, explica que as crônicas de Antônio de Souza eram lidas e ouvidas tanto pela Difusora Rádio de Cajazeiras quanto pela Rádio Alto Piranhas. O escritor transcreve trechos de algumas crônicas do Mestre-Escola, como era conhecido Antônio de Souza, evidenciando traços de um jornalista perspicaz e crítico tanto em relação à inércia do Poder Público quanto aos costumes que considerava retrógrados.

Por ocasião das comemorações dos 100 anos de sua terra natal, em 1964, o cronista alertava sobre um problema urgente da cidade: o lixo que invadia as ruas e praças. "Isso não pode continuar assim. Cajazeiras não comporta mais esses métodos de uma civilização rasteira. Precisamos ter melhor formação higiênica. Precisamos evoluir, deixando para trás os hábitos feios, os nossos costumes arcaicos, as nossas ações de baixa educação, encostando para o canto da história tudo aquilo que herdamos da velha formação de botocudos", escreveu Antônio José de Souza.

Em outra crônica, datada de 1967, o professor reconhece o crescimento da cidade, mas não fecha os olhos aos problemas sociais que paralisavam o progresso de sua cidade: "Há muita coisa errada em nossa cidade. Há muito desmantelo por aí afóra. Há muito o que se combater pelo bem de nosso povo, pela grandeza de nossa terra".

Com tantas críticas, não seria de estranhar que suas opiniões desagradassem parte de seus conterrâneos. Chagas Amaro conta que, ao se posicionar contra projetos de lagos amazônicos do governo brasileiro da época, porque as obras seriam financiadas pelo capital norte-americano, o empresário

Tota Assis, o chamou de "simpatizante da ideologia da esquerda, não se sabendo se de Havana ou Pequim". A resposta de Antônio, segundo o acadêmico, entraria para os anais das polémicas entre homens públicos de Cajazeiras.

Outro tema do cronista era a juventude. Para além do tom conservador, no qual recordava, saudosos, a mocidade de seu tempo, "vibrante", "entusiasmada", "corajosa" e "atrevida", e criticava as moças que se deixavam levar "pelas conversinhas açucaradas, enfeitadas com a lábia dos que lhe faziam a corte", também soube reconhecer as contribuições das semanas universitárias, festas que "ultrapassam as fronteiras da nossa cidade, indo, às vezes, atingir a imprensa falada e escrita das capitais da Paraíba, Pernambuco e Ceará, que estampam a divulgação do acontecimento, prestigiando assim a nossa terra e a nossa gente".

Boa parte de sua produção foi reunida pelo autor no livro *Cajazeiras nas crônicas de um Mestre-Escola*, uma coletânea com 78 crônicas, artigos, estudos históricos e reportagens, lançada em 1981. Anos depois, em 1987, lança o opúsculo *Subsídios para a História de Cajazeiras*, reunindo textos históricos sobre a presença do cangaço na cidade, além de outros escritos e discursos.

"Narrava os fatos com clareza e naturalidade de modo que prendia a atenção dos leitores. As histórias fluíram borbulhantes, parecendo uma fonte que jorra do alto de suas colinas. Sua maior preocupação estava com a educação da juventude e a história de Cajazeiras", afirmou a professora Irismar Gomes da Silva, em seu livro intitulado *Os feitos de Cajazeiras*.

Mas a trajetória profissional do menino do Sítio Cotó não se reduzia às letras. Antônio de Souza não recusava trabalho e não media esforços para assumir funções em outros municípios do estado. Atuou como balconista de loja, foi sacristão e secretário



Professor Antônio José de Souza apresentando o livro "Cajazeiras nas crônicas de um Mestre-Escola", no lançamento ocorrido em agosto de 1981, em Cajazeiras

paroquial de São João do Rio do Peixe, no Sertão da Paraíba, e trabalhou como auxiliar de escritório e fiscal de diversas repartições públicas, destacando-se as passagens pelo Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (Dnocs), passando pelos municípios paraibanos de Espírito Santo e Piancó. Em Cajazeiras, ele foi inspetor de Ensino e secretário municipal, chegando, inclusive, a assumir interinamente a prefeitura do município por um mês, em fevereiro de 1947.

"Em todas as suas funções, o professor Antônio de Souza, assim como em sua vida, nota-se uma personalidade afirmativa, ra-

dical, entusiasmada pela sua terra e pelas causas que abraçou e defendeu", destacou Irismar. "Sua vida foi trilha de histórias singulares. Era um exímio professor por vocação", completou a escritora.

Antônio José de Souza faleceu em 15 de julho de 1989, aos 88 anos de idade, na cidade em que nasceu. Em sua homenagem, seu nome foi dado ao ginásio de esportes do Centro de Formação de Professores, do campus de Cajazeiras da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), assim como a uma cadeira da recentemente criada, em maio de 2019, Academia Cajazeirense de Artes e Letras (Acal).

Angélica Lúcio

angelicalucio@gmail.com

Quem precisa se medir pela régua das redes sociais?

Há poucos dias, ouvi uma entrevista em que a atriz Alice Braga, com 20 anos de profissão, falava sobre a atual régua que mede muitos artistas: a capacidade de se expor nas redes sociais e atrair seguidores.

Durante bate-papo no *Podcast Mami-los*, a atriz demonstrou sua insatisfação com o que é imposto hoje pelo mercado: "Pressionam atores para terem seguidores porque só assim vão conseguir papéis", relatou a artista.

Enquanto ainda falava sobre esse tema, Alice Braga revelou que é tímida e que se incomoda com a demanda que é gerada pela necessidade de excesso de exposição nas redes sociais. Muitos atores precisam fazer infinitos vídeos, fotos, reels e stories para ganhar seguidores e, só assim, ser chamados para fazer um teste.

A insatisfação da atriz brasileira também se estende a outras categorias. Já ouvi médicos reclamando que se veem obrigados a criar perfis nas redes sociais porque, muitas vezes, é a primeira coisa que os pacientes perguntam.

Muitos profissionais, inclusive, não têm tempo para produzir conteúdo. Seja relevante ou não. Além disso, há quem se recuse mesmo a fazer parte desse estranho mundo, onde um dermatologista, um fisioterapeuta ou um cirurgião cardíaco precisam fazer dançinhas ridículas, para ser percebido pelos algoritmos e, por tabela, atrair seguidores e potenciais clientes.

A exemplo de Alice Braga, também sou tímida. E muita gente questiona: — Mas



Alice Braga: "Pressionam atores para terem seguidores porque só assim vão conseguir papéis"

vocês é jornalista, como pode ser tímida? Pois é, acontece. E isso é mais comum do que muita gente pensa. Não sou do mundo artístico, mas prefiro as coxias.

Eventualmente, deixo meu perfil no Instagram aberto e logo depois me arrependo.

Apago fotos e delete postagens numa velocidade absurda. Bloqueio pessoas. Fecho o perfil e volto para meu "infinito particular", talvez até ouvindo Marisa Monte.

Pensando bem, se minha profissão não me exigisse estar atenta a que ocorre

nas redes sociais, talvez eu nem sequer tivesse mais conta alguma. Sei que tais ambientes virtuais não se resumem ao binômio "céu-inferno", no entanto, mesmo quando eu me deparo com algum conteúdo interessante (e, sim, existe em profusão), há riscos de dependência dessas plataformas.

Felizmente, a compulsão por redes sociais não é o meu caso. Porém, tal mazelza afeta muitas pessoas em todo o mundo: de crianças a idosos. Há até quem diga que os Smartphones estão atualmente para os adultos como as chupetas estão para os bebês...

Todo esse mundo de gente, cada vez mais instigado pelo poder das *big techs*, está nas redes sociais à espera da nova foto ousada de uma atriz, do *nude* descuidado de um ator, da dançinha engraçada do oftalmologista, do falso rompimento do casal de *influencers*.

Em meio a tudo isso, preciso acreditar na previsão da atriz Cláudia Abreu (que não se preocupa com o número de seguidores) sobre esses estranhos acontecimentos nas redes sociais: vai passar. Em entrevista à Rádio Metrópole, ela comentou sobre a contratação de *influencers* em novelas. "O tempo vai dar conta disso. Eu acho que isso é um fenômeno atual e não acho que vai durar. Porque eu acho que a arte é muito forte e ela resiste", disse. Sim, como Cláudia Abreu, eu também acredito que o talento, o profissionalismo e a competência não resistirão. Seja em qual área for.

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

Conjuntos instrumentais — II

Quinteto da Paraíba — Não há nenhum demérito em se afirmar que o Quinteto da Paraíba "bebeu" sua inspiração nas mesmas águas antes navegadas pelo Quinteto Armorial. Afinal, os dois grupos, o pernambucano e o paraibano, advêm de uma mesma fonte da imaginação culturalmente fértil de Ariano Suassuna, filho da Paraíba, criado em Pernambuco.

Em parte, deve-se ao então Departamento de Música, adeso ao Centro de Comunicação, Turismo e Artes da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), a criação, em 1989, do nosso Quinteto da Paraíba. Ele surgiu com os mesmos propósitos que se enraizaram no estado vizinho: executar e divulgar obras de compositores brasileiros, preferencialmente nordestinos, com o mesmo enfoque de inspiração do Movimento Armorial.

Da formação inicial, participaram Yerko Tabilo e Ronedilk Dantas, violinos; Samuel Espinoza, viola; Nelson Videla, violoncelo e Xisto Medeiros, contrabaixo, portanto um grupo essencialmente composto de cordas. Devem-se ressaltar outras participações, em momentos diversos, como as de Anderson Carvalho, violino; Ulisses Silva, viola; Nilson Galvão, violoncelo, e do maestro Adail Fernandes, tido e havido, com muita justeza, como o sexto elemento do quinteto, dada a sua participação em criação dos arranjos camerísticos para músicas inéditas ou já consagradas no Nordeste.

Mesmo se tratando de um grupo dedicado à música de câmara, eles trafega-



Criado no fim dos anos 1980, Quinteto da Paraíba já participou de trilhas de filmes, realizou turnês internacionais e ganhou um Grammy Latino

gavam entre o erudito e o popular. Que o digam os cinco CDs (selo Kuarup) lançados pelo Quinteto: *Armorial & Piazzolla*, *Música Armorial, Capiba & Gonzaga*, *A Pedra do Reino e Nau Capitânia de Itamaracá*. Ao lado desses, restam-nos alguns outros trabalhos em que dialogam com compositores e intérpretes, como Sivuca, Antônio Nóbrega, Chico César, Lenine, Xangai, entre outros. Em 2019, foi lançado o CD *Ao Vivo em New York*, trabalho que é fruto de um período de residência artística nos Estados Unidos, realizada na Syracuse

University, quando foram realizadas atividades de *workshops*, *masterclasses* e concertos.

Além de participação em trilhas sonoras de vários filmes — *Central do Brasil*, *Por 30 dinheiros*, *Gonzaga: de pai pra filho* e *Death Letters* (filme tailandês, de 2006) — o grupo também se apresentou em concertos, shows e turnês pelo Brasil e pelo exterior (Argentina, Chile, Áustria, Bélgica, Espanha, França, Holanda, Itália e Portugal), com aparição em espetáculos televisivos das TVs Educativa, Cultura,

Senac e Globo, além de apresentações em festivais pelo país, com destaque para a abertura dos Jogos Pan-americanos, no estádio do Maracanã, em 2007, em parceria com o cantor Chico César.

Foi laureado com o Grammy Latino, em 2009, quando teve música incluída na novela global *O Caminho das Índias*.

O trabalho do grupo paraibano foi enaltecido por órgãos da imprensa internacional, como a revista *The Strad* (de Londres), *Gramophone*, *Classic FM Magazine*, *Repertoire* e *Diáspora*.



Eita!!!!

"O Corvo"

Estreou nesta semana nos cinemas paraibanos mais uma adaptação de *O Corvo*, baseado na história em quadrinhos do norte-americano James O'Barr. A saga do roqueiro que foi brutalmente assassinado com a sua namorada e atravessa os mundos dos vivos e dos mortos na companhia da sombria ave, em busca de vingança tem direção de Rupert Sanders, que realizou a versão cinematográfica do mangá *Ghost in the Shell*, em 2017, e conta com Bill Skarsgård (foto acima) como o protagonista. A obra — tanto no original quanto no cinema — tem diversas curiosidades, inclusive ligadas com um dos seus temas principais: a morte.

Partindo de tragédia pessoal

Pela morte se consegue o desejo da vingança? Pelo menos para o criador foi algo catártico: a criação de *O Corvo* partiu de uma tragédia pessoal. Quando a noiva morreu atropelada por um motorista embriagado, o jovem quadrinista autodidata buscou superar o luto pela arte, surgindo a inspiração para o gibi, publicado originalmente de forma independente em 1981. O'Barr trabalhou em sua história de amor, morte e vingança quando estava em Berlim, na Alemanha, trabalhando no Exército dos EUA ilustrando manuais de combate desarmado. "Eu apenas queria parar de pensar e ter alguma estrutura em minha vida. Mas eu ainda estava tão cheio de ódio e frustração que tinha que acabar com isso antes que me destruísse. Um dia eu apenas comecei a desenhar *O Corvo*", chegou a declarar o autor.

Morte nas filmagens

Outra tragédia marcaria o personagem, desta vez no cinema: na primeira adaptação, lançada há 30 anos, Brandon Lee, que interpretava o protagonista, foi morto acidentalmente durante as filmagens, por um fragmento de metal "cuspidor" no mecanismo de disparo pelo festim de uma das armas que foram usadas contra o personagem, resultado de um tambor mal limpo na preparação. Durante a produção, em 1993, o filho de Bruce Lee dizia que era o melhor filme que ele já tinha feito na sua curta carreira. Com uma nova edição, inserção digital do rosto do ator em dublês e outras filmagens, o longa de Alex Proyas estreou no ano seguinte, em tributo ao jovem ator, morto prematuramente aos 28 anos. O diretor da nova adaptação, Rupert Sanders, proibiu qualquer arma de fogo no set por uma questão de segurança.

Cinema e quadrinhos

Além da adaptação para o cinema de 1994 e esta nova em cartaz, houve mais três filmes baseado no universo de O'Barr: *O Corvo — Cidade dos Anjos* (1996), *O Corvo — Salvação* (2000) e *O Corvo — Vingança Maldita* (2005), todos abaixo da qualidade do primeiro. No Brasil, a HQ original foi publicada em 2003 pela finada Pandora Books e em 2018, em uma versão definitiva pela Darkside Books.

TECNOLOGIA

Computador usado por Steve Jobs vai a leilão

Expectativa é para o equipamento ser arrematado por meio milhão de dólares

Sabrina Brito
 Agência Estado

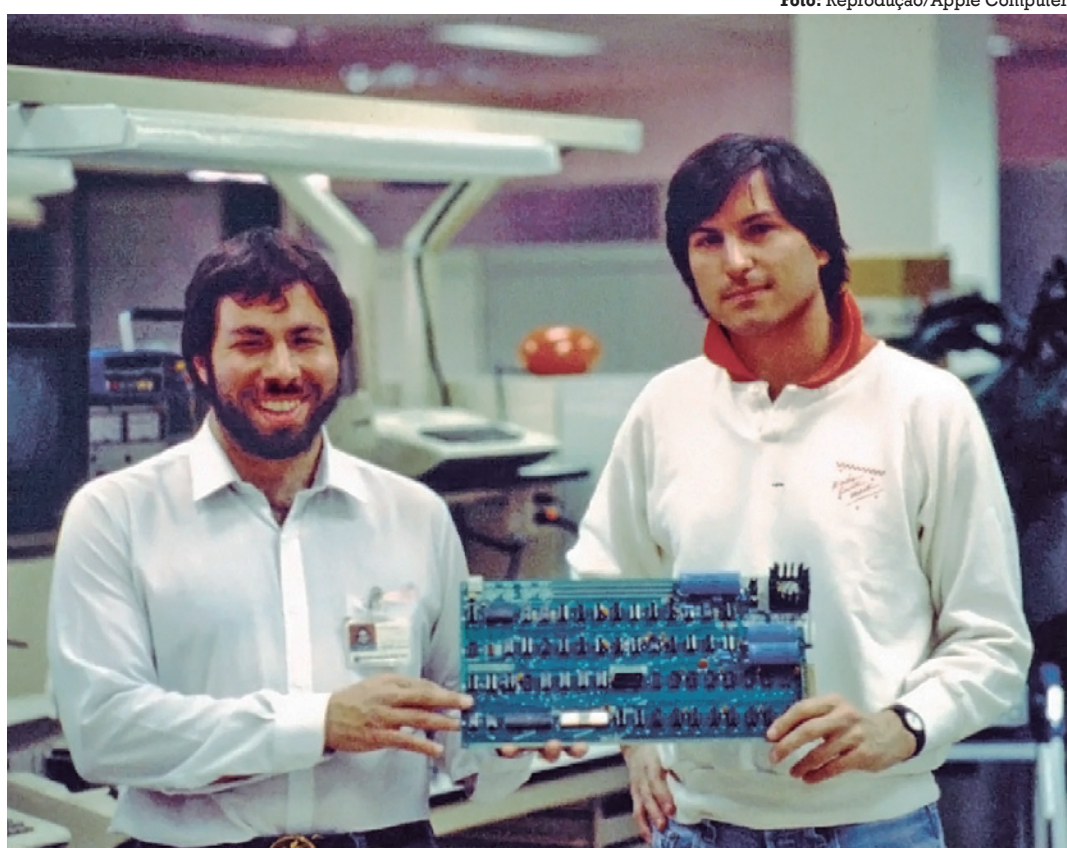
Um computador da linha Apple-1, primeiro PC a ser vendido com uma placa-mãe pré-instalada dentro da própria máquina, está sendo vendido pela casa de leilões Christie's com uma expectativa de arrecadar entre US\$ 500 mil e US\$ 800 mil. O dispositivo ficava na mesa do próprio Steve Jobs e será vendido no dia 10 de setembro, em Nova York, nos EUA.

Lançado em 1976 e concebido por Jobs e Steve Wozniak, o Apple-1 foi, de certa forma, marcante em seu tempo. Hoje, apenas metade das 200 unidades já produzidas são conhecidas, e somente 70 incluem a placa-mãe original.

De acordo com o site *New Atlas*, o financiamento do projeto do Apple-1 exigiu que Steve Jobs vendesse sua Kombi e que Steve Wozniak abrisse mão de sua calculadora HP. Cada unidade do computador custava, à época, US\$ 666,66, sendo que eles eram vendidos sem teclado ou monitor, conforme explica a Christie's. A placa-mãe, no entanto, já vinha pronta — diferentemente de outras daquele tempo.

Segundo a casa de leilões, Jobs afirmava que o Apple-1 era "um sistema de microcomputador verdadeiramente completo", "extremamente poderoso" e que "pode ser usado para tudo, desde o desenvolver de programas até jogar jogos".

A Christie's reitera ainda que "o legado do Apple-1 se estende para muito além de seu design



Engenheiro Steve Wozniak (E) e Jobs (D) segurando uma placa de circuitos do Apple-1, no ano de 1976

inovador", marcando "um momento fundamental na história da tecnologia".

Embora não tenha sido exatamente popular devido ao baixo número de unidades produzidas, o computador hoje à venda foi mantido por Steve Jobs em seu escritório como uma espécie de lembrança de tempos anteriores.

Mais recentemente, o Apple-1 foi incluído na coleção Paul G. Allen dentro do estabelecimento Living Computers: Museum + Labs. O museu não conseguiu sobreviver à pandemia da Covid-19, fazendo com que diversos de seus itens fossem levados a outras instituições ou, como o computador de Jobs, fossem a leilão.

Na mesma venda do Apple-1 estão itens como

um traje de voo de Buzz Aldrin, uma maquete da cápsula Gemini e uma máquina de códigos Enigma criada durante a Segunda Guerra Mundial.

Também estará no leilão uma carta escrita por Albert

Einstein para Franklin Delano Roosevelt informando sobre as intenções da Alemanha nazista de construir uma bomba atômica. O preço esperado para esse item vai de US\$ 4 milhões a US\$ 6 milhões.



Resposta da semana anterior: interrompe membro inferior (1) = pé + dança nordestina (2) = xote. **Solução:** garoto principiante (3) = pexote. **Charada de hoje:** No leito (2) do rei da floresta (2) estava escondido o lagarto (4).

Tiras

O Conde



Zé Meiotá



9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)



Solução

1 - língua da onça; 2 - cauda do passarinho; 3 - chifre do rinoc; 4 - olho do rinoc; 5 - bico do tucano; 6 - galho; 7 - folha; 8 - coco do rinoc; 9 - pinta do rinoc.

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com

TRANSTORNO ALIMENTAR

Consumindo o que não é comestível

O que leva as pessoas a terem a persistente vontade de comer substâncias que não são alimentos, tais como papel, sabão, tecido, cabelo, tijolo e terra?

Falar sobre essa condição não é regra nos consultórios e nem na mídia, em parte pela raridade do comportamento, em parte porque ele é pouco relatado por quem sente o ímpeto de “saborear” o que não é um alimento



Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

“Quando estou muito ansiosa, eu gosto de mastigar bucha de lavar louça e Bombril, mas eu não gosto de engolir, só sentir a textura”; “Eu comi tijolo molhado na gravidez, e, depois da bariátrica, comi muito gelo. Eu estava com deficiência de ferro”; “Minha neta come o reboco da parede e a casa fica cheia de buraco que ela faz. Já tomou sulfato ferroso, fez uma dieta indicada pela endocrinologista, mas nada resolveu”; “Eu tenho vontade de comer sabonete quando estou no banho”.

Esses relatos são comentários a uma publicação em vídeo, feita em uma rede social, por uma nutricionista, sobre a síndrome (ou seria transtorno?) de pica, picacismo ou picamalácia, termos utilizados para se referir à vontade de comer substâncias que não são alimentos, como sabão, terra e pedras. O nome vem de um pássaro chamado pega-rabuda ou pega-rabilonga (pica-pica), da família dos corvos, que habita o hemisfério norte e tem o hábito de consumir quase tudo que vê pela frente.

Falar sobre esse transtorno, no entanto, não é regra nem na mídia, nem nos consultórios, em parte pela raridade do comportamento, em parte porque ele é pouco relatado por quem sente o ímpeto de consumir o que não é comestível. Basta perguntar a alguém se já sentiu o desejo de comer terra, cabelo ou algo do tipo, que a resposta vai ser — quase sempre — de estranheza, pois associamos a prática ao absurdo, ao anormal e à loucura.

Nossa reportagem tentou contato com pessoas que já manifestaram picacismo, mas nenhuma delas aceitou conversar, mesmo com a garantia de que se manteria o sigilo quanto à identidade. Não falar colabora ainda para o subdiagnóstico e, conseqüentemente, para que

as pesquisas sobre o que provoca essa compulsão sejam pouco conclusivas. A maioria dos dados conhecidos são de estudos de casos. Não há um levantamento epidemiológico específico sobre a pica, que figura no grupo de transtorno alimentar no *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM)*, da Associação Americana de Psiquiatria.

Conversamos com nutricionistas e psiquiatras para entender os diferentes fatores que podem desencadear o transtorno de pica, a relação que ela mantém com outros transtornos, os riscos dessa prática e as formas de tratamento. Qual é a origem desse comportamento? Ele estaria ligado mais a uma deficiência nutricional ou a questões de saúde mental? Em que medida os desejos de mulheres grávidas ou os hábitos infantis poderiam ser associados ao picacismo?

“O importante é entender que é uma doença, um transtorno como outro qualquer. Ninguém tem por escolha ou por vontade. É algo que a gente não deseja para si, mas, uma vez acontecendo, você tem tratamento para isso”, pontua Mireille Almeida, médica psiquiátrica e diretora-executiva da Associação Brasileira de Transtornos Alimentares (AstralBR). Para a especialista, é preciso sair do campo do popular, desmitificar, superar uma abordagem do transtorno como algo inusitado, esquisito ou estranho. É com esse intuito que convidamos você a conhecer, a discutir e a pensar.

Confira a definição de picacismo, conforme o DSM

■ O DSM é o documento lançado pela Associação Americana de Psiquiatria, mas que serve de base para o diagnóstico de transtornos em todo o mundo, inclusive, em consultórios de saúde no Brasil. A definição de pica, no documento oficial sinaliza uma série de características específicas:

Características diagnósticas do picacismo (DSM-V)

A característica essencial da pica é a ingestão de uma ou mais substâncias não nutritivas, não alimentares, de forma persistente durante um período mínimo de um mês (Critério A), grave o suficiente para merecer atenção clínica.

As substâncias típicas ingeridas tendem a variar com a idade e a disponibilidade e podem incluir papel, sabão, tecido, cabelo, fios, terra, giz, talco, tinta, cola, metal, pedras, carvão vegetal ou mineral, cinzas, detergente ou gelo. O termo não alimentar está incluso porque o diagnóstico de pica não se aplica à ingestão de produtos alimentares com conteúdo nutricional mínimo. Geralmente, não há aversão a alimentos em geral. É preciso que a ingestão de substâncias não nutritivas, não alimentares, seja inapropriada ao estágio de desenvolvimento (Critério B) e não parte de uma prática culturalmente aceita (Critério C).

Sugere-se uma idade mínima de dois anos para o diagnóstico de pica, de modo a excluir a exploração de objetos com a boca que acabam por ser ingeridos, normal no desenvolvimento das crianças pequenas. A ingestão de substâncias não nutritivas, não alimentares, pode ser um aspecto associado a outros transtornos mentais (por exemplo, deficiência intelectual [transtorno do desenvolvimento intelectual], transtorno do espectro autista, esquizofrenia). Se o comportamento alimentar ocorrer exclusivamente no contexto de outro transtorno mental, então um diagnóstico distinto de pica deverá ser feito apenas se o comportamento alimentar for grave o suficiente a ponto de demandar atenção clínica adicional (Critério D).

CLASSIFICAÇÃO

Picamalácia não é mais síndrome?

Apesar das diferenças delicadas, os conceitos são importantes para entender como se desdobrará um diagnóstico

Marcella Alencar
marcella.t.alencar@gmail.com

O filme *Swallow*, lançado em 2019 e dirigido por Carlo Mirabella-Davis, conta uma história sobre uma jovem mulher aparentemente perfeita, casada com um marido rico e bem-sucedido. Sua vida parece ideal. Mas Hunter, a protagonista do longa-metragem, carrega um vazio existencial. Presa em um papel social que a reduz a uma figura similar a uma decoração na sua própria vida, ela acaba procurando materializar suas angústias internas pela ingestão de objetos e, desta forma, lida com parte de sua ansiedade e com uma gravidez inesperada.

O nome de Hunter (“caçador”, em inglês), interpretada por Haley Bennett, serve de alegoria e tradução ao ato de caçar. Desde o início, fica claro que seus anseios vão além da busca pelo pertencimento à família do marido. Ela deseja e caça o controle — sobre si, sobre seu corpo, sobre seu destino. Esse desejo, no entan-

to, se manifesta de uma forma incomum: Hunter desenvolve o transtorno de picamalácia, uma compulsão por engolir objetos. Pequenos e estranhos, os objetos que ela consome são um reflexo de sua necessidade de ter poder sobre algo, em uma vida que lhe nega qualquer agência real.

No caso da figura fictícia de Hunter, ela expressa a forma real de como um transtorno se configura em um emaranhado de fatores, como coloca Jônatas de Oliveira, nutricionista de abordagem comportamental que concluiu o aprimoramento em Transtornos Alimentares pelo Programa de Transtornos Alimentares da USP (Ambulim-IPq-HCFMUSP). “Quando pensamos em doenças da mente, estes transtornos não são escolhas ou predileções. Portanto, existe uma complexa interação de fatores”, comenta.

Em uma pesquisa exploratória realizada por Jônatas, percebeu-se uma tendência ao engajamento em comporta-

mento impulsivo quando sobre influência de fortes emoções negativas, mas, de acordo com ele, “ainda não está claro o papel deste comportamento visto em pica”.

A necessidade de sentir texturas e gostos distintos faz parte da picamalácia. Síndrome ou transtorno, estas nomenclaturas diferenciam a forma como as equipes de saúde tratam um determinado problema. A psicoterapeuta junguiana, Júlia Arruda, explica que as diferenças entre síndrome e transtorno são delicadas, mas importantes para entender como ocorre um diagnóstico. “Há uma diferença muito sutil. Transtorno é quando existe uma questão mais definida: Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG), Transtorno Bipolar (TB), transtorno Depressivo Maior (TDM). A síndrome é um conjunto de sintomas, que não necessariamente você consegue definir de onde vem ou o que é”.

Em consonância com o que propõe Jônatas de Oli-

veira, Júlia Arruda também define o transtorno como algo multifatorial: “Transtorno é algo que tem várias causas”. Para o nutricionista Jônatas, a picamalácia não se enquadra necessariamente como uma síndrome, já que é classificável pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM). “Pica não é mais uma síndrome, é um transtorno alimentar, como assim está classificado. Há ainda muitos mitos sobre a pica diante, sobretudo, da subnotificação de casos”, no entanto, o DSM já aponta o padrão de sintomas e o tempo de manifestação específicos que poderiam nortear o diagnóstico.



Psicoterapeuta Júlia Arruda explica que transtorno é quando existe uma questão mais definida e síndrome é um conjunto de sintomas, que não necessariamente se consegue definir de onde vem ou o que é

Doença geralmente apresenta algum outro transtorno associado

Na Paraíba, alguns casos já foram relatados, embora a abertura para tratar do assunto ainda seja difícil. No hospital Universitário

Lauro Wanderley, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em João Pessoa, onde a psiquiatra Raissa de Alexandria atende fora do seu consultório particular, a médica conta que atendeu a um caso recente de picamalácia em uma gestante. “Foi interessante, não apenas pela abertura do quadro na fase adulta (já que a maioria tem seu início na infância), mas particularmente enquanto a paciente estava grávida — já há relatos dessa associação

— tendo negado antecedentes de pica”. Raissa conta que ela já tinha um bom entendimento sobre a estranheza de comer papel.

“Existia o risco para ela e para o bebê, até mesmo pela toxicidade em potencial da tinta e a possibilidade de obstrução intestinal. Com muito esforço, ela conseguiu não ceder ao forte ímpeto de comer papel, como havia chegado a fazer no início da gravidez”, conta Raissa, que a acompanhou durante o processo.

Havia, de acordo com ela, uma forte motivação da sua paciente grávida em mudar o cenário. Ela teve também

apoio frequente de psicoeducação para que pudesse entender melhor sobre o transtorno. “Além disso, ela tinha um quadro comórbido de ansiedade, tratada com o antidepressivo Sertralina, e a evolução foi positiva das duas condições. No último trimestre, já não tinha mais sintomas e foi observada remissão completa na primeira consulta pós-parto”, conta.

Mireille Almeida, médica psiquiatra e diretora-executiva da Astral, pontua também algumas diferenças, embora não se atenha a diferenciar as duas definições: “Quando a gente fala de picacismo, a gente define como transtorno alimentar diante das classificações no capítulo de transtornos alimentares. Síndrome normalmente são um conjunto de sintomas que definem uma alteração ou doença. Mas, quando a gente fala dos critérios diagnósticos, normalmente a gente fala da classificação da psiquiatria, do DSM, que define essas alterações como sendo transtornos mentais”, enfatiza.

A classificação, portanto, é um processo que visa reduzir a complexidade de fenômenos para ter critérios objetivos de diagnósticos. Eles são importantes não apenas na esfera médica mas também para compreender melhor características fenomenológicas compartilhadas, como pontua pesquisadores importantes em artigos, como Taki Athanássios Cordás, sobre a humanização nos diagnósticos.

Sendo assim, a picamalácia se enquadra como um transtorno alimentar. Segundo o documento de referência — DSM5, os transtornos alimentares (TA) são caracterizados pela perturbação persistente na alimentação ou no comportamento, relacionado à alimentação. Ele é resultado de um comportamento alterado que compromete a

saúde física ou o funcionamento psicossocial.

De acordo com a nutricionista Carla Magalhães, que atua no ambulatório do Complexo Hospitalar Universitário professor Edgar Santos, ligado à Universidade Federal da Bahia (UFBA), a picamalácia geralmente apresenta algum outro transtorno associado. “É quase rotina uma pessoa com TA ter outro transtorno mental comórbido. Normalmente, transtorno de personalidade, transtorno de ansiedade generalizada ou transtorno depressivo maior”, pontua.

Carla Magalhães ainda ressalta que os transtornos alimentares não podem ser sobrepostos, embora algumas vezes eles possam se associar de alguma maneira: “A pessoa que tem anorexia nervosa, ela não tem bulimia junto. No que se refere à síndrome pica, algumas pessoas, por exemplo, que desejam perder peso, elas podem consumir produtos não nutritivos, ou seja, que estão isentos de calorias, com a intenção da busca pelo emagrecimento”.

A nutricionista comenta que já ouviu relatos de pessoas que embebedam algodão em algum líquido e engolem para preencher o estômago e eliminar a sensação de fome. “O que a gente geralmente pode observar é que um comportamento associado à pica em outro transtorno alimentar acontece com um interesse diferente de uma pessoa com apenas a pica”, explica Carla Magalhães.

Foto: Arquivo pessoal



Para critérios diagnósticos, normalmente se aponta a classificação da psiquiatria, que define essas alterações como sendo transtornos mentais, conta a médica Mireille Almeida

Foto: Arquivo pessoal



Para a nutricionista Carla Magalhães, é quase rotina uma pessoa com transtorno alimentar ter um outro transtorno mental comórbido



Ilustração: Bruno Chiossi

■ Classificar é um processo que visa reduzir a complexidade de fenômenos para ter critérios objetivos de diagnósticos, vital também para compreender melhor características fenomenológicas compartilhadas

ASSOCIAÇÃO

Deficiência de nutrientes é o problema?

Consumo intencional de itens não alimentares é comum especialmente entre crianças, adolescentes e grávidas

Marcella Alencar
 marcella.t.alencar@gmail.com

Os especialistas concordam que classificar e evidenciar o problema ajudam a criar soluções práticas para lidar com o transtorno, como pontua o também nutricionista Jônatas de Oliveira. “O diagnóstico é um caminho dentro do sistema de saúde, que permitirá acesso ao tratamento”. Para isso, é preciso apoio e incentivo à pesquisa, como conclui o nutricionista. “No Brasil, diferentemente dos países no Norte global, tem pouco incentivo, interesse e apoio para pesquisa em transtornos alimentares”.

Amilofagia (consumo de amidos crus), geofagia (consumo de terra), pagofagia (consumo de grandes quantidades de gelo) são os tipos mais comuns de pica, conforme apresenta Jônatas. “O desejo intenso e o consumo intencional de itens não alimentares é um problema comum em todo o mundo, especialmente entre crianças, adolescentes e mulheres grávidas”.

Porém, ele pondera que não existem dados conclusivos no Brasil. Jônatas de Oliveira aponta que relatos recentes têm mostrado que não apenas mulheres grávidas apresentam o transtorno, como também mulheres não grávidas e homens.

A falta de evidências científicas que ajudem a construir o diagnóstico ainda é uma lacuna enfrentada a respeito desse transtorno alimentar específico, como pontuou o nutricionista. A etiologia ainda não é bem determinada, embora haja uma série de fatores emocionais, sociais, biológicos e comportamentais que incorram no problema.

Nutrição e comportamento

Com dados de pesquisas científicas de revisão acerca desse transtorno alimentar, acreditava-se que o ato de comer terra seria a necessidade de um nutriente específico. Isso levaria a necessidade de buscar fontes não alimentares de ferro e zinco, podendo dar indícios do início do transtorno.

Jônatas de Oliveira também lança mão de alguns estudos para explicar a associação entre a picamalácia e a deficiência de alguns nutrientes, já que ela “está, significativamente, associada a um risco aumentado de anemia e baixa concentração de hemoglobina, hematócrito e zinco plasmático. Embora a direção da relação causal entre pica e deficiência de micronutrientes seja desconhecida, a magnitude dessas relações é comparável a outras causas bem reconhecidas de deficiências de micronutrientes”, explica.

É possível também citar que alguns autores pontuam a picamalácia como uma “manifestação da deficiência de zinco, mineral muito relacionado ao crescimento infantil e que, na deficiência leve, pode alterar o paladar. Essa alteração do paladar poderia levar à falta de discriminação alimentar e à pica”, conforme apontado no

artigo de Adriana Kachani e Tâki Córdas. No entanto, eles concluem que não há evidências científicas que corroborem essa ideia.

Jônatas de Oliveira lança mão ainda de outros estudos que complementam as motivações de consumo para os alimentos não alimentares que vão além das questões nutricionais: “Alguns autores listaram seis categorias determinantes para o consumo de substâncias não alimentares, como: motivação para a prática; história pessoal da prática; realização do desejo; satisfação na ingestão; compartilhamento do desejo e suporte familiar”.

Desta forma, é sempre importante observar o contexto cultural e individual. “Porque mulheres na gravidez podem apresentar esse comportamento e podem ter pouco manejo sobre os desejos por substâncias não alimen-

Nutricionista Jônatas de Oliveira diz que a picamalácia está significativamente associada a um risco aumentado de anemia e baixa concentração de hemoglobina, hematócrito e zinco plasmático



Foto: Arquivo pessoal

tares. Neste caso, pensamos na perda de autonomia comumente vista nos transtornos mentais”, ressalta o nutricionista comportamental.

Ao pensar sobre o contexto, a psiquiatra Raíssa de Alexandria ainda traz outros exemplos com os quais já teve contato. “Outros casos que já atendi no passado foram crianças que comiam ponta de lápis grafite, pedaços de parede e areia. Todos em contexto de déficit intelectual. Nas crianças, quando dentro do contexto de déficit intelectual ou transtorno do espectro autista (TEA), esse comportamento pode acabar não sendo valorizado, frente a alterações comportamentais que chamem mais atenção da família e cuidadores”, comenta.

Como consequência disso, os estudos sobre pica são relativamente escassos e ainda não há uma ampla gama de conhecimento sobre as causas, fatores de risco e prevalência da doença.

De acordo com especialista, há limites nos pedidos estranhos das mulheres gestantes

Marcos Carvalho
 marcoscarvalhojor@gmail.com

Os comportamentos associados ao picacismo ganham um desconto no quesito estranheza quando se trata de gestantes e, talvez por isso, os casos mais diagnosticados pertencem a esse público. O desejo por comidas diferentes ou mistura de alimentos pouco usuais — como feijão com leite e margarina com fruta — tendem

a ser considerados, sobretudo porque existe a crença de que não satisfazê-los pode provocar algum dano ao bebê. Mas há um limite.

A nutricionista Ingrid de Oliveira alerta que, a partir do momento em que os desejos avancem para comidas não convencionais ou substâncias não comestíveis, é necessário investigar e tratar a deficiência nutricional da paciente.

“Por meio de exames laboratoriais conseguimos identificar a necessidade de suplementação e qual tipo de suplementação a fim de repor nutrientes. Por isso, o acompanhamento nutricional desde o primeiro trimestre é essencial, levando em consideração que a alimentação é o melhor método de prevenção ou tratamento”, explica a nutricionista, que já chegou a atender uma gestante no estágio inicial de picacismo.

A profissional recomenda a elaboração de um plano alimentar a partir da conversa com a paciente que conte também com o apoio da família. Sugere ainda que se busque o auxílio de temperos naturais que aumentem o sabor da comida e que os pratos sejam mais coloridos para estimular e despertar a atração pelo alimento ofertado.

Na infância

Nas crianças, o comportamento de ingerir substâncias não nutritivas durante o estágio de desenvolvimento não pode ser associado ao transtorno de pica.

“Nos primeiros anos de vida, a criança possui uma tendência a provar coisas, colocar as coisas na boca, comer coisas de texturas diferentes como um caráter de exploração sensorial e isso não seria explicado como um picacismo. Agora, se ela passa a comer de uma maneira frequente e repetida por pelo menos um mês ou até mais, aí estaria desenvolvido, então, o transtorno”, esclarece a médica psiquiátrica Mireille Almeida.

Quando isso ocorre, o primeiro passo dos pais, segundo a especialista em transtornos alimentares, deve ser procurar entender o significado do comportamento da criança e o porquê de ela está fazendo aquilo para tentar colocar algumas regras. Caso o comportamento persista, a orientação é buscar ajuda de um profissional.

Apesar de alguns relatos de que o picacismo é mais comum em pessoas com TEA, Mireille Almeida argumenta que não é possível estabelecer uma relação direta entre os dois. Segundo ela, é preciso observar se a prática se dá por um comprometimento intelectual

no qual a pessoa não saiba diferenciar entre o que é nutritivo e não nutritivo. “A partir do momento em que você esclarece, reforça, recomenda, orienta, e a pessoa mantém esse padrão, mesmo já tendo uma compreensão sobre aquilo, e não consegue interromper o comportamento, aí sim, a gente estaria diante de um quadro de picacismo”.

Assim como outras alterações de comportamento, o picacismo ainda é muito cercado de preconceito. “Mesmo transtornos não alimentares, como ansiedade e depressão, ainda têm esse pano de fundo sombrio em relação a uma semelhança com a loucura ou, eventualmente, com esse componente fora do ‘normal’”, admite a psiquiatra.

Em todos os casos, o caminho para o tratamento passa pela desmitificação, por mostrar que se trata de algo que pode acontecer com qualquer pessoa e não existe um componente de responsabilidade, da pessoa se sentir culpada.



Foto: Arquivo pessoal

Segundo alerta da nutricionista Ingrid de Oliveira, a partir do momento em que os desejos avancem para substâncias não comestíveis, é necessário investigar e tratar a deficiência nutricional do indivíduo

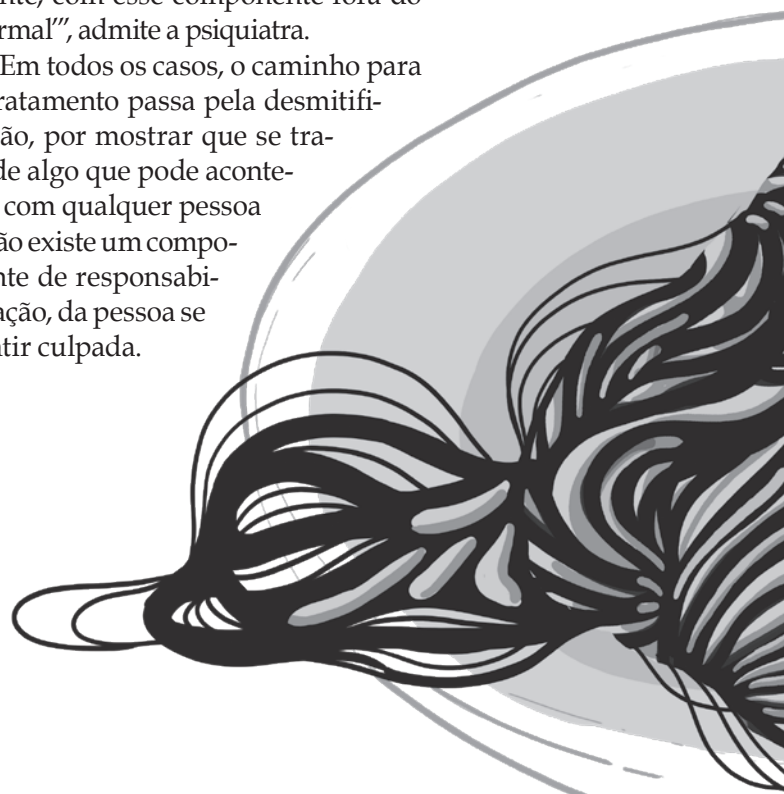


Ilustração: Bruno Chiossi

SILÊNCIO

“Vergonha em narrar as experiências”

Estigma recai sobre quem possui o transtorno de pica e pode retroalimentar um sistema de sofrimento

Marcella Alencar
marcella.t.alencar@gmail.com

Para chegar a um diagnóstico, é preciso considerar que raramente as pessoas buscam o tratamento para a pica-malácia, como ressalta o nutricionista Jônatas de Oliveira. “Existe muita vergonha em narrar as experiências”. A dificuldade em fechar uma identificação, como dito anteriormente, causa a subnotificação. Por conta disso, o silêncio e o estigma recaem sobre quem possui esse transtorno de pica e pode retroalimentar um sistema de sofrimento.

Parte do sofrimento ligado a esse processo de silenciamento, em relação ao transtorno, tem a ver com a consciência sobre o problema, como aponta também Carla Magalhães, nutricionista da UFBA. “As pessoas têm consciência de que elas não deveriam comer aquele item. E o que a gente observa muitas

vezes é que, por conta disso, elas ficam constrangidas em trazer esse relato para a equipe assistencial”.

“Quanto mais se esconde, quanto mais a gente não fala sobre isso, mais angústia e mais sofrimento isso acaba proporcionando. Ao não tomar conhecimento do que está acontecendo ou se informar a respeito, você acaba também tendo dificuldade para procurar ajuda para conseguir tratar esses quadros como um todo”, analisa a médica psiquiátrica Mireille Almeida.

Assim como no filme de ficção *Swallow*, a picamalácia pode causar problemas físicos e psicológicos ou pode também decorrer deles, como foi explicitado. Mais do que apenas um simples comportamento, a predominância dele por muito tempo pode revelar traumas ou questões emocionais subjacentes, como coloca a nutricionista Carla Magalhães. “O desejo daquela pes-

soa que tem pica é aquele interesse por um item. Mas não tem um objetivo. Geralmente pode ser para sentir prazer, ter algum tipo de benefício interno, uma regulação emocional, muitas vezes”. Esse comer, pode ser, portanto, um comer motivado por uma questão emocional.

Por ser considerado um hábito estranho, principalmente os adultos tendem a escondê-lo. Apesar de atuar há três anos à frente do ambulatório de transtorno alimentar da UFBA, Carla Magalhães nunca recebeu um caso de picamalácia, embora já tenha ouvido diversos relatos. “O que a gente geralmente pode observar é que, sim, as pessoas sentem constrangimento em relatar que comem produtos que não são alimentícios, né? Porque elas têm consciência de que o que elas fazem é algo inadequado. Elas sabem que aquilo ali não é, de fato, um alimento”.



Haley Bennett no filme “Swallow”: picamalácia pode causar problemas físicos e psicológicos

VARIAÇÕES HISTÓRICAS

Ingerir substâncias não nutritivas em práticas religiosas e culturais

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojr@gmail.com

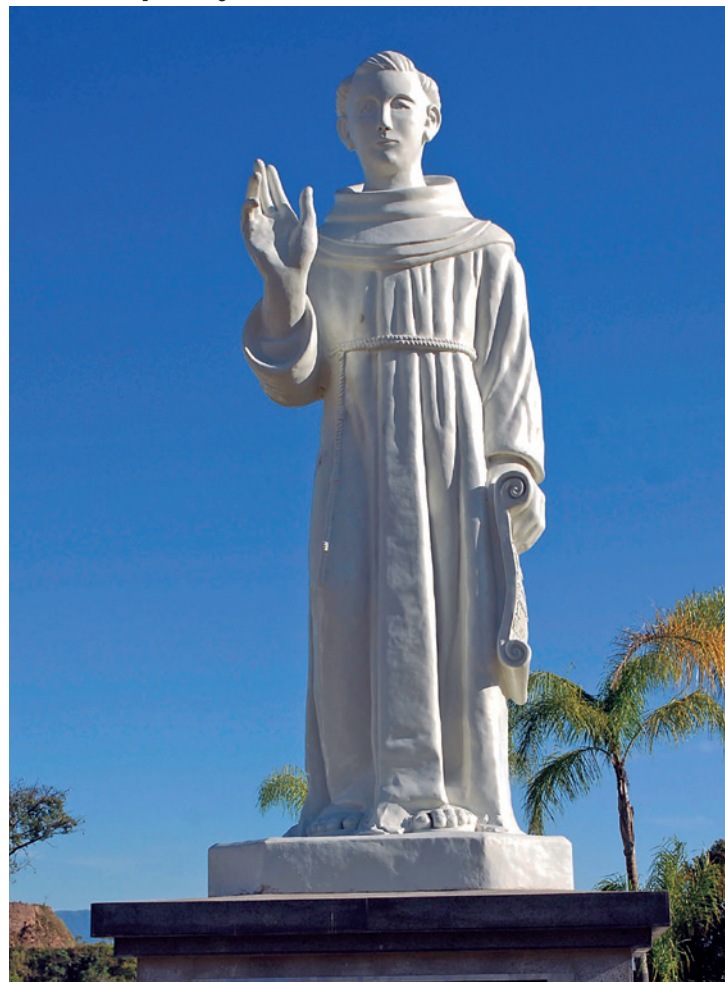
Consumir substâncias não nutritivas é um comportamento que vem de longa data. Na civilização grega, Aristóteles e Hipócrates já falavam sobre o perigo de ingerir gelo. No Império Romano, o médico Soranus descrevia a alotriofagia praticada por mulheres grávidas como forma de aliviar os desejos e sintomas gestacionais. No século 10, Avicena, considerado o “Príncipe dos Médicos”, orientava para a ingestão de ferro embebido em vinho como forma de suprir as deficiências nutricionais que levariam a comportamentos de pica, e no Império Otomano um sultão que comia argila divulgou a prática entre os europeus como saudável.

Ainda que não se trate necessariamente de um trans-

torno, ingerir substâncias não nutritivas também pode estar associado a práticas religiosas e culturais. No México, por exemplo, pesquisadores identificaram o costume de mulheres grávidas consumirem uma figura de argila da Virgem de Guadalupe para atrair bênçãos para a criança. Já no Brasil, são conhecidas as chamadas pílulas de Frei Galvão, feitas de papel no qual são escritas uma oração em latim, e que os fiéis costumam tomar para pedir a cura de alguma enfermidade.

Na Paraíba, um caso que ficou conhecido poderia ser caracterizado como urofagia: moradores das cidades de Píripituba, Belém e Caiçara, no norte do estado, que utilizavam a própria urina como medicamento. Sem qualquer comprovação científica, a “urinoterapia milagrosa”, como foi chamada pelo

Foto: Valter Campanato/Agência Brasil



Hábito

Variante da picamalácia, a geofagia é diretamente ligada ao ato de comer terra e solos semelhantes à argila e que pode manter relações com a fertilidade e a reprodução

Monumento em homenagem a Frei Galvão, em sua cidade natal, Guaratinguetá, em São Paulo: pílulas que levam o nome do religioso são feitas de papel

Centro Difusor de Práticas Alternativas de Vida da Diocese de Guarabira, prometia tratar diabetes, hipertensão, reumatismo, tosse, asma, dores na coluna, doenças venéreas, cardíacas e renais.

A geofagia, outra variante da picamalácia mais diretamente ligada ao ato de comer terra e solos semelhantes à argila, também pode manter relações culturais. Um estudo realizado por um laboratório dinamarquês com mulheres grávidas na costa do Quênia, na África, identificou que 73% delas tinham o hábito de comer terra regularmente e essa prática mantinha fortes relações com a fertilidade e a reprodução. Há relatos ainda de que povos indígenas das Américas temperavam alimentos como noz de carvalho e batatas com um pouco de terra para neutralizar o amargor.



Ilustração: Bruno Chaves